

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Ciências Econômicas

Programa de Pós-graduação em Demografia

ABDOUL RAZACK MAMOUDOU

**CARACTERIZAÇÕES SOCIODEMOGRÁFICAS DOS DOMICÍLIOS  
POLIGÂMICOS E NÃO POLIGÂMICOS NO BENIM, EM 2013; BURKINA FASO,  
EM 2006; E TOGO, EM 2010.**

Belo Horizonte, MG  
2022

Abdoul Razack Mamoudou

**CARACTERIZAÇÕES SOCIODEMOGRÁFICAS DOS DOMICÍLIOS  
POLIGÂMICOS E NÃO POLIGÂMICOS NO BENIM, EM 2013; BURKINA FASO,  
EM 2006; E TOGO, EM 2010.**

**Versão final**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Demografia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Demografia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raquel Zanatta Coutinho

Coorientador: Prof. Dr. André Braz Golgher

### Ficha Catalográfica

M265c Mamoudou, Abdoul Razack.  
2022 Caracterizações sociodemográficas dos domicílios poligâmicos e não poligâmicos no Benim, em 2013; Burkina Faso, em 2006; e Togo, em 2010 [manuscrito] / Abdoul Razack Mamoudou. – 2022.  
90 f.

Orientadora: Raquel Zanatta Coutinho.

Coorientador: André Braz Golgher.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional.

Inclui bibliografia (f. 76-85) e anexo.

1. Poligamia - Teses. 2. Fecundidade – Teses. 3. Demografia – Teses. I. Coutinho, Raquel Zanatta. II. Golgher, André Braz. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional. VI. Título.

CDD: 304.632



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DEMOGRAFIA

## ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE ABDOUL RAZACK MAMOUDOU Nº. REGISTRO 2020650988

Às quatorze horas do dia dezessete do mês de agosto de dois mil e vinte e dois, reuniu-se a Comissão Examinadora de DISSERTAÇÃO, indicada *ad referendum* pelo Colegiado do Curso em 12/07/2022, para julgar, em exame final, o trabalho final intitulado ***Caracterizações Sociodemográficas dos Domicílios Poligâmicos e Não Poligâmicos no Benim em 2013, Burkina Faso em 2006 e Togo em 2010***, requisito final para a obtenção do Grau de *Mestre em Demografia*.

Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Prof<sup>a</sup>. Raquel Zanatta Coutinho, após dar a conhecer aos(às) presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão composta pelos(as) professores(as) Raquel Zanatta Coutinho (Orientadora) (CEDEPLAR/FACE/UFMG), André Braz Golgher (Coorientador) (CEDEPLAR/FACE/UFMG), Bernardo Lanza Queiroz (CEDEPLAR/FACE/UFMG) e Maria Ignez Costa Moreira (PUC Minas) se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final.

A Comissão **APROVOU** o candidato por unanimidade. O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 17 de agosto de 2022.

Prof<sup>a</sup>. Raquel Zanatta Coutinho (Orientadora) (CEDEPLAR/FACE/UFMG)  
Prof. André Braz Golgher (Coorientador) (CEDEPLAR/FACE/UFMG)  
Prof. Bernardo Lanza Queiroz (CEDEPLAR/FACE/UFMG)  
Prof<sup>a</sup>. Maria Ignez Costa Moreira (PUC Minas)

PROF<sup>a</sup>. LAURA LÍDIA RODRÍGUEZ WONG  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Demografia



Documento assinado eletronicamente por **Bernardo Lanza Queiroz, Professor do Magistério Superior**, em 18/08/2022, às 11:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andre Braz Golgher, Coordenador(a) de curso**, em 18/08/2022, às 12:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Raquel Zanatta Coutinho, Professora do Magistério**



**Superior**, em 22/08/2022, às 11:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Ignez Costa Moreira, Usuário Externo**, em 22/08/2022, às 18:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Laura Lidia Rodriguez Wong, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 24/08/2022, às 16:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1680788** e o código CRC **B9F9B40E**.

## RESUMO

Nos países africanos, como em outras regiões do mundo, convivem diferentes regimes demográficos e estágios da transição demográfica, apesar de ser reconhecida a responsabilidade da região, exclusivamente a África Subsaariana na maior parte do crescimento da população mundial nas próximas décadas. No entanto, o contexto da África francófona apresenta tanto no ritmo, quanto na trajetória, heterogeneidades importantes nas variáveis demográficas. Além disso, há aspectos culturais que impõem na sociedade certas práticas e comportamentos que podem moldar os dinamismos demográficos. Por exemplo, os casamentos, que têm muitas vezes a finalidade de procriação, podem afetar os comportamentos da fecundidade e da mortalidade em uma sociedade. Na maior parte da literatura demográfica sobre essa região, muitos tentam descartar o peso do complexo diferencial cultural para se discutir as tendências. Por isso, o objetivo deste trabalho foi caracterizar as mulheres nos domicílios poligâmicos de países fronteiriços (Benim, Togo e Burkina Faso) no que tange às suas características sociodemográficas e culturais considerando as regiões e subdivisões administrativas nos últimos censos demográficos disponíveis de cada país. Partido disso, definiram-se os seguintes objetivos específicos: revisar as abordagens teóricas sobre a poligamia; analisar as proporções de mulheres polígamas, assim como a distribuição no território levando em conta as variáveis sociodemográficas e subdivisões administrativas (Benim, Burkina Faso e Togo); e analisar o possível impacto da prática nas características sociodemográficas. A pesquisa usou dados do Ipums-I de 2013, 2006 e 2010, respectivamente, do Benim, Burkina Faso e Togo para análises descritivas e exploratórias. Os resultados revelam que há uma predominância de mulheres não polígamas em relação às mulheres polígamas em todas as faixas etárias no Benim e Togo, exceto na idade avançada em Burkina Faso. Ressalta-se uma desproporcionalidade na prática da poligamia tanto nos países quanto nos níveis sub-regionais. Ou seja, a poligamia apresenta proporções distintas, sendo mais elevada em Burkina Faso, em seguida no Benim, e, por último, no Togo. Além disso, as mulheres polígamas têm um perfil socioeconômico, domiciliar e educacional mais baixo comparado ao perfil das não polígamas. Por exemplo, além de todos os países apresentarem predominâncias de mulheres polígamas na zona rural e com ensino primário incompleto, as proporções de mulheres polígamas eram maiores para aquelas que não possuíam eletricidade, esgoto, televisão e banheiro. Enquanto isso, os comportamentos das mulheres a partir das curvas das Taxas Específicas de Fecundidade Marital no Benim e em Burkina Faso são bem parecidos e se divergem das mulheres do Togo, pois a curva de TEFM das polígamas no Togo ficou a um nível abaixo e descolado daquela das monógamas. Enquanto isso, as curvas do Benim e Burkina Faso ficaram bem próximas e coladas com quase o mesmo nível entre essas mulheres. Enfim, a prática está associada às variáveis sociodemográficas. Essa associação foi negativa para os grupos etários, os níveis de educação, a religião cristã e para algumas sub-regiões; conseqüentemente, as razões de chances se diferem. Pode-se dizer que o fato de ser cristã, ter um filho vivo, possuir eletricidade, banheiro, ou saber ler e escrever, por exemplo, reduz a razão da chance de ser polígama. Contudo, os modelos indicaram que tanto as variáveis de características domiciliares, religiosos, socioeconômico e sub-regionais tiveram associações positivas ou negativas na poligamia.

**Palavras-chave:** Demografia da poligamia; Fecundidade; Mortalidade; Família; Casamento

## ABSTRACT

In African countries, like other regions of the world, different demographic regimes and stages of demographic transition coexist, although the responsibility of the region, exclusively sub-Saharan Africa, is recognized for most of the world's population growth in the coming decades. However, the context of Francophone Africa presents both in rhythm and trajectory, important heterogeneities in demographic variables. In addition, there are cultural aspects that impose on society certain practices and behaviors that can shape demographic dynamism. For example, marriages, which often have the purpose of procreation, can affect the behaviors of fertility and mortality in a society. In most of the demographic literature on this region, many try to discard the weight of the cultural differential complex to discuss trends. Therefore, the objective of this study was to characterize women in polygamous households of border countries (Benin, Togo and Burkina Faso) regarding their sociodemographic and cultural characteristics considering the regions and administrative subdivisions in the last available demographic censuses of each country. Based on this, the following specific objectives were defined: to review the theoretical approaches on polygamy; to analyze the proportions of polygamous women, as well as the distribution in the territory considering sociodemographic variables and administrative subdivisions (Benin, Burkina Faso, and Togo); and to analyze the possible impact of practice on sociodemographic characteristics. The research used Ipums-I data from 2013, 2006 and 2010 respectively from Benin, Burkina Faso and Togo for descriptive and exploratory analysis. The results reveal that there is a predominance of non-polygamous women in relation to polygamous women in all age groups in Benin and Togo, except in old age in Burkina Faso. A disproportionality in the practice of polygamy is emphasized both in countries and at sub-regional levels. That is, polygamy has different proportions, being higher in Burkina Faso, then in Benin, and finally in Togo. In addition, polygamous women have a lower socioeconomic, home and educational profile compared to the non-polygamous profile. For example, in addition to all countries presenting predominance of polygamous women in rural areas and with incomplete primary education, the proportions of polygamous women were higher for those who did not have electricity, sewers, television and bathroom. Meanwhile, women's behaviors via the curves of the Specific Rates of Marital Fertility in Benin and Burkina Faso are very similar and diverge from Togo women. For the TEFM curve of polygamous in Togo was a level below and cool from that of monogamous. Meanwhile, the curves of Benin and Burkina Faso were very close and glued to almost the same level among these women. Finally, practice is associated with sociodemographic variables. This association was negative for age groups, education levels, Christian religion and for some sub-regions, consequently the odds ratios differ. It can be said that being Christian, having a living child, owning electricity, bathroom, or knowing how to read and write, for example, reduces the reason for the chance of being polygamous. However, the models indicated that so many variables of household, religious, socioeconomic and sub-regional characteristics had positive or negative association on polygamy.

**Keywords:** Demographics of polygamy; Fecundity; Mortality; Family; Marriage

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Mapa político do Benim.....	12
<b>Figura 2:</b> Pirâmide etária do Benim, em 2013.....	13
<b>Figura 3:</b> Mapa político de Burkina Faso.....	15
<b>Figura 4:</b> Pirâmide etária de Burkina Faso, em 2006.....	16
<b>Figura 5:</b> Mapa político do Togo.....	18
<b>Figura 6:</b> Pirâmide etária do Togo, em 2010.....	19
<b>Figura 7:</b> Pirâmide etária das mulheres poligâmicas e não poligâmicas do Benim, em 2013....	42
<b>Figura 8:</b> Pirâmide etária das mulheres poligâmicas e não poligâmicas de Burkina Faso, em 2006.....	42
<b>Figura 9:</b> Pirâmide etária das mulheres poligâmicas e não poligâmicas do Togo, em 2010.....	43
<b>Figura 10:</b> As taxas específicas de fecundidades do Benim, em 2013; Burkina Faso, em 2006; e do Togo, em 2010.....	44
<b>Figura 11:</b> As taxas específicas de fecundidade marital do Benim, em 2013.....	45
<b>Figura 12:</b> As taxas específicas de fecundidade marital do Burkina Faso, em 2006.....	45
<b>Figura 13:</b> As taxas específicas de fecundidade marital do Togo, em 2010.....	46
<b>Figura 14:</b> As proporções das mulheres polígamas no Benim, por sub-região administrativa, em 2013.....	51
<b>Figura 15:</b> Mapas com as proporções de mulheres polígamas no Benim, por sub-região administrativa, em 2013.....	52
<b>Figura 16:</b> As proporções das mulheres polígamas de Burkina Faso, por sub-região administrativa, em 2006.....	53
<b>Figura 17:</b> Mapas com as proporções das mulheres polígamas de Burkina Faso, por sub-região administrativa, em 2006.....	54
<b>Figura 18:</b> As proporções das mulheres polígamas no Togo, por sub-região administrativa, em 2010.....	55
<b>Figura 19:</b> Mapas com as proporções das mulheres polígamas no Togo, por sub-região administrativa, em 2010.....	56
<b>Figura 20:</b> Mapa com as proporções de mulheres em uniões monogâmicas por Subregiões administrativas.....	57
<b>Figura 21:</b> Mapa com as proporções de mulheres em uniões poligâmicas por Subregiões administrativas.....	57
<b>Figura A1:</b> Pirâmide e a razão de sexo da população do Benim, em 2013, considerando a idade simples.....	86
<b>Figura A2:</b> Pirâmides e a razão de sexo da população do Benim, em 2013, considerando a idade agrupada.....	87
<b>Figura B1:</b> Pirâmide e a razão de sexo da população do Burkina Faso, em 2006, considerando a idade simples.....	88
<b>Figura B2:</b> Estrutura etária e a razão de sexo da população de Burkina Faso, em 2006, considerando a idade agrupada.....	89
<b>Figura C1:</b> Pirâmide e a razão de sexo da população do Togo, em 2010, em idade simples.....	89
<b>Figura C2:</b> Pirâmide e a razão de sexo da população do Togo em idade agrupada, em 2010.....	90



## LISTA DE TABELAS E QUADROS

<b>Tabela 1:</b> Proporção de mulheres em união que são polígamas no Benim, 2013; Burkina Faso, 2006; e Togo, 2010.....	40
<b>Tabela 2:</b> As proporções de poligamia entre as mulheres casadas ou em união, por faixa etária quinzenal, do Benim, 2013; Burkina Faso, 2006; e Togo, 2010.....	41
<b>Tabela 3:</b> As proporções de filhos tidos sobreviventes das mulheres polígamas ou não segundo grupo etário.....	47
<b>Tabela 4:</b> Distribuição das características sociodemográficas de mulheres polígamas e não polígamas do Benim, 2013; Burkina Faso, 2006; e Togo, 2010.....	48
<b>Tabela 5:</b> Regressões logísticas da Poligamia (em <i>log odds</i> ), Fecundidade e Mortalidade, Benim, 2013.....	60
<b>Tabela 6:</b> Regressões logísticas da Poligamia (em <i>log odds</i> ), Fecundidade e Mortalidade, Burkina Faso, 2006.....	61
<b>Tabela 7:</b> Regressões logísticas da Poligamia (em <i>log odds</i> ), Fecundidade e Mortalidade, Togo, 2010.....	62
<b>Tabela 8:</b> Regressões logísticas da Poligamia (em <i>log odds</i> ), Fecundidade e Mortalidade, Benim, 2013.....	64
<b>Tabela 9:</b> Regressões logísticas da Poligamia (em <i>log odds</i> ), Fecundidade e Mortalidade, Burkina Faso, 2006.....	65
<b>Tabela 10:</b> Regressões logísticas da Poligamia (em <i>log odds</i> ), Fecundidade e Mortalidade, Togo, 2010.....	66
<b>Quadro 1:</b> Censos demográficos mais recentes disponíveis dos três países.....	34
<b>Quadro 2:</b> Sub-regiões administrativas dos três países: Benim, Burkina Faso e Togo.....	36

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AO** – África Ocidental

**AS** – África Subsaariana

**BJ** – Benin

**BF** – Burkina Faso

**CEB** – Children Ever Born

**CHSURV** – Children surviving

**COEF** – Coefficient

**DHS** – Demographic and Health Survey

**INSAE** – Institut National De La Statistique Et De L'analyse Économique

**INSD** – Institut national de la statistique et de la démographie

**INSEED** – Institut National De La Statistique Et Des Etudes Economiques Et Démographiques

**IPUMS-I** – Ipums International

**OR** – Odds Ratio

**RGPH** – Recensement Général de la Population et de l'Habitation

**SIG** – Significante

**TG** – Togo

**TEFs** – Taxas específicas de fecundidade

**TEFMs** – Taxa específica de fecundidade marital

**TFT** – Taxas específicas de fecundidade total

**TFMT** – Taxa específica de fecundidade marital total

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>23</b>
<b>3.1 O dinamismo demográfico da África subsaariana francófona.....</b>	<b>23</b>
<b>3.2 Casamento e família: os regimes monogâmicos ou poligâmicos.....</b>	<b>25</b>
<b>3.3 Explicações para a prática de poligamia.....</b>	<b>27</b>
3.3.1 Sociedade agrária.....	27
3.3.2 Sociedades patriarcais com regimes de casamento intergrupos ou étnico-religioso.....	28
3.3.3 Desenvolvimento social e escolaridade da mulher .....	30
<b>3.4 Poligamia e suas relações com as componentes demográficas.....</b>	<b>31</b>
3.4.1 Poligamia e estrutura etária e por sexo.....	32
3.4.2 Poligamia e mortalidade.....	32
3.4.3 Poligamia e fecundidade.....	34
<b>3.5 Conclusão.....</b>	<b>35</b>
<b>4. FONTE DE DADOS E METODOLOGIA .....</b>	<b>36</b>
<b>4.1 Base de dados.....</b>	<b>36</b>
<b>4.2 Variáveis.....</b>	<b>38</b>
<b>4.3 Estratégia empírica.....</b>	<b>40</b>
4.3.1 A técnica de cálculo das TEFs e TEFMs e das proporções de crianças sobreviventes.....	40
4.3.2 Regressão logística.....	41
<b>5. RESULTADOS .....</b>	<b>43</b>
<b>5.1 Análise descritiva .....</b>	<b>43</b>
5.1.1 A poligamia na área de estudo nos três censos recentes.....	43
5.1.2 Análise etária do casamento e poligamia.....	44
5.1.3 Fecundidade.....	46
5.1.4 Mortalidade.....	50
5.1.5 Poligamia e demais dimensões sociodemográficas.....	51
5.1.6 Poligamia e variáveis geográficas.....	52
<b>5.2 Resultados dos modelos econométricos .....</b>	<b>62</b>
5.2.1 Modelos com distintas variáveis sociodemográficas por país.....	62
5.2.2 Modelos com todas as variáveis sociodemográficas.....	66
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>81</b>
<b>8. ANEXO 1.....</b>	<b>91</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No continente Africano, assim como em outras regiões do mundo, convivem diferentes regimes demográficos e estágios de transição demográfica. No contexto da África Subsaariana (AS), em particular a AS francófona, apresenta práticas culturais comuns, onde as subdivisões de regiões administrativas não bloquearam totalmente as influências coloniais e pós-coloniais. Assim, acredita-se que Benim, Burkina Faso e Togo, que pertencem à região conhecida como África Ocidental, compartilham certos valores que definem as formações familiares.

A cultura local é um fenômeno social que se traduz em características na família, comunidades e grupos étnicos, por meio de suas crenças, práticas, valores e atitudes. No que diz respeito ao regime de casamento, dois regimes são muito presentes na AS francófona: a monogamia e a poligamia. Enquanto a monogamia é o casamento entre duas pessoas, a poligamia é vista como o casamento entre uma pessoa e dois ou mais cônjuges simultaneamente. A poligamia pode ser definida como poliginia quando um homem é casado com duas ou mais mulheres, e poliandria, quando uma mulher é casada com dois ou mais homens. A primeira prática é muito mais comum e, ao longo desse estudo, a palavra poligamia será usada tendo como significado a palavra poliginia.

O casamento é entendido por Gendreau e Gubry (1988) como um regime com múltiplas facetas e representa uma instituição universal no mundo, porém com normas e costumes distintos, de acordo com a sociedade local, sendo crucial na definição das taxas de fecundidade, de mortalidade e de outros aspectos sociodemográficos. A poligamia é presente em várias partes do mundo (SINGH, 1988). Lesthaeghe *et al.* (1989) apontaram para o caso da África Ocidental (Benim, Burkina Faso, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné Bissau, Libéria, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal, Serra-Leoa e Togo) em que ela é recorrente. Assim, nessa região, particularmente nas repúblicas do Benim, em Burkina Faso e do Togo, a prática possui um estatuto legal. Vale lembrar que esses três países não só têm fronteiras em comum, mas também são ligados por certas práticas culturais, como língua e país colonizador.

Em relação ao casamento na África Ocidental, Lesthaeghe *et al.* (1989) apontavam para duas características como as mais afetadas por mudanças culturais, demográficas e sociais: primeiramente, o aumento da individualização na região, com a permissão da livre escolha do parceiro; e, em segundo, um enfraquecimento na prática da poligamia.

Reconhece-se a importância da poligamia para a compreensão dos vários aspectos da paisagem demográfica da África, em particular nos três países mencionados (SMITH-GREENAWAY E TRINITAPOLI, 2014; TABUTIN E SCHOUMAKER, 2020). De acordo com Antoine e Nanitelamio (2018), esse regime de casamento permanece sendo uma prática predominante na nupcialidade subsaariana, se comparado ao resto do mundo. A taxa de poligamia é mais alta na África Ocidental do que na África Oriental (DALTON; LEUNG, 2014). Em uma análise sobre a poligamia na região da África Ocidental, Hertrich (2006) observou que as proporções de esposas polígamas entre mulheres casadas em idade reprodutiva eram de pelo menos 50% entre os anos de 1985-1994 para os países Benim, Burkina Faso e Togo, e declinaram para 35% no Benim, 49% no Togo, e se manteve estável em Burkina Faso entre os anos de 1995-2001.

A literatura ocidental existente sobre a poligamia possui limitações, pois a fazem de maneira generalizada e superficial, apenas perpassando contextos econômicos, demográficos, antropológicos, religiosos (islã e cristão), rural e urbana, entre outros fatores. Mas, vale ressaltar, que os países africanos apresentam regiões e subdivisões administrativas que são comumente deixados de fora nessa discussão. Além disso, as comparações regionais dos estudos sobre a poligamia, na maioria das vezes, não levam em consideração as diferenças espaciais e temporais. Assim, a questão geográfica e cultural, considerando as subdivisões territoriais nos países, é crucial e ainda pouco explorada. Desta forma, é necessário que a literatura ocidental abarque a riqueza cultural africana, que pode ser vista ao se analisar contextos geográficos específicos (COOK, 2007; WAMWARA, 2019).

O presente trabalho apresenta uma abordagem para caracterizar as mulheres poligâmicas e não poligâmicas dos três países fronteiriços supracitados (Benim, Togo e Burkina Faso), no que tange às suas características sociodemográficas e culturais, considerando as regiões e subdivisões administrativas. Serão investigadas a frequência de mulheres poligâmicas e não poligâmicas, assim como a distribuição no território, levando em conta as fronteiras políticas e subdivisões administrativas e o contexto rural/urbano. Além disso, busca-se investigar as proporções de mulheres nos domicílios poligâmicos com os não-poligâmicos com relação às características sociodemográficas que possuem implicações para a transição demográfica, como fecundidade e mortalidade, que sugerem um componente cultural que transcende fronteiras político-administrativas.

Para se chegar a esses objetivos, foram usados dados de mulheres poligâmicas e não poligâmicas advindos dos últimos censos demográficos dos três países disponíveis na base de

dados Ipums- International (Ipums-I). Partindo disso, serão aplicadas as técnicas demográficas de cálculos das taxas de fecundidade normal como as taxas específicas de fecundidade marital. Além disso, uma análise descritiva e econométrica será realizada para analisar a relação entre essas mulheres e as variáveis sociodemográficas.

O trabalho está organizado em cinco partes. A introdução apresentou uma breve contextualização do problema a ser tratado e a definição da poligamia. Segue-se esta introdução, bem como uma contextualização com os mapas dos países a serem tratados. O Capítulo 1 apresenta a fundamentação teórica do estudo, procurando estudar os fatores associados a poligamia existentes na literatura. O Capítulo 2 apresenta a metodologia utilizada na parte empírica da dissertação. O Capítulo 3 apresenta os resultados das análises descritivas e dos modelos econométricos. A discussão final apresenta as conclusões do trabalho, relacionando-os com os objetivos identificados previamente, discutindo-os à luz da literatura existente e esboçando sugestões para futuras pesquisas.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO

Os países fronteiriços Benim, Burkina Faso e Togo pertencem à zona francófona e configuram a área de estudo dessa dissertação. Esses países tiveram sua independência na década de 1960.

### **BENIM**

O antigo Daomé é a atual República do Benim que abrange uma área de 114.763 quilômetros quadrados. A população recenseada foi de 6.769.914 habitantes, em 2002, e 10.008.749 habitantes, em 2013. Assim pode-se dizer que ocorreu um crescimento relativamente rápido da população beninense entre esses anos, com taxa de crescimento intercensitária de 3,5% (INSAE; RGP4, 2015).

Como mostra a Figura 1, o país é limitado ao sul pelo Oceano Atlântico, a oeste pelo Togo, a leste pela Nigéria e a norte por Burkina Faso e o Niger. Administrativamente, o país é dividido em 12 departamentos. São eles: Alibori, Atacora, Atlantique, Borgou, Collines, Couffo, Donga, Littoral (com a capital econômica chamada de Cotonou), Mono, Ouémé (com a capital do país chamada de Porto Novo), Plateau e Zou, os quais foram também subdivididos em comunas como se apresenta na Figura 1.

Segundo os relatórios do Instituto Nacional de Estatística e Análises Econômica (INSAE), a fecundidade das mulheres beninenses ainda permanece relativamente elevada, uma vez que cada mulher tinha em média 4,9 crianças ao fim do seu período reprodutivo, em 2011/2012. No entanto, os dados dos inquéritos da *Demographic Health Survey (DHS)* sobre o Benim indicam que o número médio de crianças diminuiu: de 6,3, em 1996, para 5,7 em 2006, e depois para 4,9, em 2011-2012. As mulheres nas áreas urbanas tinham, em 2011/2012, um nível de fecundidade muito mais baixo do que as das áreas rurais: 4,3 contra 5,4 filhos por mulher.

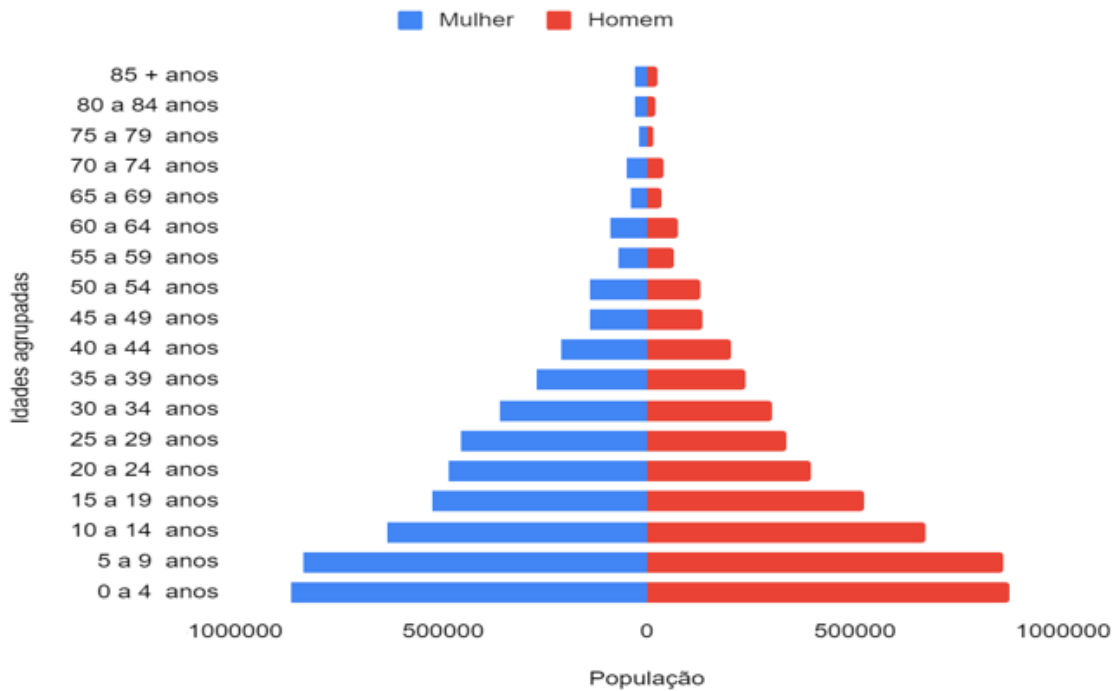
Como diversos países da AS, embora haja diversas causas de morte, tais como doenças infecciosas, má nutrição, diarreias e outras doenças, a mortalidade infantil é principalmente associada à malária. Dados da DHS indicam uma queda na taxa de mortalidade infantil variando de 94 por mil, em 1996, para 89 por mil, em 2001, depois para 67 por mil, em 2006, 42 por mil, em 2011-12, e 55 por mil, em 2017-18.

**Figura 1:** Mapa político do Benim



**Fonte:** Peter Hermes Furian. Disponível em: <<https://pt.dreamstime.com/mapa-pol%C3%ADtico-de-benin-image103602865>>.



**Figura 2:** Pirâmide etária do Benim, em 2013

**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, IPUMS- I-2021

A pirâmide etária da população beninense, em 2013, observada na Figura 2, reflete uma história de mortalidade, fecundidade e migrações passadas. Ela se caracteriza com uma base mais larga que se estreita até chegar ao topo, indicando uma diminuição no número de população entre adultos e idosos em comparação ao número de jovens, indicando então uma alta fecundidade e elevada mortalidade. O afunilamento da pirâmide também é reflexo de coortes menores de nascimento nos tempos passados.

## BURKINA FASO

Burkina Faso é um dos países da África do ocidental, sem acesso ao mar e, como mostra a Figura 3, limitado ao norte pela República do Mali, no leste pelo Níger, ao sudeste por Benim e Togo, por Gana no sul e a Costa do Marfim ao sul ocidental. O país tem uma superfície de 274.200 quilômetros quadrados. Administrativamente é subdividida em 13 regiões: Boucle du Mouhoun, Cascades, Centre (com a capital do país chamada de Ouagadougou), Centre – Est, Centre-Nord, Centre-Ouest, Centre-Sud, Est, Hauts-Bassins, Nord, Plateau Central, Sahel e Sud-Ouest, que por suas vezes foram subdivididas em prefeituras ou comunas como mostra a Figura 3 abaixo.

Segundo os resultados de recenseamento geral, a república de Burkina Faso passou de 10.312.600 habitantes, em 1996, para 20.487.979 habitantes, em 2019. Assim, pode-se dizer que a população quase dobrou entre 1996 e 2019 (INSD, RGPH, 2019). A população de Burkina Faso é predominantemente rural: cerca de 3 em cada 4 pessoas (73,7%) vivem em áreas rurais (INSD, RGPH3, 2019).

Segundo os relatórios da INSD RGPH 3 (2019), a república de Burkina Faso, mostra uma tendência de queda da fecundidade, sendo que a TFT passou de 7,2 filhos por mulher, em 1985, para 5,4, em 2015. Existem, no entanto, grandes disparidades dependendo do local de residência. De fato, o hiato entre as áreas urbanas e rurais, que era de 0,8 filhos em 1985, aumentou para 2,8 filhos por mulher, em 2010, evidenciando uma queda mais pronunciada nas TFTs urbanas. Para 2015, esse hiato foi de 1,7 filhos por mulher e é explicada pelo declínio significativo da fecundidade nas áreas rurais (INSD, RGPH3, 2019).

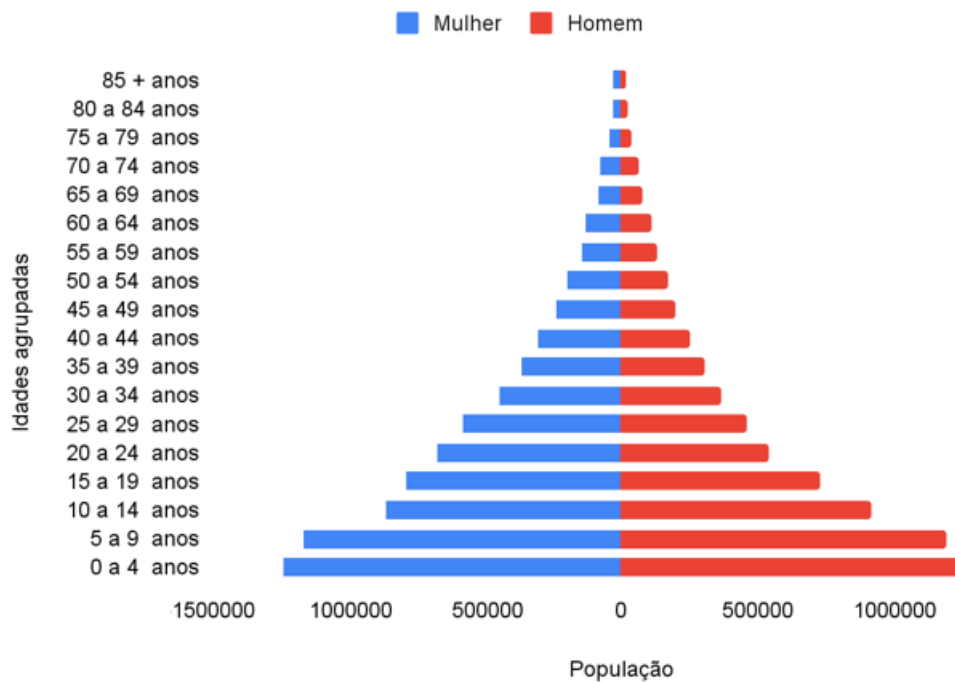
Os resultados dos inquéritos demográficos e de saúde mostram que houve progresso em termos de redução da mortalidade infantil em Burkina Faso, com certas disparidades em termos de mortalidade entre zonas urbanas e rurais. A mortalidade infantil era de 114,5 crianças por mil, em 1993, e 83 por mil, em 2010, entre os meninos. Entre as meninas, passou de 100,3 para 72 crianças por mil. Assim, como em outros países da África Ocidental, as causas dessas mortalidades e morbidade são relacionadas principalmente com a malária e as outras causas tais como doenças infecciosas e má nutrição.

**Figura 3:** Mapa político de Burkina Faso.



**Fonte:** Peter Hermes Furian. Disponível em: Dreamstime.com: <<https://pt.dreamstime.com/mapa-pol%C3%ADtico-de-burkina-faso-image103603148>>.

**Figura 4:** Pirâmide etária de Burkina Faso, em 2006



**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSD 2006, IPUMS- I-2021

A pirâmide etária de Burkina Faso, em 2006, acima ilustrada, assim como todas as pirâmides etárias, também reflete uma história de mortalidade, fecundidade e migração passadas. A estrutura por sexo de acordo com a idade, tem uma base larga e um estreitamento gradual para um ápice afilado. É um sinal de um alta fecundidade e ainda alta mortalidade. Essa mortalidade afeta mais os homens do que as mulheres. Assim, essa pirâmide é reflexo de uma população jovem e crescente de Burkina Faso, em 2006.

## TOGO

Localizado na África ocidental, o Togo, com uma área de 56.600 quilômetros quadrados, é limitado ao norte por Burkina Faso, ao sul pelo oceano Atlântico, a leste pelo Benim e a ocidental por Gana, como mostra a Figura 5. O Togo é subdividido em 5 regiões: Maritime (com a capital do país conhecida como Lomé), Plateaux, Savanes, Kara e Centrale (INSEED, RGPH 5, 2014-2019). Esses últimos também foram subdivididos em comunas ou municípios.

De 1981 a 2010, a população residente foi mais que dobrada, passando de 2.719.567 habitantes para 6.191.155 habitantes. Enfim, apesar do rápido crescimento de sua população urbana, o

Togo permanece fundamentalmente rural, com 75% da população total, em 1981, e 62%, em 2010, na zona rural (INSEED, RGPH 4, 2010).

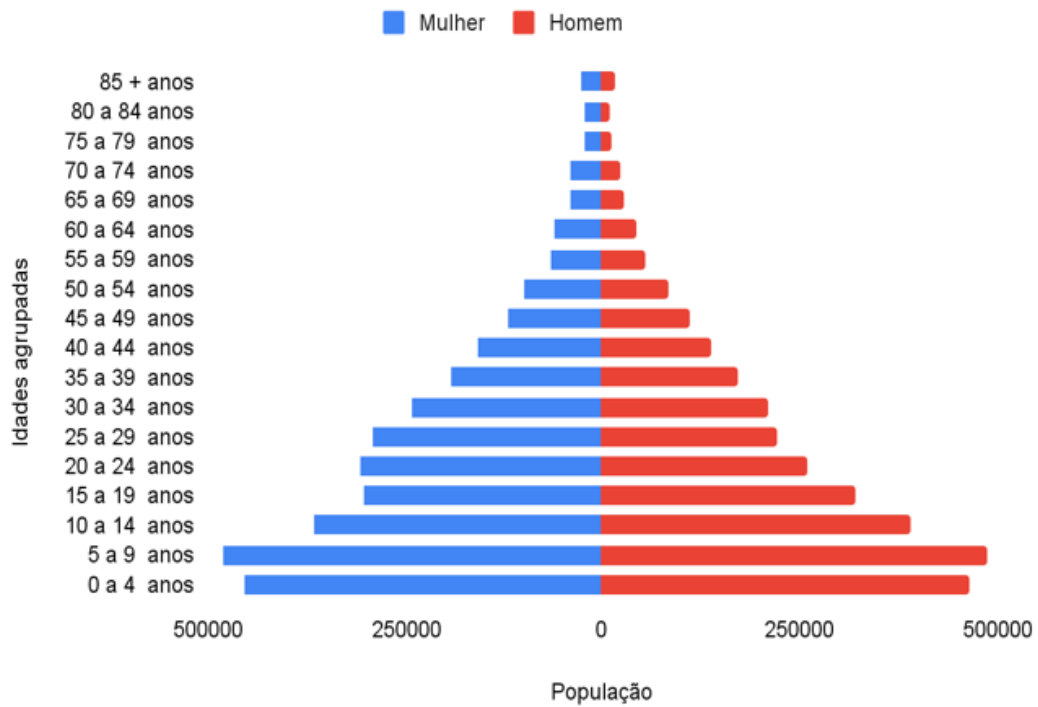
De acordo com o inquérito demográfico e de saúde (INSEED, EDST III), o país mostra uma tendência de queda da fecundidade. A TFT caiu de 6,4, em 1988, para 4,8, em 2013-2014 (INSEED EDST-III 2013-2014).

Em adição, com o progresso em saúde, a mortalidade segue em queda no país. Essa queda é tanto observada na zona rural quanto na zona urbana. Quando se olha para a mortalidade infantil, essa passou de 60 por mil, em 1999-2003, para 49 por mil, entre 2009-2013. Importantes causas de mortalidade infantil no Togo são malária, doenças infecciosas respiratórias e diarreia.

**Figura 5:** Mapa político do Togo



**Fonte:** Peter Hermes Furian. Disponível em: <https://pt.dreamstime.com/mapa-pol%C3%ADtico-de-togo-image103603054> >.

**Figura 6:** Pirâmide etária do Togo, em 2010

**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSEED 2010, IPUMS- I-2021

A pirâmide etária observada do Togo, em 2010, revela uma população jovem e crescente, devido ao comportamento clássico de população com alta fecundidade e mortalidade. Assim, esse tipo de pirâmide jovem é típico de países menos desenvolvidos economicamente, com base mais larga e o topo estreito.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção de fundamentação teórica pretende-se fazer uma revisão da literatura existente sobre AS e poligamia. Iniciando pelo dinamismo demográfico da África subsaariana francófona e passando por alguns temas relacionados ao casamento e à família, tais como os regimes monogâmicos ou poligâmicos, crescimento econômico e poligamia, religião e poligamia, poligamia e a escolaridade feminina; poligamia e sociedade agrária, e finalizando com a relação entre a poligamia e fecundidade; e poligamia e mortalidade. Segue-se, então:

#### 3.1 *O dinamismo demográfico da África subsaariana francófona*

O dinamismo demográfico das regiões do mundo tem implicações no desenvolvimento social e econômico. No caso da África, a discussão sobre o impacto de aspectos demográficos sobre as sociedades é realizada de forma recorrente pelos atores do poder público e por organizações internacionais. Nas últimas décadas, com a melhoria da disponibilidade dos dados, cresce o número de estudos sobre o continente, em parte devido a região da AS apresentar uma lenta evolução da sua transição demográfica comparada com outros países. Reconhece-se, ainda, a responsabilidade da AS na maior parte do crescimento da população mundial nas próximas décadas (UNITED NATIONS/DESA, 2019).

Nessa sub-região, a conquista da independência dos países ainda é recente, aproximadamente 60 anos, e os países da AS tiveram que se adaptar a uma nova realidade, passando por reestruturações urbanas, socioeconômicas e políticas. O fim do colonialismo acarretou em mudanças nas relações de gêneros através das estratégias diferenciadas de casamentos religiosos e legais com normas, crenças, práticas e valores culturais distintos. Isso levou a uma interação entre a cultura e a formação de família, com influência do recente processo de urbanização (TABUTIN; SCHOUMAKER, 2020).

As transformações nas sociedades são consequências das desigualdades regionais e sociais da história demográfica local. Em um processo de transformação social, existem grupos culturais e étnicos mais abertos ou menos resistentes às mudanças. Sendo assim, as mudanças na AS não foram uniformes nos diversos países. O crescimento populacional discutido na literatura se refere em grande medida às consequências advindas do tamanho e formação das famílias, que variam segundo as práticas culturais de casamento (BONDARENKO; KOROTAYEV, 2000). Segundo Védie (2017), normalmente, a transição demográfica resulta, primeiro, em uma diminuição das taxas de mortalidade, seguida da queda nas taxas de natalidade, sendo que o



ritmo varia segundo as particularidades de cada sociedade. No entanto, na transição demográfica africana, a queda expressiva na mortalidade não foi acompanhada por uma queda na taxa de natalidade. O número de filhos por mulher certamente diminuiu, passando de 6,1 para 5,1, mas ainda permanece muito alto (VEDIE, 2017).

A maior parte das explicações sobre a teoria da transição demográfica convencional que foi formulada para explicar o declínio da fecundidade que ocorreu no Ocidente do final do século XIX até a década de 1930, considera uma série de transformações profundas e estruturais na sociedade, como o desenvolvimento social, a modernização, mudanças socioculturais, o desenvolvimento econômico, transformações políticas, industrialização, urbanização, novas estruturas ocupacionais e o aumento da educação (LEESON, 2018; BONGAARTS, 2017; CALDWELL, 1987, 1988).

De acordo com Vimard (1993), o continente Africano também passou por grandes mudanças, tais como: mudanças nas famílias, independência das atividades comerciais, desenvolvimento de novos mercados, monetização da economia, aumento da mobilidade das populações na região, rápida urbanização, declínio da mortalidade, mudanças na escolaridade, introdução das religiões cristãs, disseminação de novos sistemas de valores, estabelecimento de estados-nação, para o declínio da fecundidade e da mortalidade.

No entanto, de acordo com Bongaarts (2017), há uma particularidade para as distintas transições demográficas da África. Considerando Caldwell (1987, 1988, 1992), a resposta da fecundidade ao desenvolvimento pode ser fundamentalmente diferente na África do que em outras partes do mundo em desenvolvimento. Eles argumentam que as sociedades africanas têm características pró-natalistas exclusivas, e a exposição das mulheres ao casamento e à poligamia pode promover alta fecundidade no agregado (PEBLEY; MBUGUA, 1989). Diante disso, a poligamia estaria correlacionada com transições lentas de fecundidade, isto é, em países altamente polígamos, o declínio da fecundidade é mais lento nas uniões poligâmicas do que nas monogâmicas (ROSSI, 2018).

Timæus e Reynar (1998) também observaram que a África é um continente diversificado que está passando por mudanças rápidas dentro da relação de parentesco, casamento e família. Ainda assim, a África tende a compartilhar características que os distinguem de outros lugares, como o crescimento populacional rápido, conflitos e guerras civis, escassez de produção de alimentos, deterioração das condições de vida, casamento precoce e universal, alta fecundidade

e mortalidade, vulnerabilidade socioeconômica e insegurança ambiental. Assim, desigualdades profundas são características que englobam as mudanças sociodemográficas no continente (TABUTIN; SCHOUMAKER, 2020).

Em relação ao casamento na AS, Lesthaeghe *et al.* (1989) apontavam para duas características do regime de nupcialidade africana conhecidas como as mais afetadas por essas mudanças culturais, demográficas, econômicas e sociais: o aumento da individualização na região permitindo a livre escolha do parceiro; e um enfraquecimento na prática da poligamia. Os autores indicavam, se apoiando na teoria de modernização e globalização, que a urbanização e o crescimento de outros valores ocidentais se alteravam na medida em que percepções existentes nas sociedades ocidentais se propagaram via difusão de tecnologia e acesso à educação ocidentais e novas religiões causavam mudanças culturais rápidas na intimidade conjugal incentivando a formação de famílias nucleares e, conseqüentemente, provocando a queda da prática poligâmica.

Por isso, Bau e Fernández (2021) afirmam que o contexto AS é complexo e deve levar em conta mudanças culturais. Diante da literatura existente (TIMÆUS; REYNAR, 1998; ANTOINE; NANITELAMIO, 1995; ANTOINE, 2002; PILON, 1991; DONADJÈ, 1992; PISON, 1986; LESTHAEGHE *et al.*, 1989; GOLDMAN; PEBLEY, 1989; TABUTIN; SCHOUMAKER, 2020), majoritariamente ocidental, que aborda a família poligâmica, a visão segue um discurso mais generalizado e superficial, sem se ater a grandes particularidades no que tange às sub-regiões administrativas dos países.

### **3.2 Casamento e família: os regimes monogâmicos ou poligâmicos**

As primeiras abordagens sobre conjugalidade tiveram como principal foco investigar os padrões de casamentos no contexto Europeu (HAJNAL, 1965, 1982). Ao contrário da Europa, o casamento na África é regido predominantemente não só pela monogamia como também pela poligamia.

Em uma das primeiras coletas de dados sobre sociedades com casamentos poligâmicos, Murdock (1981) analisou mais de 141 sociedades africanas e descobriu que apenas 11 delas praticavam, na época, o sistema de monogamia com exclusividade. Então, em geral, as sociedades africanas – isto é, as 130 restantes – praticavam o sistema de poligamia. Nenhuma das sociedades africanas praticava a poliandria.

Locoh (1976) analisou a prevalência da poligamia e observou que os maridos togolezes raramente iam além do terceiro casamento. Para o Togo como um todo, 64% eram monogâmicos e 36% polígamos, em 1970. O número médio de mulheres por homens casados era de 1,5. A poligamia era mais intensa nas aldeias do que nas cidades.

Entretanto, os padrões de casamento na África são bem distintos por região. Na África Ocidental, região conhecida pela presença marcante da poligamia, as uniões são caracterizadas por uma diferença de idade significativa entre cônjuges, com casamento precoce das mulheres e mais tardio entre os homens. Além disso, ocorre uma rejeição do celibato, proporcionando altas taxas de recasamento de viúvos, viúvas e divorciados. Por sua vez, a África Austral é caracterizada por casamentos mais tardios, com baixa diferença de idade entre os casais e com pouca prática de poligamia (TABUTIN; SCHOUMAKER, 2020).

Hertrich (2003, 2006, 2007) abordou as mudanças na nupcialidade na África ocidental: poligamia, idade ao primeiro casamento das mulheres e diferença entre as idades do primeiro casamento de homens e mulheres nos diferentes países. Ainda que o autor tenha abordado a questão da diversidade espacial da poligamia, ele não se deteve nos departamentos, nos municípios, nas províncias ou em outras subdivisões regionais. O autor ressalta uma tendência de queda nas proporções das mulheres entre 15-19 anos em poligamia e também observou um aumento na idade média das mulheres no primeiro casamento e menor diferença de idade entre homens e mulheres.

Independente do modelo, nas sociedades africanas, a transição à poligamia passa pela aprovação da esposa sênior, a primeira esposa, já que a introdução de uma segunda esposa é vista como uma ameaça para o casamento e prejudicaria a distribuição de recursos, riquezas e patrimônio entre os membros da família. Além disso, acrescenta-se a isso os custos do dote, da festa de casamento e do esforço necessário para montar e construir um quarto ou casa para a nova esposa (BOLTZ; CHORT, 2019). Assim, mesmo nas sociedades poligâmicas, apenas uma proporção dos casamentos realmente se torna polígamo, mas quase todas as mulheres monogâmicas enfrentam o risco de poligamia (ANTOINE, 2002).

O interesse de vários pesquisadores para pesquisar o casamento poligâmico, como Dorjahn (1959), Murdock (1967), White e Burton (1988), Grossbard (1976, 1980), Boserup (1970, 1974), Jacoby (1995), Clignet (1970), e Lesthaeghe *et al.* (1988, 1989), abriram o caminho para a discussão sobre o tema, introduzindo uma série de análises comparativas empíricas sobre a

poligamia na África. Aliás, a discussão antropológica do caráter matrimonial do casamento poligâmico sobre a formação de família sempre foi colocada como o processo pró-natalista, em que o homem é tomador de decisão sobre o número de filhos que pretende ter e que, também, se traduz pelo princípio base do entendimento do casamento.

### **3.3 *Explicações para a prática de poligamia***

#### **3.3.1 *Sociedade agrária***

A família nuclear não é um tipo de família ancestral predominante em grande parte da África, pois representa a força de trabalho do domicílio, sendo a unidade básica da produção e distribuição na sociedade agrária e na economia de subsistência, fornecendo mão de obra para todos via suas redes de comunidades (BAU; FERNÁNDEZ, 2021; ZOUNDI, 2021). Além disso, a criação da família via processo de casamento é atribuída e reconhecida como um processo de tomada de decisões e alocação dos recursos para garantir sustentação econômica sendo ela monogâmica ou poligâmica. Em caso de sociedades não democráticas, pode-se observar que as elites usam seu monopólio sobre os recursos e poder para maximizar o número de esposas (BONDARENKO; KOROTAYEV, 2000).

Os casamentos poligâmicos africanos são então mais comuns nas áreas rurais e entre os menos educados, pois nessas sociedades tradicionais, a agricultura desempenha um papel importante na economia (DODOO, 1998; BOSERUP, 1985; JACOBY, 1995). Famílias poligâmicas podem fornecer melhor proteção para seus membros e fortalecer suas redes sociais com outras aldeias em relação às vulnerabilidades via um excedente de bens. Logo, esses fatores ajudam a explicar como algumas famílias puderam desenvolver e expandir as atividades agrárias enquanto outras sofreram infortúnios. Assim, os padrões de assentamento das famílias e relações agrárias na região transformaram as estruturas mais amplas de poder social, econômico e político nessas sociedades africanas.

Além disso, a poligamia está associada a um regime econômico baseado na agricultura de subsistência, em que as mulheres têm um papel importante devido ao fato de que, nessas zonas de produção pouco mecanizadas, as tarefas são realizadas pelas próprias famílias (HERTRICH, 2006). Goody (1976), usando dados etnográficos e agregados, descobriram que a incidência da poligamia entre as sociedades está positivamente associada à extensão do envolvimento feminino na agricultura, um indicador bruto da produtividade feminina. Logo, as mulheres em sociedades poligâmicas nas zonas rurais agrárias podem ter maior envolvimento nas atividades

econômicas geradoras de renda. Por outro lado, nas zonas urbanas, esse argumento pode ser válido no âmbito de diversificar as atividades e as fontes de rendas das famílias poligâmicas.

Singh (1988) também encontrou resultados que mostram que, na economia agropecuária, a poligamia é maior. A pecuária, por exemplo, tem efeito positivo no número de filhos demandados pelos pais nas zonas rurais já que esses filhos podem começar a participar de atividades econômicas desde a idade de 7 a 8 anos, proporcionando aos pais valiosos serviços de mão de obra de todos os tipos e indicando o valor econômico das crianças para as famílias (SINGH, 1988).

A poligamia, sendo mais comum em contextos rurais e agrários (BOSERUP, 1970, 1985; JACOBY, 1995; HERTRICH, 2003, 2007; ZOUNDI, 2021), tem, portanto, uma visão pronatalista e de incremento na disponibilidade de mão de obra, ou seja, muitos filhos homens e trabalhadores para a sociedade economicamente agrícola da África Ocidental (COOK, 2007). A partir de uma análise longitudinal das práticas matrimoniais, em aldeias Bwa no sudeste do Mali, Hertrich (2007), reconhece que o casamento poligâmico, ainda que uma prática seletiva e de poder, pode aparecer na sociedade africana como um instrumento compartilhado por grande parte dos homens.

### ***3.3.2 Sociedades patriarcais com regimes de casamento intergrupos ou étnico-religioso***

Em geral, o casamento se faz via o processo de dote tanto no casamento monogâmico quanto no poligâmico. Grossbard (1976) fez uma primeira análise econométrica da poligamia africana usando dados de nível familiar e verificaram que os homens mais ricos têm mais esposas (AGADJANIAN; ARNALDO, 2017). Logo, o homem geralmente deve ter condições econômicas suficientes para pagar o dote para a família da noiva tanto na primeira união como nas outras (ANDERSON, 2007). Conclusivamente, a formação de família via casamento poligâmico é um sinal de riqueza e influência do homem (COOK, 2007), que comumente se casa com mulheres de níveis de riqueza menos elevados.

A prática da poligamia é geralmente relacionada ao preço, à transferência ou serviço da noiva. Ou seja, o homem deve comprar/pagar sua noiva (ou esposas) por meio dessa transferência intrafamiliar bilateral (dote). Portanto, para que um homem seja poligâmico, ele (incluindo a sua família) deve ser rico ou ter dinheiro suficiente para pagar a dote para sua primeira esposa (sênior), bem como quaisquer outras esposas (juniores). Esse costume, no entanto, varia entre os países. Como exemplo, Chiplunkar e Weaver (2019) observaram que, ao contrário do

observado na África poligâmica, as transferências que ocorrem nos casamentos modernos são em geral da família da noiva para o lado do noivo.

Na AS, historicamente, a formação de família é via um processo de regime de casamento intergrupos ou étnico-religioso, sendo considerado uma fonte de respeito e de sustento (EKHOLUENETALE *et al.*, 2020). Para Wamwara (2019), sociedades ocidentais devem se envolver seriamente no debate sobre a poligamia, com o objetivo de promover a legalização da prática em território africano, pois ela serve a muitos propósitos úteis dentro da filosofia africana sobre casamento (MBITI, 1990). Dentro dessa filosofia, há grande importância na sucessão de gerações, que se manifesta em um medo de não deixar filhos (CALDWELL; CALDWELL, 1987). Considerando que os filhos são a glória da família, ter mais filhos equivale a uma glória maior. A poligamia, portanto, elevava o *status* social do patriarca e da família em um mundo onde as taxas de mortalidade infantil são muito altas (WAMWARA, 2019).

A prática da poligamia é recorrente na África Ocidental, em particular na zona rural no Benim, em Burkina-Faso e no Togo, países empiricamente analisados neste estudo. Assim, a prática cultural pró-natalista garante a prevalência da linhagem dos grupos étnicos, religiosos e comunitários (COOK, 2007; LAWSON *et al.*, 2015).

Baseando em diferentes modelos estatísticos e econométricos, foi observado que a poligamia é mais prevalente em sociedades africanas patrilineares, que, para Pison (1986), são a maioria na África, agrárias, gerontocracias e pró-natalistas (GOODY, 1973; CALDWELL, 1978; WHITE, BURTON, 1988; BOVE, 2009). Isso ocorre em sociedades nas quais as atividades econômicas das mulheres são importantes (BOSERUP, 1970). Por conseguinte, em economias cuja organização de parentesco é matrilinear, a tendência é de redução da poligamia (LESTHAEGHE *et al.*, 1989), o que confirma as ideias de Caldwell (1978) e Zeitzen (2008) sobre o acúmulo de poder em famílias poligâmicas nas mãos de velhos e de homens (GROSSBARD, 1976).

Em relação à prática da poligamia e à religião, segundo Bau e Fernández (2021), apesar de localmente aceita, a prática não foi aceita pelos primeiros missionários cristãos que chegaram a diversas partes do continente, pois a prática contrariava valores cristãos e ocidentais. Em contrapartida, é uma tradição no Islã permitir que os homens tenham até quatro esposas, condicionado à aprovação das esposas mais velhas. Os achados sugerem que os muçulmanos

tendem a ter mais esposas do que as pessoas de outras religiões (DALTON; LEUNG, 2014). Porém, embora casar com até quatro esposas seja geralmente aceito no mundo islâmico, na prática, a poligamia é limitada a um subgrupo muito pequeno da população (TERTILT, 2005). A Igreja Católica, por outro lado, tem proibido os casamentos plurais ao longo de sua história (FALEN, 2008). Portanto, a incidência de poligamia pode ter efeitos distintos e substanciais por denominação religiosa (LESTHAEGHE *et al.*, 1989). Em geral, as populações cristãs são menos poligâmicas do que as muçulmanas, enquanto os grupos étnicos que seguem os sistemas de crenças tradicionais africanos são mais polígamos (TIMÆUS; REYNAR, 1998). Assim, as famílias apresentam variações entre as religiões e em termos de tamanho ideal da família, que é menor para os cristãos (ROSSI, 2018).

### **3.3.3 *Desenvolvimento social e escolaridade da mulher***

A discussão sobre os regimes de casamento está presente na literatura demográfica ligada às questões de desenvolvimento social (LESTHAEGHE *et al.*, 1989; JACOBY, 1995; ANTOINE, NANITELAMIO, 1996, 2018; WHITE, BURTON, 1988; PISON, 1986; GOODY, 1973, 1976, 1985; GOODE, 1970; BOSERUP, 1970-83; TIMÆUS, REYNAR, 1989; LOCOH, 1976, 1988 e 1995; ANTOINE, 2002; MURDOCK, 1967). Vários mecanismos foram propostos ligando a poligamia ao crescimento econômico lento, incluindo baixas taxas de poupança (TERTILT, 2005) e poligamia e pobreza (FENSKE, 2015). Tertilt (2005) questiona se a proibição da poligamia poderia desempenhar algum papel para o desenvolvimento. Usando um modelo quantitativo, o autor verifica que menores níveis de poligamia eram associados com menor fecundidade e maior crescimento econômico e produção per capita (TERTILT, 2005).

Com relação à poligamia e à escolaridade feminina, observa-se uma relação negativa. De acordo com Ezeh (1997), mulheres em regiões de baixa poligamia são mais propensas a ter um nível de educação formal feminina mais elevado do que em áreas com taxas média e alta poligamia no Quênia. Similarmente, observou-se no Togo, em um relatório da INSEED (2015), que a poligamia era de 45% entre as mulheres sem escolaridade, 27% entre aquelas com ensino fundamental e 17% entre aquelas que concluíram o ensino médio ou superior.

O trabalho de Lesthaeghe *et al.* (1989) apontou para importante correlação entre as idades elevadas no primeiro casamento, e o nível de educação feminina, já que a o nível de educação feminina é um indicador de grande mudança estrutural, cultural e socioeconômica. Além disso, os níveis elevados de escolaridade feminina na AS estão fortemente relacionados à introdução

do Cristianismo, e os baixos níveis educacionais permanecem típicos para populações islâmicas.

Tabutin e Schoumaker (2020); Lesthaeghe *et al.* (1989); Hertrich (2001); e Antoine (2002) preveem um início de declínio generalizado da poligamia na região, principalmente nas áreas urbanas, nas classes sociais mais educadas e em ambientes onde se investe mais na educação feminina, nas novas tecnologias, na difusão dos valores culturais e religiosos ocidentais, e em áreas com maior penetração de valores globalizados e modernos. Nessa ótica, a prática da poligamia é geralmente atribuída aos homens relativamente mais ricos, em áreas rurais, menos urbanizadas e desenvolvidas. Por outro lado, nas zonas urbanas, a economia monetizada, problemas de moradia e de desemprego fazem com que os homens tenham pouco incentivo econômico para ter várias esposas.

Contrário a essa visão, Timæus e Reynar (1998) ressaltam que, embora a poligamia seja menos prevalente em sociedades onde mais mulheres adultas são alfabetizadas, esse fator explica muito menos a variação da poligamia do que indicadores de organização social. Assim, uma análise recente contemporânea e empírica da região subsaariana, mostrou que as taxas reduzidas de poligamia são um legado da educação colonial na África, mas que as expansões recentes da educação não tiveram efeito sobre as taxas de poligamia (FENSKE, 2015).

Assim, nos últimos anos, o continente africano observou várias mudanças políticas, culturais, sociais, demográficas e econômicas para as quais se reconhecem como sendo central o papel do sistema de casamento, em especial a poligamia (FENSKE, 2015; VAN DE WALLE, 1985; LOCOH, 1988). No entanto, Fenske (2015) observou que o Quênia e o Zimbábue criaram condições naturais para aumentar o acesso à educação para mulheres, mas isso não reduziu a probabilidade da poligamia. Como resultado, o autor não encontrou evidências de um efeito causal da educação moderna na poligamia.

### **3.4 Poligamia e suas relações com as componentes demográficas**

Pensando em todos esses fatores, a literatura tem, ao longo dos anos, se ocupado em investigar a participação dos sistemas de casamento monogâmicos e poligâmicos para mudanças populacionais e aspectos demográficos. Assim, a poligamia também é objeto de estudo com relação às causas e consequências para as componentes demográficas.



### ***3.4.1 Poligamia e estrutura etária e por sexo***

Outro ponto de vista muito presente na literatura é a existência de um desequilíbrio entre a oferta e a demanda no mercado matrimonial. Ou seja, há suposta predominância de mulheres na estrutura etária, por consequência, no mercado de casamento, o que justificaria a prevalência da poligamia. De acordo com Dorjahn (1959), existem três razões básicas para esse desequilíbrio: a primeira razão faz apelo a uma visão econômico-demográfica de, que numa população crescente, formações de famílias em que os homens entram nos casamentos mais velhos do que as mulheres causam um excedente de noivas em relação a noivos. Na segunda razão, temos o aumento na oferta das noivas, devido à menor expectativa de vida e à maior idade ao casamento dos homens que causam a viuvez precoce frequente entre mulheres, o que alimenta a poligamia por meio do recasamento. A prevalência da prática ao longo do tempo se justificaria também pela presença temporária de mulheres divorciadas e viúvas, com a quase inexistência de mulheres no celibato (HERTRICH, 2007). Por último, devido à alta mortalidade infantil entre os meninos e a emigração frequente de jovens adultos do sexo masculino para os centros urbanos, pode-se pensar em uma desproporção entre os sexos entre as coortes feminina e masculina, em especial nas áreas rurais.

Assim, embora a mortalidade e a saúde de diferentes países tenham registrado progresso variável entre 1950 e 1990 (TABUTIN; SCHOUMAKER, 2004), a mortalidade é uma das causas que justifica a permanência e a entrada de mulheres em regime poligâmico. Dalton e Leung (2014), ao analisar as taxas de poligamia na África, observaram que o comércio de escravos levou a períodos prolongados de proporções sexuais anormais, o que afetou as taxas de poligamia em toda a África. Usando um conjunto de dados em nível de etnia associando as taxas atuais de poligamia aos dados históricos do fluxo de comércio de escravos africanos, os autores mostraram que há uma correlação positiva entre o comércio transatlântico de escravos e a poligamia.

### ***3.4.2 Poligamia e Mortalidade***

Segundo Boserup (1985) e Jacoby (1995), há uma associação entre poligamia e mortalidade infantil, ainda mais devido ao fato que a prática da poligamia permanece particularmente resistente em partes mais pobres e menos desenvolvidas da AS (VAN DE WALLE, 2006). No entanto, deve-se ressaltar que diferentes fatores socioeconômicos contribuíram fortemente para

o declínio da mortalidade infantil na AS, particularmente durante o período entre 1960 e 1990, como a alfabetização e a urbanização das mulheres (AMOUZOU; HILL, 2005).

Similarmente, segundo Ekholuenetale *et al.* (2020), acredita-se que a poligamia reduza significativamente a sobrevivência de bebês, mas o impacto desse regime varia de um país para outro (AMEY, 2002). Contudo, a mortalidade infantil no contexto em que a poligamia é aceita pode ser explicada pela preferência diferenciada entre homens e mulheres, que conduz a taxas diferentes de mortalidade considerando o diferencial de recursos ou a nutrição seletiva de acordo com o sexo do bebê.

Smith-Greenaway e Trinitapoli (2014) indicam que a prática da poligamia pode acentuar a vulnerabilidade da sobrevivência de crianças em domicílios poligâmicos na AS. De acordo com Cook (2007), as taxas elevadas de mortalidade infantil também podem ter contribuído para essa prática cultural, pois ela proporcionou aos homens uma oportunidade para ter muitos filhos sobreviventes, conseqüentemente mão de obra para atividades econômicas.

As relações entre a poligamia e a sobrevivência infantil são bem claras na literatura citada acima. Diferentemente, Amey (2002) fez um estudo sobre o assunto considerando dados de Pesquisas Demográficas e de Saúde (DHS) de seis países da África Ocidental. Concluiu-se que não havia efeitos de interação significativos em nenhum país em que a poligamia era praticada, mas reconheceu-se que a prática pode ser um desafio para a sobrevivência das crianças da África Ocidental.

Lawson e Gibson (2018) usaram dados das Pesquisas Demográficas e de Saúde (DHS) e estudos em escala relativamente pequena com base em configurações socioecológicas mais específicas e encontraram uma relação negativa entre o casamento poligâmico e a saúde infantil na AS. Essa relação negativa entre poligamia e saúde infantil é um argumento muito usado para proibir a prática na África (TERTILT, 2005). Mas, embora haja essa associação negativa, muitas abordagens reconhecem a vulnerabilidade dos domicílios poligâmicos em diferentes aspectos que prejudicam a saúde e a sobrevivência de crianças. O bem estar das crianças depende do contexto em que estão inseridas devido a fatores como posição da esposa, riqueza da família, etnia, sexo da criança e contexto econômico e sociocultural (LAWSON; GIBSON, 2018). Assim, esses fatores podem modificar a associação entre poligamia e saúde infantil, muitas vezes em direções diferentes, dependendo do estudo e das estruturas de família analisadas.

### ***3.4.3 Poligamia e fecundidade***

Na visão filosófica e religiosa africana de Mbiti (1990), o tempo e o espaço também ajudaram a definir quem eram os africanos e os posicionaram adequadamente no círculo do tempo, do espaço e da hierarquia dos seres. Nesta perspectiva, se alguém pudesse se casar e ter filhos e se aproximaria dos ancestrais. As pessoas eram incentivadas a ter tantos filhos quanto pudessem sustentar, pois o casamento seria incompleto se não fosse abençoado com filhos (WAMWARA, 2019). Então, a história conjugal é importante: homens e mulheres que se casam mais jovens e homens que se casam mais de uma vez (ROSSI, 2018).

Entretanto, a questão de poligamia e o comportamento reprodutivo ainda é pouco abordado. Um estudo que explicitamente analisa essa relação no contexto africano foi o de Ezeh (1997). Usando dados da Pesquisa Demográfica e de Saúde do Quênia de 1988/1989 (KDHS1), são encontrados três regimes, que são: regimes de baixa, média e alta de poligamia. Os regimes de alta poligamia são aqueles com 20% ou mais das mulheres em casamento poligâmico. Nesses regimes existe uma orientação de valores que favorece e encoraja o alto desempenho reprodutivo (ROSSI, 2018). A força do pró-natalismo opera igualmente para ambos os sexos, mas, enquanto os homens alcançam seus objetivos reprodutivos casando-se com várias esposas, as mulheres maximizam suas capacidades reprodutivas com o objetivo de satisfazer os desejos dos maridos (EZEH, 1997). Essa maximização da capacidade reprodutiva das mulheres depende do tamanho da família e do peso da rivalidade entre coesposas, pois a rivalidade entre esposas pode aumentar a fecundidade no domicílio. Assim, o maior acesso aos recursos e bens do marido, está ligado a uma resposta estratégica das mulheres mais positiva sobre a fecundidade (ROSSI, 2018). Entre outros que discutem o casamento poligâmico e fecundidade, se encontra o trabalho recente de Rossi (2018) que resulta na primeira evidência quantitativa de que a competição entre as coesposas aumenta a fecundidade. A autora, baseando-se em estudos teóricos e empíricos para descartar abordagens cooperativas, investigou uma estratégia para contabilizar as escolhas de fecundidade em famílias polígamas. Assim, ela colocou no centro das discussões as interações estratégicas e a rivalidade entre as esposas e ressalta que a prática da poligamia mina a transição da fecundidade na AS.

Para Pison (1986), nas populações do Sahel, a poligamia está associada à alta fecundidade, apesar de ser muito simplista dizer que a poligamia é o único fator responsável pela alta fecundidade. Schoumaker e Tsala Dimbuene (2017) observam que a fecundidade das mulheres

na AS diminuiu pouco nas últimas décadas, apesar de uma das explicações para a alta fecundidade ser o comportamento poligâmico.

Outros estudos abordam a tomada de decisão dos pais em investir recursos nos filhos. Kazianga e Klonner (2006) considerando os dados de Pesquisas Demográficas e de Saúde na zona rural do Mali, onde as taxas de poligamia entre mulheres casadas estavam perto de 50%, baseando-se em evidências antropológicas, desenvolveram um modelo de tomada de decisão intrafamiliar sobre fecundidade e sobrevivência infantil no âmbito do agregado familiar. Ressaltaram que, no contexto poligâmico, as rivalidades entre esposas, que buscam exclusividade com o marido, são responsáveis pela luta de obtenção de recursos, sendo que as esposas juniores estão em posição de menor poder de barganha. Jankowiak *et al.* (2005) apontam para o desejo sexual e os interesses reprodutivos das mulheres que são também elementos importantes na promoção da rivalidade entre esposas. Isso seria causa dos vários conflitos entre esposas e do ressentimento profundo na distribuição dos recursos. Mas, pensando nas diferenças de idades entre esposas, vale notar que a capacidade de uma mulher de se ajustar à vida em uma família polígama varia com a idade, sendo que as mulheres seniores em seus anos avançados no período reprodutivo são as mais ressentidas com a chegada de uma coesposa.

Tertilt (2005) criou um modelo de fecundidade baseado nas transferências no casamento por meio do dote. A autora considerou a hipótese de que os homens tomam decisões em relação ao número de filhos que eles gostariam de ter e as mulheres ou noivas mais novas são mais desejadas pelos homens dispostos a investir ou a pagar mais pela sua família. A autora assume que esses fatores estão em equilíbrio no contexto de crescimento econômico lento e agrário. Assim, em áreas de alta fecundidade, o regime poligâmico é ligado ao fenômeno de altos preços de noivas, tornando as filhas um investimento mais atraente para a família do noivo do que outras formas de investimento (KAZIANGA; KLONNER, 2006).

Essa questão também discutida por Goody (1976); Locoh (1976) e Pison (1986), e em seguida por Lesthaeghe *et al.* (1989), em que todos concordaram com a ideia de que a poligamia é uma causa de grande diferencial de idade de casamento entre os sexos.

### **3.5 Conclusão**

Em meio às discussões sobre a poligamia, as teorias antropológicas, economistas e demográficas se interagem para explicar essa prática em diversas regiões, percebe-se que a África Ocidental, a região com diversos países que compartilham certos valores que definem

as formações familiares, carece de mais estudos. Por isso, o presente trabalho apresenta uma abordagem da prática cultural caracterizando as mulheres poligâmicas e não poligâmicas de três países fronteiriços, Benim, Burkina Faso, e Togo, respectivamente, em 2013, 2010 e 2006, no que tange às Ipums- International (Ipums-I). Assim, a seção a seguir apresenta dos dados e a metodologia do trabalho.

## **4 FONTE DE DADOS E METODOLOGIA**

### **4.1 Base de dados**

A pesquisa usou dados do Ipums-I (IPUMS INTERNACIONAL) do Benim, de Burkina Faso e do Togo. Esses dados foram coletados e estão disponíveis por meio dos censos realizados pelo Instituto Nacional de Estatística e Análise Econômica (INSAE) da república do Benim, pelo Instituto Nacional de Estatística e Demografia (INSD) da república de Burkina Faso e pelo Instituto de Estatística e Estudos Econômicos e Demográficos (INSEED) da república do Togo.

Os anos de 1960 representam o período em que muitos dos países africanos conquistaram suas independências e, portanto, período inicial dos primeiros censos demográficos. Os censos de cada país acontecem de acordo com as agendas dos órgãos desenhados pelos governantes e são disponibilizados via diferentes canais, seja nacional ou internacional.

Um desses canais é o Ipums-I que disponibiliza dados de diferentes censos demográficos de países ao redor do mundo. Os objetivos do projeto são coletar e preservar dados e documentação, harmonizar dados e divulgá-los gratuitamente. Os dados de origem do IPUMS-I são generosamente fornecidos pelos Escritórios Nacionais de Estatística participantes. De acordo com o site, além do IPUMS-I ter 610 milhões de registros, abrangendo mais de 100 países, é a maior coleção do mundo de dados de censos demográficos disponíveis publicamente.

Entre vários estudos científicos que utilizam dados do IPUMS- I, estão dois trabalhos sobre a poligamia no contexto africano recente (POLLET; NETTLE, 2009; FIEDER *et al.*, 2018). Pollet e Nettle (2009) usaram mais de um milhão de registros de homens do censo de 2002 de Uganda. Os autores verificaram que polígamos são mais propensos a possuir terras do que os monogâmicos. Além disso, casamentos polígamos são mais comuns à medida que a proporção entre os sexos no distrito se torna mais distorcida em favor das mulheres. Fieder *et al.* (2018) seguiram uma visão religiosa da poligamia. Devido à falta de dados globais sobre poligamia, a religião tem sido usada como indicador de monogamia (cristãos) versus poligamia

(muçulmanos). As análises foram baseadas em dados do censo de 2000-2011. No geral, uma proporção maior de muçulmanos se casava em idades mais aproximadas em relação aos cristãos. Além disso, a diferença na proporção de homens casados para mulheres casadas à idade exata – o hiato do casamento – era muito mais pronunciada entre os muçulmanos do que entre os cristãos. Uma grande “diferença matrimonial” em determinada idade nas sociedades muçulmanas leva a um alto número de mulheres casadas e meninos solteiros, e pode colocar essas sociedades poligênicas sob pressão (FIEDER *et al.*, 2018). Como esperado para uma tradição de poligamia, os resultados indicam que o nível socioeconômico para o casamento é maior para os homens muçulmanos e menor para as mulheres muçulmanas.

O Ipums-I tem dados dos censos demográficos de Benim (1979, 1992, 2002 e 2013), Burkina Faso (1985, 1996 e 2006) e Togo (1970 e 2010). Mas, visto que os censos acontecem em períodos diferentes e com a subenumeração dos dados mais antigos, para este trabalho, são utilizados os últimos censos de cada um dos países. Todos os censos contêm informações demográficas, juntamente com informações adicionais sobre religião, ocupação, indústria, renda, situação de emprego, educação, tipo e qualidade de moradia, situação de deficiência e características da família. Segue, então, o Quadro 1, que indica os censos mais recentes e o número de observações para o estudo de cada um dos países.

Neste trabalho, a unidade de análise será as mulheres casadas ou em união. Essa unidade considerada se justifica pelo interesse em analisar as diferenças na fecundidade e mortalidade na região em domicílios monogâmicos ou poligâmicos.

**Quadro 1:** Censos demográficos mais recentes disponíveis dos três países

<b>PAÍS</b>	<b>BENIM</b>	<b>BURKINA FASO</b>	<b>TOGO</b>
<b>Ano</b>	<b>2013</b>	<b>2006</b>	<b>2010</b>
<b>Número de observações</b>	<b>1639690</b>	<b>2000860</b>	<b>1104569</b>

**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, INSD 2006, INSEED 2010, IPUMS- I-2021

## 4.2 Variáveis

A partir das bases de dados descritas acima, foram utilizadas várias variáveis, que serão descritas abaixo e acompanhadas, entre parênteses, das categorias de resposta a serem analisadas. Algumas variáveis sofreram recodificação, apoiadas na literatura existente, a fim de melhorar a interpretação e possibilitar a compatibilização dos censos dos três países.

Assim como todos os outros quesitos censitários, as respostas eram fornecidas por uma mesma pessoa no domicílio. Como a unidade de análise é a mulher em união conjugal e idade reprodutiva no domicílio, na existência de mais de uma mulher no domicílio, ambas eram incluídas na amostra analítica como mulheres de referência. Para isso, foram combinadas as variáveis serial, pernum e sample. Pois, a variável serial é uma variável numérica de 10 dígitos que indicava o número domiciliar dentro da habitação em cada censo, a variável sample identificava o número do banco de dados de Ipums da qual o censo foi coletado, e a variável pernum indicava os números de todas as pessoas dentro de cada domicílio consecutivamente (começando com "1" para o registro de primeira pessoa de cada domicílio). Enfim, quando o pernum é combinado com sample e serial, identifica-se então todas as mulheres de referência no mesmo domicílio, e isso foi feito para cada censo, conseqüentemente para os três países.

A identificação pela combinação das duas variáveis identifica-se exclusivamente à mulher de referência no domicílio no banco de dados. A variável chave do trabalho é a que define poligamia. A variável poligamia indica se a mulher de referência é polígama ou não (1 = poligamia ou 0 = monogamia).

A variável de fecundidade é definida usando os números de filhos nascidos vivos daquela mulher nos últimos doze meses, sendo essa uma variável discreta. Essas informações auxiliam no cálculo das taxas específicas de fecundidade e taxas específicas de fecundidade marital.

A variável da mortalidade infantil foi definida considerando a relação entre o número de crianças nascidas vivas e o número de crianças sobreviventes para cada mulher de referência. Partindo disso, temos a proporção de sobreviventes, que é calculada pela divisão dos filhos sobreviventes pelos nascimentos.

Além dessas três variáveis, as variáveis de controle para esse trabalho foram escolhidas tendo como base a literatura existente. A primeira dela é a variável religião (0 = sem religião; 1 = Islã;

2 = cristã; 3 = outras religiões). A segunda é a variável frequência escolar, que indica se a mulher havia frequentado ou não uma instituição de ensino na época do censo (1 = Sim; 0 = Não). A variável Alfabetização indica se a pessoa era alfabetizada ou não (1 = Sim; 0 = Não). Uma terceira variável mede a escolaridade da mulher (0 = ensino primário incompleto; 1 = ensino primário completo; 2 = ensino secundário completo; 3 = ensino universitário completo).

A qualidade da moradia foi avaliada de acordo com a disponibilidade de eletricidade (1 = Possui ou 0 = Não Possui), de rádio (1 = Possui ou 0 = Não Possui), de banheiro (1 = Possui ou 0 = Não Possui) e de rede esgoto (1 = Possui ou 0 = Não Possui). Agrupadas, essas variáveis formaram um Índice.

A participação da mulher no mercado de trabalho também foi incluída (0 = desempregada; 1 = empregada; 2 = inativa). Outra variável indica a propriedade do domicílio (1 = Possui ou 0 = Não Possui). As populações também foram subdivididas por zonas urbanas e rurais (1 = Rural ou 0 = Urbano).

Como mencionado acima, os países apresentam diferentes características geo-administrativas e regionais (ver mapas nas Figuras 1, 3 e 5). Segue o quadro 2 das sub-regiões administrativas também utilizadas como covariáveis. Ao empilhar os dados dos três países, foram criadas variáveis categóricas para cada um dos países.

**Quadro 2:** Sub-regiões administrativas dos três países, Benim, Burkina Faso e Togo

BJ 2013	BF 2006	TG 2010
Littoral	Centre	Lomé
Ouémé	Sahel	Savanes
Atlantique	Hauts-Bassins	Maritime
Mono	Sud-Ouest	Plateaux
Atacora	Boucle Du Mouhoun	Centrale
Collines	Est	Kara
Plateau	Centre-Sud	
Borgou	Centre-Est	
Zou	Cascades	
Alibori	Nord	
Donga	Plateau Central	
Couffo	Centre-Nord	
	Centre-Ouest	

**Fonte:** INSAE 2013, INSD 2006, INSEED 2010, IPUMS-International (2021)



### 4.3 *Estratégia empírica*

A seção das estratégias empíricas apresentará as três abordagens que serão empregadas para o estudo. Inicia-se pela técnica de cálculo de TEFs e TEFMs, e das proporções de crianças sobreviventes das mulheres nas idades reprodutivas de 15 a 49 anos.

#### 4.3.1 *A técnica de cálculo das TEFs e TEFMs e das proporções de crianças sobreviventes*

O estudo para tratar dos objetivos ligados à fecundidade e à mortalidade das mulheres polígamas ou não, se apoiará em técnicas de cálculo das taxas existentes na demografia. Primeiramente, será usado o método demográfico apresentado no livro de Preston (2001) para analisar as taxas específicas de fecundidade (TEFs) e da taxa específica de fecundidade marital (TEFM). Em relação a TEFs, segundo o autor, essas taxas específicas de fecundidade são definidas pela razão entre o numerador, o número de nascimento em cada grupo etário, dividido pelo denominador, ou seja, os números de mulheres neste mesmo grupo etário. Logo, as TEFs podem ser formalizadas por meio da fórmula matemática a seguir:

$$nTEFx[0, T] = \frac{\text{Nascimentos no período } 0 \text{ a } T \text{ de mulheres de } x \text{ a } x + n}{\text{Pessoas-anos vividos no período } 0 \text{ a } T \text{ por mulheres com idade } x \text{ a } x + n} \quad (1)$$

Enquanto as TEFs indicam os níveis de fecundidade baseando nas mulheres em idades reprodutivas e os nascimentos nos respectivos grupos etários, as taxas específicas de fecundidade marital (TEFM) são calculadas pela razão entre as mulheres casadas em idades reprodutivas e os nascimentos nos respectivos grupos etários. Essa última é nada mais que a combinação das taxas específicas de grupo etário e estado civil, e são assim definidas como:

$$nTEFMx[0, T] = \frac{\text{Nascimentos no período } 0 \text{ a } T \text{ de mulheres casadas de } x \text{ a } x + n}{\text{Pessoas-anos vividos no período } 0 \text{ a } T \text{ por mulheres casadas com idade } x \text{ a } x + n} \quad (2)$$

No entanto, a parte das fórmulas 1 e 2, pode se obter, somando todas as TEFMs, uma taxa de fecundidade conjugal total (TFMT) que é análoga à TFT. A comparação da TFMT e da TFT indica a contribuição de um determinado padrão de nupcialidade para o nível de fecundidade. Assim, essa relação entre a taxa de fecundidade total dividida pela taxa de fecundidade marital total (TFT/TEFM) aparecerá como uma média ponderada da proporção de casados em cada grupo etário, sendo os pesos a contribuição de uma faixa etária para a taxa de fecundidade marital total (PRESTON *et al.*, 2001).

Por fim, para calcular as proporções de crianças sobreviventes para as mães casadas, considera-se as crianças nascidas vivas (*Children ever born*) e as crianças nascidas sobreviventes (*children surviving*) no período considerado para cada país.

Seja  $P_x$  essa proporção:

$$nPx = \frac{\text{Número de crianças nascidas sobreviventes de mulheres casadas de } x \text{ a } x + n}{\text{Número de crianças nascidos vivos por mulheres casadas com idade } x \text{ a } x + n} \quad (3)$$

Logo, tanto as taxas quanto a proporção são cruciais para analisar a fecundidade e mortalidade das mulheres em casamento poligâmico ou não.

### 4.3.2 Regressão Logística

A regressão logística é um método que nos permite estimar a probabilidade associada à ocorrência de determinado evento específico em relação a um conjunto de variáveis explanatórias. Ela é utilizada, muitas vezes, pelos cientistas de ciências sociais que muitas vezes trabalham com variáveis categóricas, para estudar as variáveis *dummies* que são aquelas compostas com duas respostas “Sim” ou “Não”. Entretanto, usar essa regressão é assumir que a variável dependente é um evento estocástico e tem como objetivo mensurar a probabilidade de um evento ocorrer. No nosso caso, o evento seria ser a mulher polígama (1 = Sim ou 0 = Não) controlado pelas variáveis educacionais, de domicílio, da habitação, zona de residência e das sub-regiões administrativas. Busca-se, assim, estimar as probabilidades do evento. Os resultados da estimativa ficam contidos no intervalo de zero a um. Enfim, foi usado o software Stata 14.1 para realizar as regressões logísticas.

No caso da variável dependente  $Y$  assumir apenas duas categorizações (1 = polígamia ou 0 = monogamia) é haver um conjunto de  $n$  variáveis independentes  $X_1, X_2, \dots, X_n$ , o modelo de regressão logística pode ser escrito da seguinte forma:

$$Y = \text{Log}\left(\frac{pi}{1-pi}\right) = B_0 + B_1X_1 + B_2X_2 + B_3X_3 + \dots + B_nX_n \quad (4)$$

Onde  $pi$  é a probabilidade

Diante disso, a probabilidade de sucesso do evento seria:

$$P(Y = 1) = \frac{1}{1 + e^{-(h(x))}} \quad (5)$$

Onde:

Poligamia (1 = Sim ou 0 = Não), ou Fecundidade (1 = teve filhos tidos vivos nos últimos 12 meses ou 0 = não teve filhos tidos vivos nos últimos 12 meses), e ou Mortalidade (1 = teve filhos tidos sobreviventes ou 0 = não teve filhos tidos sobreviventes). Logo, seguem-se os modelos:

(1)

$$Poligamia = B0 + B1(Fecundidade) + B2(Mortalidade)$$

$$Fecundidade = B0 + B1(Poligamia) + B2(Mortalidade)$$

$$Mortalidade = B0 + B1(Poligamia) + B2(Mortalidade)$$

(2)

$$Poligamia = B0 + B1(Região) + B2(Religião) + B3(sub-região)$$

$$Fecundidade = B0 + B1(Região) + B2(Religião) + B3(sub-região)$$

$$Mortalidade = B0 + B1(Região) + B2(Religião) + B3(sub-região)$$

(3)

$$Poligamia = B0 + B1(Grupos etários) + B2(Propriedade) + B3(Eletricidade) + B4(Esgoto) + B5(Televisão) + B6(Rádio) + B7(Banheiro) + B8(Escolaridade) + B9(Alfabetização) + B10(Grau Educação) + B11(Atividades)$$

$$Fecundidade = B0 + B1(Grupos etários) + B2(Propriedade) + B3(Eletricidade) + B4(Esgoto) + B5(Televisão) + B6(Rádio) + B7(Banheiro) + B8(Escolaridade) + B9(Alfabetização) + B10(Grau de Educação) + B11(Atividades)$$

$$Mortalidade = B0 + B1(Grupos etários) + B2(Propriedade) + B3(Eletricidade) + B4(Esgoto) + B5(Televisão) + B6(Rádio) + B7(Banheiro) + B8(Escolaridade) + B9(Alfabetização) + B10(Grau de Educação) + B11(Atividades)$$

(4)

$$Poligamia = B0 + B1(Grupos etários) + B2(Região) + B3(Grau de Educação) + B4(Escolaridade) + B5(Alfabetização) + B6(Propriedade) + B7(Eletricidade) + B8(Esgoto) + B9(Televisão) + B10(Rádio) + B11(Banheiro) + B12(Religião) + B13(Fecundidade) + B14(Mortalidade) + B15(sub-regiões)$$

$$Fecundidade = B0 + B1(Grupos etários) + B2(Região) + B3(Grau de Educação) + B4(Escolaridade) + B5(Alfabetização) + B6(Propriedade) + B7(Eletricidade) + B8(Esgoto) + B9(Televisão) + B10(Rádio) + B11(Banheiro) + B12(Religião) + B13(Poligamia) + B14(Mortalidade) + B15(sub-regiões)$$

$$\begin{aligned} \text{Mortalidade} = & B0 + B1(\text{Grupos etários}) + B2(\text{Região}) + B3(\text{Grau de Educação}) + B4(\text{Escolaridade}) + \\ & B5(\text{Alfabetização}) + B6(\text{Propriedade}) + B7(\text{Electricidade}) + B8(\text{Esgoto}) + B9(\text{Televisão}) + B10(\text{Rádio}) \\ & + B11(\text{Banheiro}) + B12(\text{Religião}) + B13(\text{poligamia}) + B14(\text{Mortalidade}) + B15(\text{sub-regiões}) \end{aligned}$$

A escolha das categorias de referência utilizadas nas regressões foi guiada pelas múltiplas literaturas existentes sobre a nupcialidade africana como por exemplo Lesthaeghe *et al.* (1986); Locoh (1976, 1988 e 1995), a demográfica da poligamia (PISON, 1982, 1986; PILON, 1991), sobre impacto da poligamia na sociedade (POLLET, NETTLE, 2009; ROSS, 2018; ROSSI, 2018) e nas variáveis sociodemográficas (MABOSO *et al.*, 2018), que tiveram estudos importantes para analisar a relação entre a poligamia e as variáveis sociodemográficas. Assim, a partir dos modelos acima, será feita uma análise empírica entre a poligamia e as variáveis sociodemográficas nos três países e censos. Segue-se, então, a seção da apresentação dos resultados descritivos e econométricos. Uma breve análise de qualidade dos dados dos censos foi realizada e está disponível no Anexo 1.

## 5 RESULTADOS

### 5.1 Análise descritiva

Esta seção tem como objetivo apresentar as análises descritivas das variáveis consideradas para fim de caracterização das mulheres polígamas e não polígamas nos três países fronteiriços.

#### 5.1.1 A poligamia na área de estudo nos três censos recentes

**Tabela 1:** Proporção de mulheres em união que são polígamas no Benim, em 2013; Burkina Faso, em 2006; e no Togo, em 2010.

País	BJ2013		BF2006		TG2010	
	SIM	Total	SIM	Total	SIM	Total
Poligamia	34,33%	1639690	45,03	2000860	31,41	1104569

**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, INSD 2006, INSEED 2010, IPUMS- I-2021.

A Tabela 1 indica as proporções de poligamia nos três censos. Considerando esses últimos censos, a poligamia apresenta proporções distintas nos três países, sendo menos elevada no

Togo (31,4), em seguida em Benim (34,3) e mais elevada em Burkina Faso (45,03%). Ressalta-se que as proporções são elevadas.

### 5.1.2 *Análise etária do casamento e poligamia*

A distribuição etária do casamento e da poligamia é apresentada na Tabela 2. A Tabela mostra a estrutura etária das mulheres para BJ 2013, BF 2006, e TG 2010. Os grupos de idades das mulheres variam de 10 a 85 anos a mais. Nota-se que as proporções de mulheres em união poligâmica aumentam até aproximadamente 35-39 anos e depois permanece estável. Os grupos etários mais jovens podem transitar da monogamia entrando num casamento poligâmico.

**Tabela 2:** Proporção de poligamia entre as mulheres casadas ou em união, por faixa etária quinquenal, do Benim, 2013; Burkina Faso, 2006; e Togo, 2010.

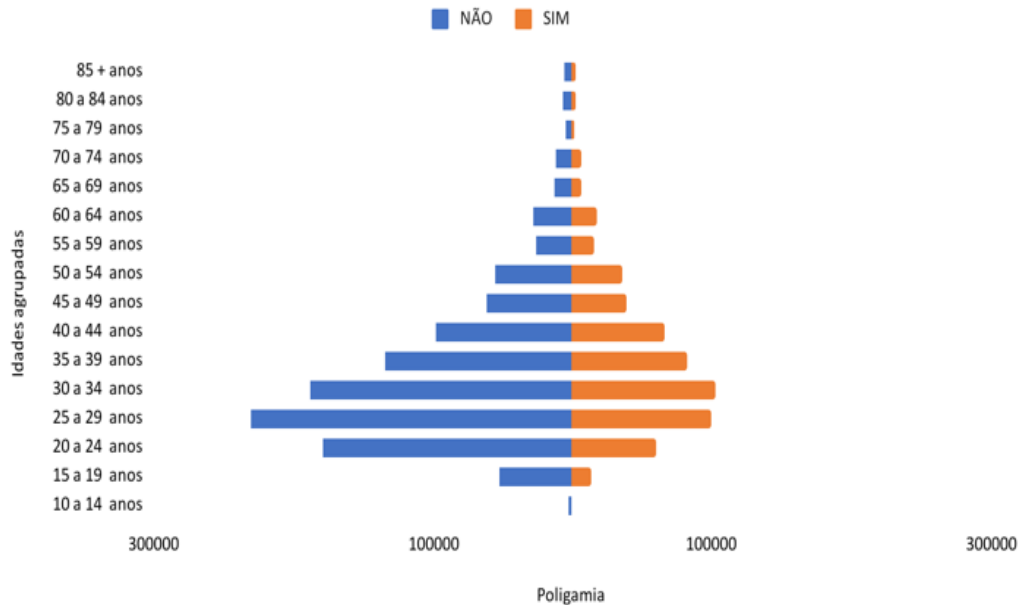
País	BJ2013		BF2006		TG2010	
	SIM	Total	SIM	Total	SIM	Total
10 a 14 anos	18,18	1870	34,75	1410	18,89	1246
15 a 19 anos	22,02	65760	27,69	133170	17,48	32160
20 a 24 anos	25,6	237580	32,61	322180	19,83	143569
25 a 29 anos	30,42	327960	40,35	429150	24,88	202342
30 a 34 anos	35,73	288970	45,51	238640	30,27	180973
35 a 39 anos	38,43	215780	52,16	288820	33,95	150312
40 a 44 anos	40,97	162570	52,48	143680	37	118651
45 a 49 anos	39,78	100240	56,16	169500	38,6	85299
50 a 54 anos	40,37	91270	56,31	100170	40,41	64186
55 a 59 anos	39,37	40820	58,11	74910	40,05	37598
60 a 64 anos	41,06	45740	55,4	43630	43,92	32337
65 a 69 anos	38,59	18710	57,61	28380	42,61	18865
70 a 74 anos	38,01	18050	55,08	13690	44,83	15614
75 a 79 anos	38,03	6890	57,76	7600	43,49	7586
80 a 84 anos	37,12	9320	54,43	3050	43,19	6542
85 + anos	35,78	8160	51,39	2880	44,82	7291
Total	34,33	1639690	45,03	2.000.860	31,41	1104569

**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, INSD 2006, INSEED 2010, IPUMS- I-2021

Nas Figuras 7, 8 e 9 pode-se observar as pirâmides das populações feminina polígama e monogâmica para cada país. Note-se que há uma predominância de mulheres não polígamas em relação à mulher polígama em quase todas as faixas etárias. Ou seja, revelam que há uma

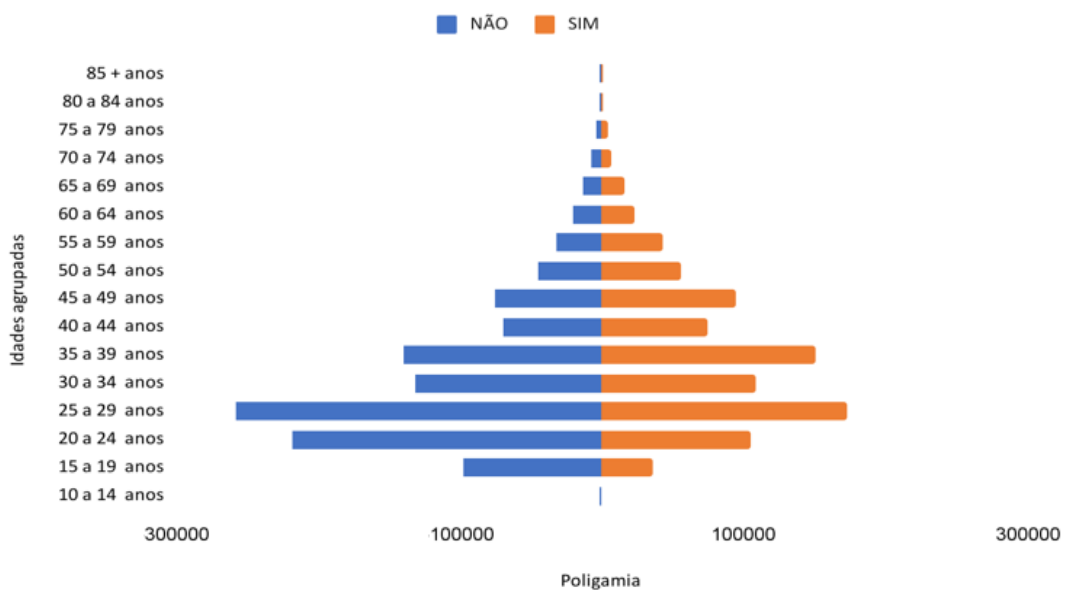
predominância de mulheres não polígamas em relação às mulheres polígamas em todas as faixas etárias no Benim e Togo, exceto na idade avançada em Burkina Faso.

**Figura 7:** Pirâmide etária das mulheres polígâmicas e não polígâmicas do Benim, em 2013



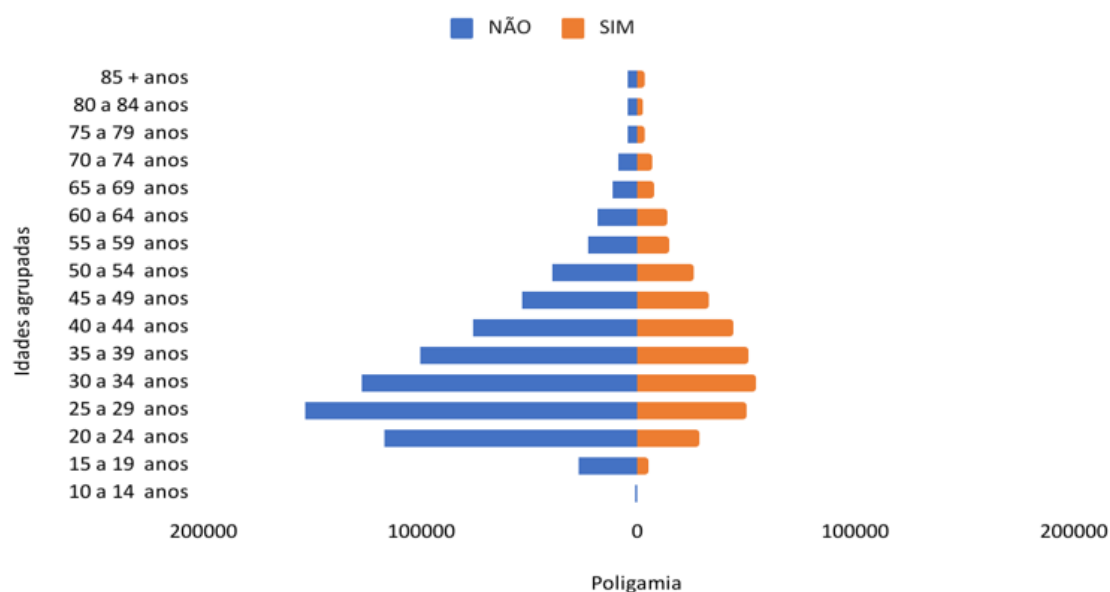
**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, IPUMS- I-2021

**Figura 8:** Pirâmide etária das mulheres polígâmicas e não polígâmicas de Burkina Faso, em 2006



**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSD 2006, IPUMS- I-2021

**Figura 9:** Pirâmide etária das mulheres poligâmicas e não poligâmicas do Togo, em 2010



**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSEED 2010, IPUMS- I-2021

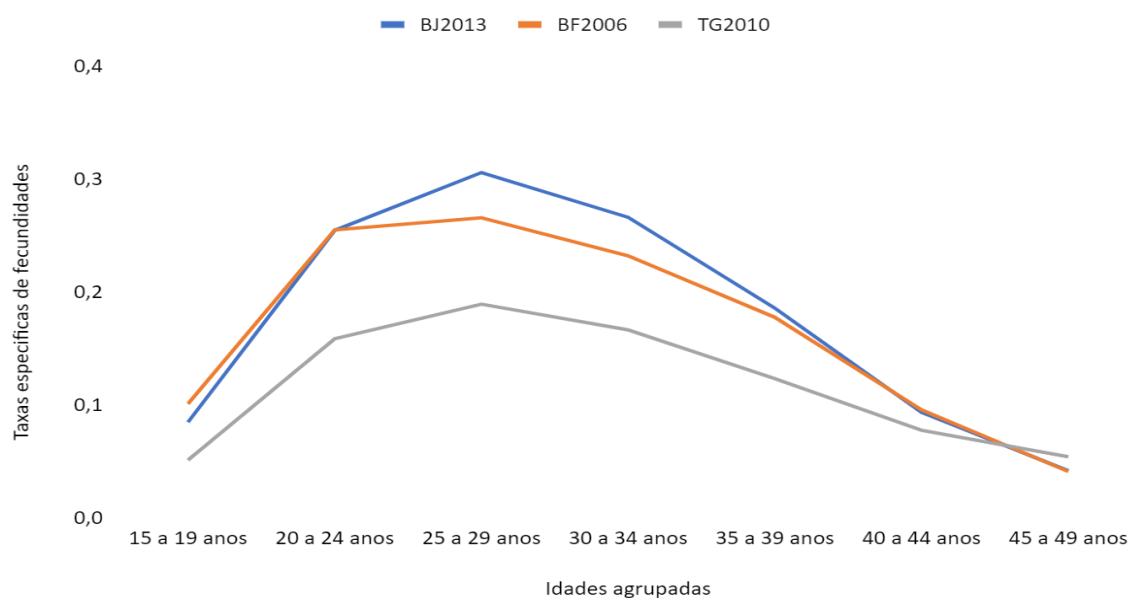
Nessas figuras, percebe-se que as mulheres monogâmicas possuem a estrutura etária mais jovem que as mulheres polígamas, até porque todo processo de poligamia passa pela entrada primeiramente em casamento não poligâmico. Assim, a proporção de não polígamas se assemelha à distribuição etária das mulheres.

### 5.1.3 Fecundidade

Essa seção introduz a discussão sobre as Taxas Específicas de Fecundidade, as Taxas Específicas de Fecundidade Marital e as Taxas de Fecundidade Total de cada país, considerando a relação entre as mulheres de cada faixa etária e seus nascidos vivos tidos nos últimos doze meses em cada censo. Para as maritais, utiliza-se apenas as mulheres em união.

Segue-se, então, a Figura 10 que revela os comportamentos da fecundidade segundo grupo etário em cada país.

**Figura 10:** Taxas específicas de fecundidade do Benim, em 2013, Burkina Faso, em 2006, e do Togo, em 2010.



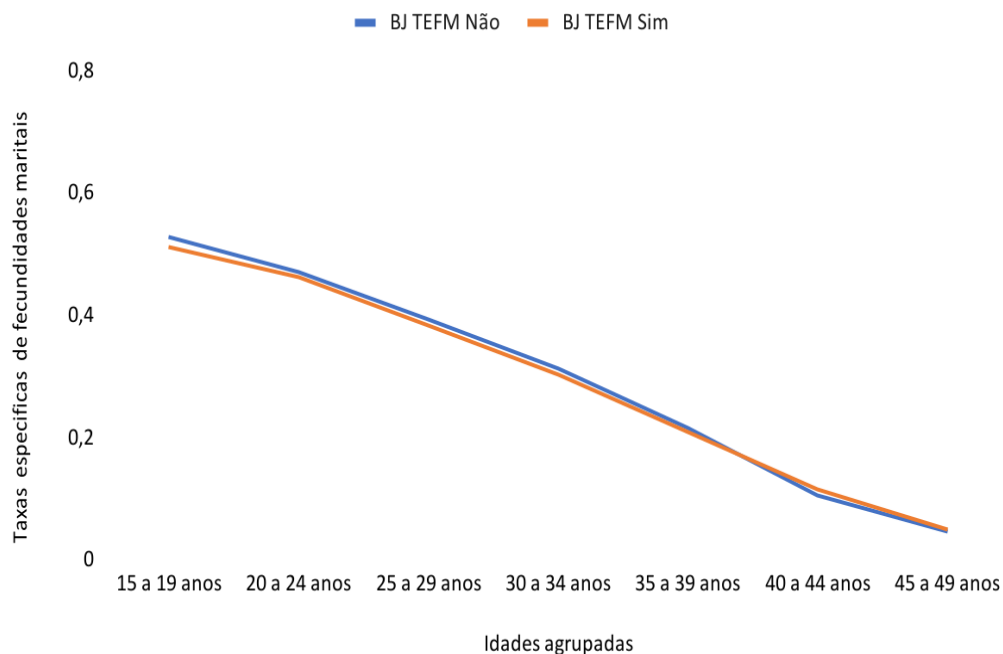
**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, INSD 2006, INSEED 2010, IPUMS- I-2021

A Figura 10 traz respectivamente as Taxas Específicas de Fecundidade do Benim, de Burkina Faso e do Togo. Ressalta-se, nessa figura, as curvas de fecundidades esperadas conforme a literatura existente: uma taxa de fecundidade já bastante elevada para os adolescentes, que aumenta rapidamente até atingir seu ponto máximo na idade de 25-29 anos e que, depois, decresce até 45-49 anos. Enquanto isso, a curva do Togo apresenta os níveis mais baixos das Taxas Específicas de Fecundidade, inclusive na adolescência. Na adolescência, a curva referente a Burkina Faso é ligeiramente mais elevada do que a do Benim. Ainda, nas idades de 25 até 40 anos, a curva do Benim revela os níveis mais elevados dessas taxas. Apesar das diferenças em TEF, esses valores se traduzem em uma fecundidade relativamente alta para as mulheres do Benim e Burkina Faso em relação ao Togo.

Enquanto a idade média da fecundidade é de 30,18, o número médio de filhos tidos vivos por mulher foi de 6,1 para o Benim. Para Burkina Faso, a idade média para fecundidade para as mulheres que tiveram em média 5,8 filhos por mulher no final da vida reprodutiva, foi de 29,99 anos. E, em 2010, no Togo, enquanto o número médio de filhos tidos por mulher era em média 4,1 no final da vida reprodutiva, a idade média da fecundidade foi de 31,16. Assim, os valores mais baixos da TEF refletem em uma TFT também menos elevada.

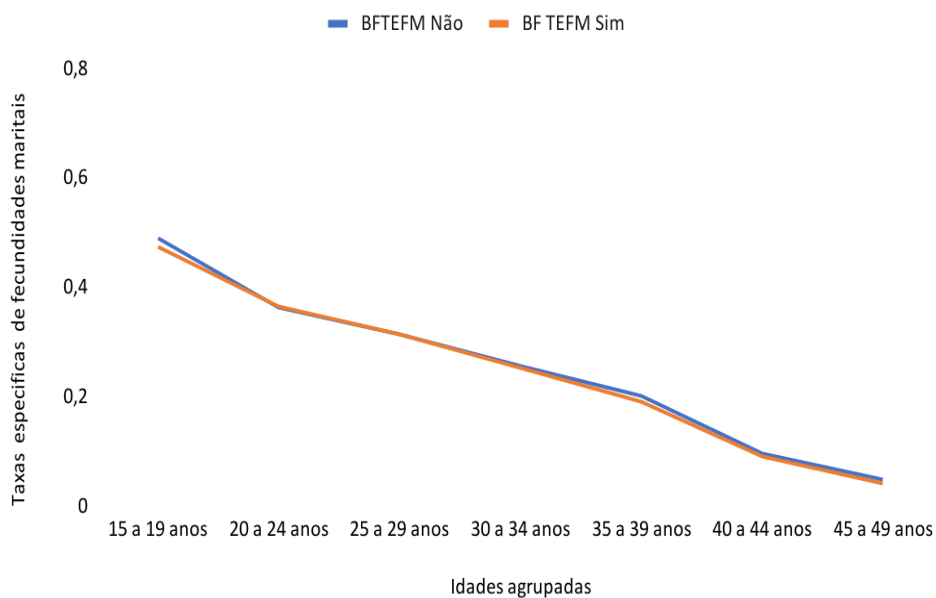


**Figura 11:** Taxas Específicas de Fecundidade Marital do Benim, em 2013, segundo *status* de poligamia (sim ou não).



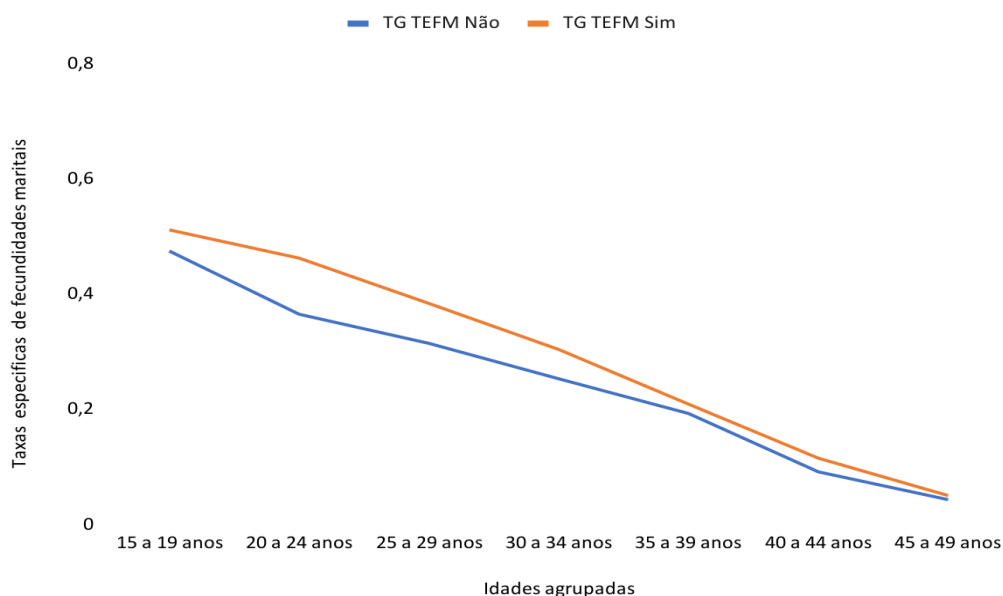
**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, IPUMS- I-2021

**Figura 12:** Taxas Específicas de Fecundidade Marital de Burkina Faso, em 2006, segundo *status* de poligamia (sim ou não).



**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSD 2006, IPUMS- I-2021

**Figura 13:** Taxas Específicas de Fecundidade marital do Togo, em 2010, segundo *status* de poligamia (sim ou não).



**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSEED 2010, IPUMS- I-2021

As Figuras 10, 11 e 12 representam a curva das TEFM segundo os grupos etários no Benim, Burkina Faso e Togo. Como observado nas figuras, a curva segue o padrão clássico existente, com importante participação dos adolescentes e adultos, pois é onde ocorrem as maiores taxas de casamento e também dada a proximidade temporal entre casamento e fecundidade. Em outras palavras, grande parte das jovens que são mães adolescentes se casam muito rapidamente ou grande parte das jovens que se casam, engravidam muito rapidamente. Logo, essas figuras revelaram uma tendência natural decrescente a partir dos grupos etários de 15 a 19 anos, já que a idade do primeiro casamento é baixa. As taxas de fecundidade são mais elevadas para as mulheres em monogamia nas idades adolescentes de 15-19 anos e, depois, se tornam bem próximas para as demais idades até o final da vida reprodutiva.

As TEFM mulheres monogâmicas e polígamas foram muito similares para o Benim e para Burkina Faso. A curva das mulheres monogâmicas no Togo ficou a um nível mais baixo e descolado da curva das mulheres em poligamia, o que ressalta a diferença das mulheres do Togo de acordo com a natureza do casamento (poligâmico ou monogâmico).

As idades médias da fecundidade marital das mulheres não polígamas foram em BJ 26, 85 anos, em 2013, em BF, 26,98 anos, em 2006, e em TG, 27,33 anos, em 2010. Já as polígamas

foram 26,98 anos em BJ, em 2013, 26,85 anos em BF em 2006, e em 27,87 anos em TG, em 2010. Em resumo, as idades médias à fecundidade marital das mulheres monogâmicas e polígamas são muito similares.

#### 5.1.4 Mortalidade

A Tabela 3 indica as proporções de filhos tidos sobreviventes das mulheres poligâmicas ou monogâmicas de 15 a 49 anos em cada país.

**Tabela 3:** Proporções de filhos tidos sobreviventes das mulheres polígamas e monogâmicas segundo grupo etário.

Idades	Proporção de sobreviventes					
	Benim (2013)		Burkina Faso (2006)		Togo (2010)	
	polígamas	monogâmicas	polígamas	monogâmicas	polígamas	monogâmicas
15 a 19 anos	0,9142	0,9291	0,8658	0,8799	0,9046	0,9221
20 a 24 anos	0,9124	0,9228	0,8478	0,878	0,8756	0,9204
25 a 29 anos	0,904	0,9243	0,8426	0,876	0,884	0,9125
30 a 34 anos	0,9071	0,9228	0,8500	0,8738	0,8846	0,9125
35 a 39 anos	0,9085	0,9266	0,8627	0,886	0,8957	0,9152
40 a 44 anos	0,9129	0,9245	0,8726	0,8932	0,8973	0,9155
45 a 49 anos	0,9081	0,9225	0,8682	0,8919	0,8925	0,9064

**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, INSD 2006, INSEED 2010, IPUMS- I-2021

Nota-se, pela Tabela 3, uma diferença nas proporções de crianças sobreviventes das mulheres em poligamia para cada país. Nos três países, as proporções de sobreviventes para as mulheres monogâmicas é mais alta do que das mulheres em poligamia. Assim, as mulheres em poligamia estão mais propensas a ter filhos não sobreviventes do que as mulheres monogâmicas. Essa conclusão vai ao encontro dos resultados de vários estudos, tais como Smith-Greenaway e Trinitapoli (2014) e de Ekholuenetale *et al.* (2020), que indicaram certas vulnerabilidades das crianças ou desvantagens de sobrevivência das crianças em famílias poligâmicas.

### 5.1.5 Poligamia e demais dimensões sociodemográficas

A Tabela 3 também aponta para as proporções de poligamia de acordo com as diferentes características sociodemográficas das mulheres. Essas características serão posteriormente utilizadas como controle nas modelagens estatísticas. Primeiramente, a variável que indica a zona de residência das mulheres revelou que a maioria das mulheres morava na zona rural.

**Tabela 4:** Distribuição das características sociodemográficas de mulheres polígamas e não polígamas do Benim, 2013; Burkina Faso, 2006; e Togo, 2010.

País	BJ2013		BF2006		TG2010	
	SIM	Total	SIM	Total	SIM	Total
<b>Região</b>						
Urbano	27,36	721800	23,73	392030	19,15	394697
Rural	39,81	917890	50,22	16088300	38,22	709872
<b>Grau de Educação</b>						
ensino primário incompleto	37,70	1 349 450	47,50	1 849 040	37,10	804 544
primário completo	19,70	237 000	16,64	122 970	16,55	278 786
secundário completo	12,92	41 780	8,91	21 100	11,01	18 003
universitário completo	17,19	11 460	4,39	7 750	11,70	3 236
<b>Atividades</b>						
Desempregados	22,32	7660	22,19	6220	28,04	48150
Empregado	33,20	799830	50,18	1300220	31,96	833073
Inativos	35,52	832200	35,59	694420	30,09	223346
<b>Alfabetização</b>						
Não Anal	38,84	1 224 430	48,60	1 758 140	39,47	684 306
Sim Alfa	21,04	415 260	19,13	242 720	18,28	420 263
<b>Escolaridade</b>						
Não frequentou	34,49	1 617 720	45,16	1 990 270	31,50	1 099 593
Frequentou	22,35	21 970	20,96	10 590	11,27	4 976
<b>Propriedades</b>						
Não Possui	33,14	1 060 490	32,5	247 470	28,44	697283
Possui	36,51	579 200	46,8	1 753 390	36,5	407286
<b>Eletricidade</b>						
Não Possui	38,2	1 080 090	47,08	1 837 520	36,58	751039
Possui	26,86	559 600	22	163 340	20,42	353530
<b>Esgoto</b>						
Não conectado	35,19	1 565 870	45,01	1 888 600	31,45	1102058
conectado	16,08	73 820	45,32	112 260	13,33	2 511
<b>Televisão</b>						
Não Possui	36,67	1 109 980	47,1	1 793 300	35,16	780210
Possui	29,43	529 710	27,09	207 560	22,38	324359
<b>Rádio</b>						
Não Possui	34,73	536 500	45,03	746 340	30,76	261298
Possui	34,13	1 103 190	45,03	1 254 520	31,61	843271
<b>Banheiro</b>						
Não Possui	38,97	1 029 750	49,58	1 414 130	38,54	627008

Possui	26,49	609 940	34,07	586 730	22,04	477561
<b>Religião</b>						
Sem religião	36,53	87770	48,49	6640	33,46	71383
Islã	39,48	449020	46,72	1230850	39,23	172220
Cristão	27,35	801080	29,95	430050	20,7	520448
Outras religiões	44,55	301820	58,17	333320	43,39	340518

**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, INSD 2006, INSEED 2010, IPUMS- I-2021

Na zona rural há uma maior proporção de mulheres polígamas comparado às zonas urbanas. A variável grau de educação revela que, no Benim, em 2013, Burkina Faso, em 2006, e no Togo, em 2010, há altas proporções de mulheres polígamas com ensino primário incompleto, ou seja, a escolaridade é mais elevada entre as monogâmicas. A Tabela 4 mostra, também, as proporções de mulheres polígamas para cada variável do domicílio. A variável propriedade do imóvel revela diferentes proporções de mulheres nos dois regimes para os três países. Dentre as mulheres polígamas, eram maiores as proporções de polígamas que possuíam uma propriedade. Ainda, as proporções de mulheres polígamas eram maiores para aquelas que não possuíam eletricidade, rede de esgoto, televisão e banheiro. Por fim, em relação às atividades, entre as proporções de mulheres polígamas, foram mais elevadas as proporções das mulheres polígamas inativas no Benim. Enquanto isso, no Togo e Burkina Faso, essas proporções eram das mulheres empregadas. Comparando os três países, se vê que a proporção mais elevada dentre delas era de participações, ou seja, empregadas encontradas em Burkina Faso (50,18%). Este resultado corrobora com a explicação de Boserup (1970, 1983) sobre a África, reconhecendo o peso importante da participação das mulheres nas atividades comerciais na maior parte do continente.

Como em diferentes países do mundo as populações têm distintas crenças e religiosidades, vê-se claramente que as mulheres com outras religiões tinham maiores proporções de polígamas nos três países, vindo em seguida as muçulmanas e as sem religião. As católicas eram as que tinham menos proporção de polígamas. Resultado que dialoga com os achados de Timæus e Reynar (1998), já que eles confirmaram que tanto muçulmanas quanto aquelas com outras crenças são mais propensas a ter um casamento poligâmico do que os cristãos.

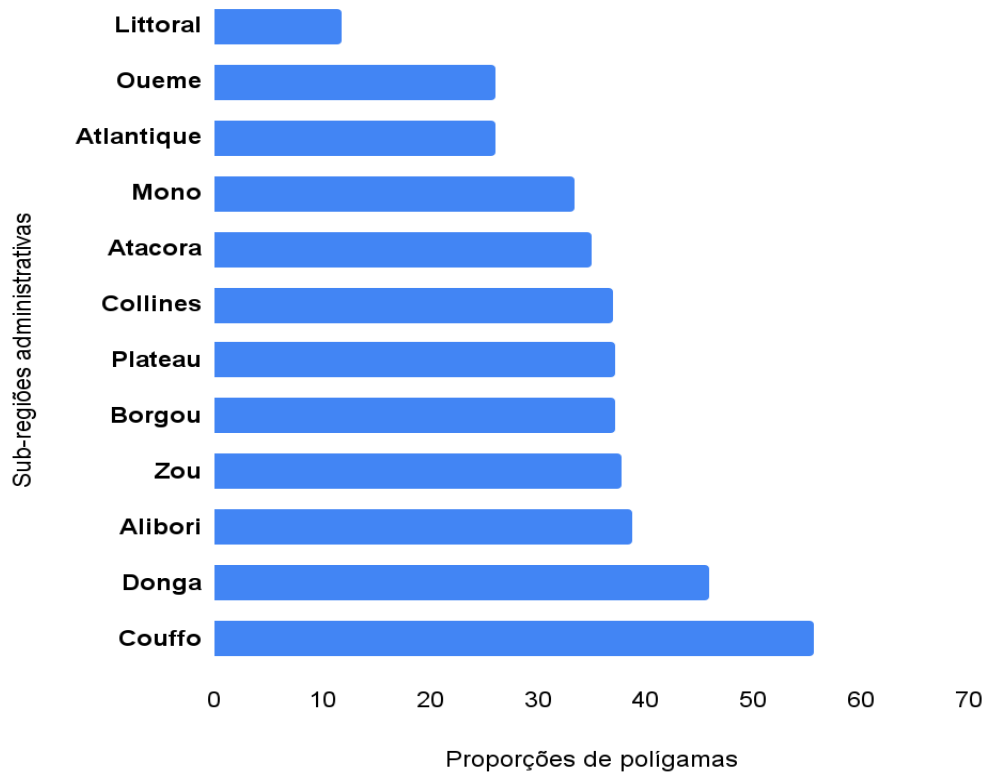
### **5.1.6 Poligamia e variáveis geográficas**

As Figuras 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, e 21 trazem as proporções de mulheres polígamas no Benim, Burkina Faso e Togo de acordo com as subdivisões administrativas. Já que todos os países apresentaram uma concentração de mulheres na região rural, as proporções das mulheres

em casamento poligâmico ou não em casamento são desproporcionais e dispersas entre as zonas de residência. Benim, em 2013, foi representada pela dispersão das mulheres em casamento poligâmico ou não em 12 departamentos, ou seja, no primeiro nível administrativo. Vê-se, então, que a prática está presente nessas sub-regiões de cada país, embora a prática esteja presente nos doze departamentos no Benim, as proporções das mulheres em casamento monogâmico foram superiores às dos casamentos poligâmicos, exceto no departamento de Couffo.

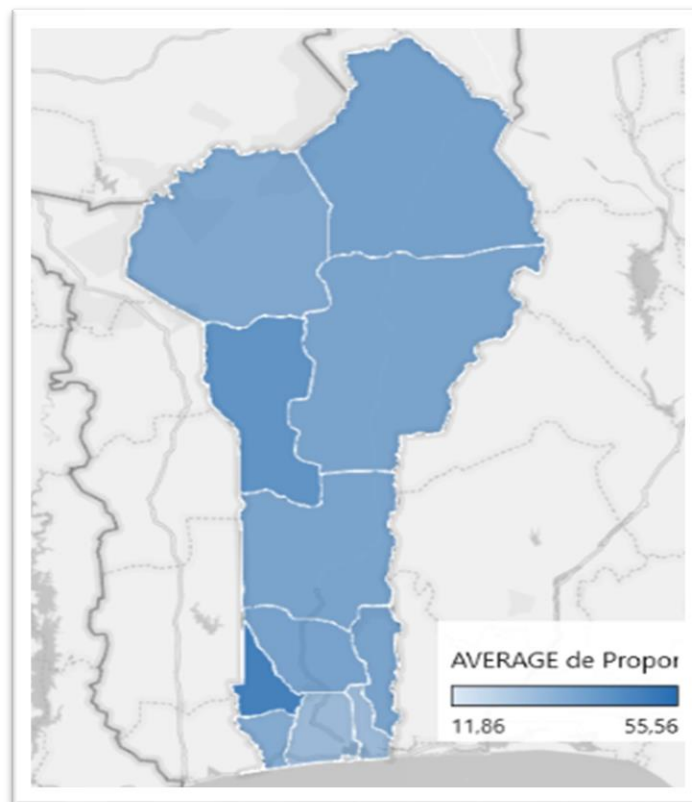
Nos doze departamentos representados pelas Figuras 14 e 15, indicando essas proporções de mulheres em casamento poligâmico. De fato, os doze departamentos apresentaram as proporções de polígamas de forma desproporcional. Por outro lado, os departamentos com maiores número de mulheres em monogamia seguem respectivamente Littoral, Atlantique, Oueme e Borgou, que são regiões conhecidas por maiores oportunidades segundo os relatórios de INSAE. Assim, apesar dos dispersos da prática entre os departamentos, a Littoral, em que se encontra a cidade econômica e industrial conhecida como capital econômica, “Cotonou” ficou com menor números de polígamas contra Couffo com menor número de mulheres em monogamia.

**Figura 14:** Proporções de mulheres em poligamia no Benim por sub-região administrativa, em 2013.



**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, INSD 2006, INSEED 2010, IPUMS- I-2021

**Figura 15:** Mapas com as proporções de mulheres polígamas no Benim, por sub-região administrativa, em 2013

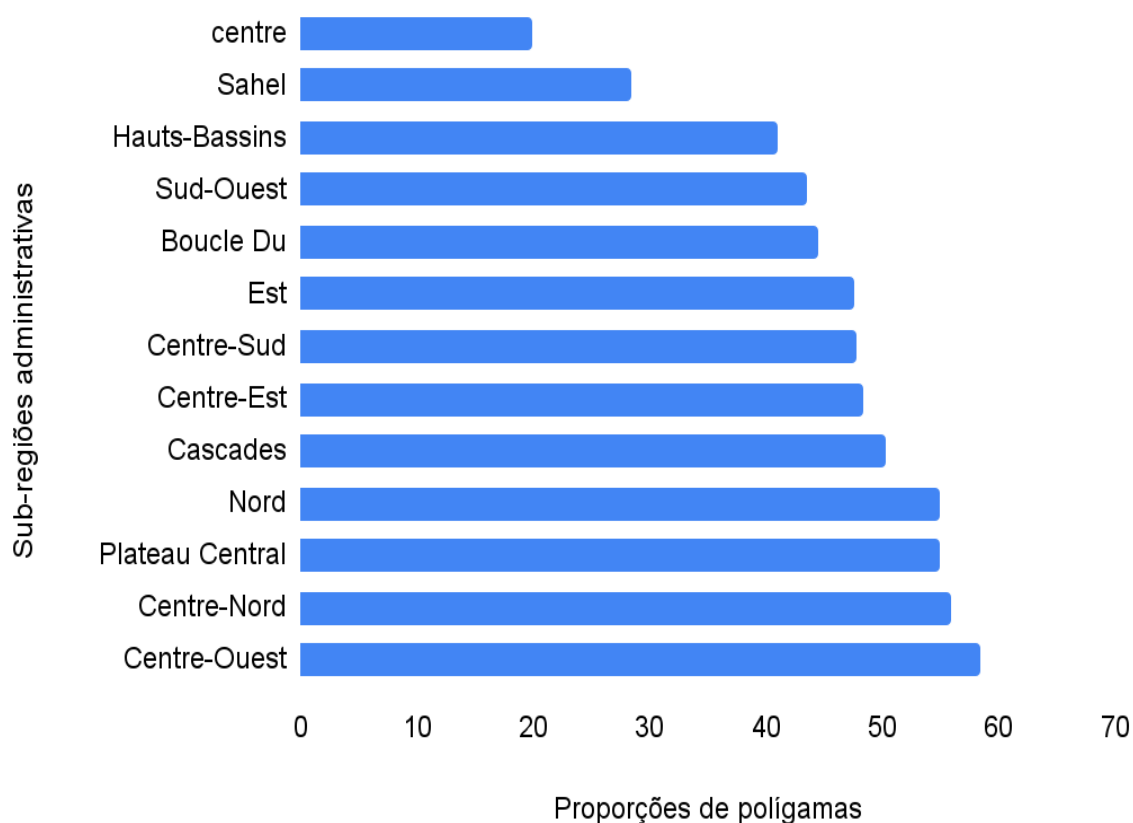


**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, INSD 2006, INSEED 2010, IPUMS- I-2021. Wikiwand



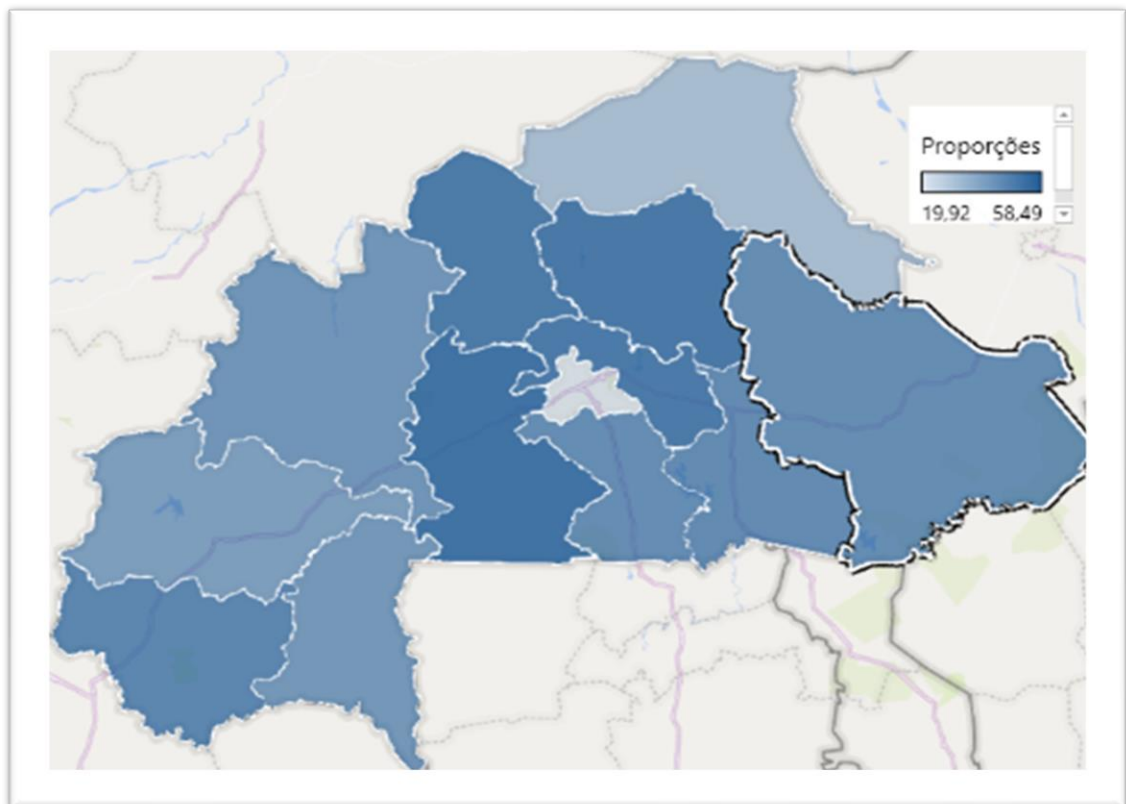
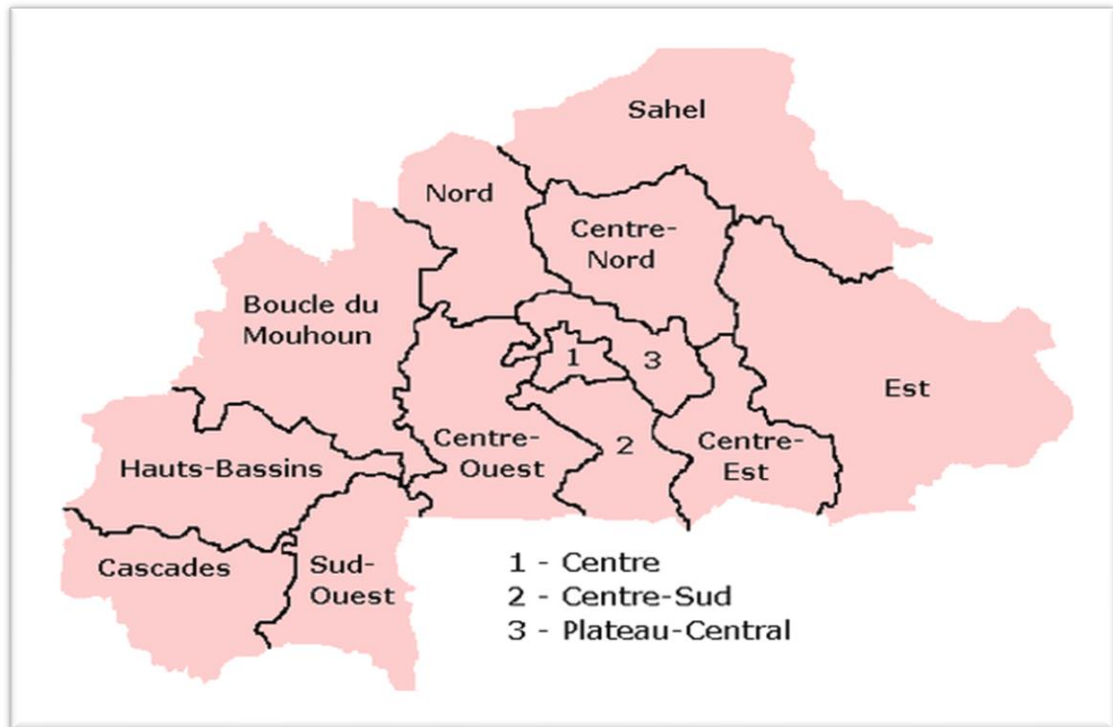
Percebe-se, além do caso do Benim, como mostram as Figuras 16 e 17, que, em 2006, também se verifica distribuição de mulheres polígamas em Burkina Faso. No primeiro nível geográfico, ou seja, nas 13 sub-regiões apresentados, essas mulheres em casamentos foram dispersas. Além da presença da prática da poligamia em todas as subregiões, observa-se que a subregião Centre-Ouest indicou maior número de mulheres em poligamia contra a sub-região Centre, com a capital conhecida como Ouagadougou, onde vivem maior proporção de mulheres em casamento monogâmico comparando entre elas. Assim, ao tratar da prática em Burkina Faso, é extremamente importante considerar a subdivisão geográfica que mostra as desproporções de mulheres em casamentos poligâmicos ou não. Mas, vale lembrar que, aqui, não se considera o tamanho de cada sub-região e sua densidade demográfica.

**Figura 16:** Proporção das mulheres polígamas em Burkina Faso, por sub-região administrativa, em 2006



**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, INSD 2006, INSEED 2010, IPUMS- I-2021

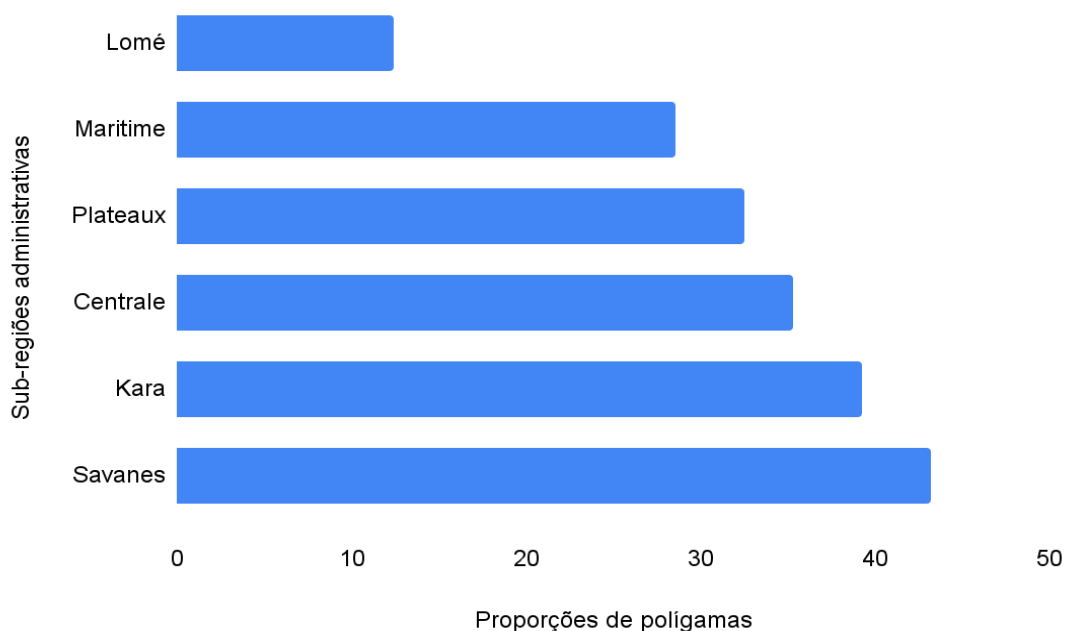
**Figura 17:** Mapa com as proporções das mulheres polígamas em Burkina Faso, por sub-região administrativa, em 2006



**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, INSD 2006, INSEED 2010, IPUMS- I-2021, Wikiwand

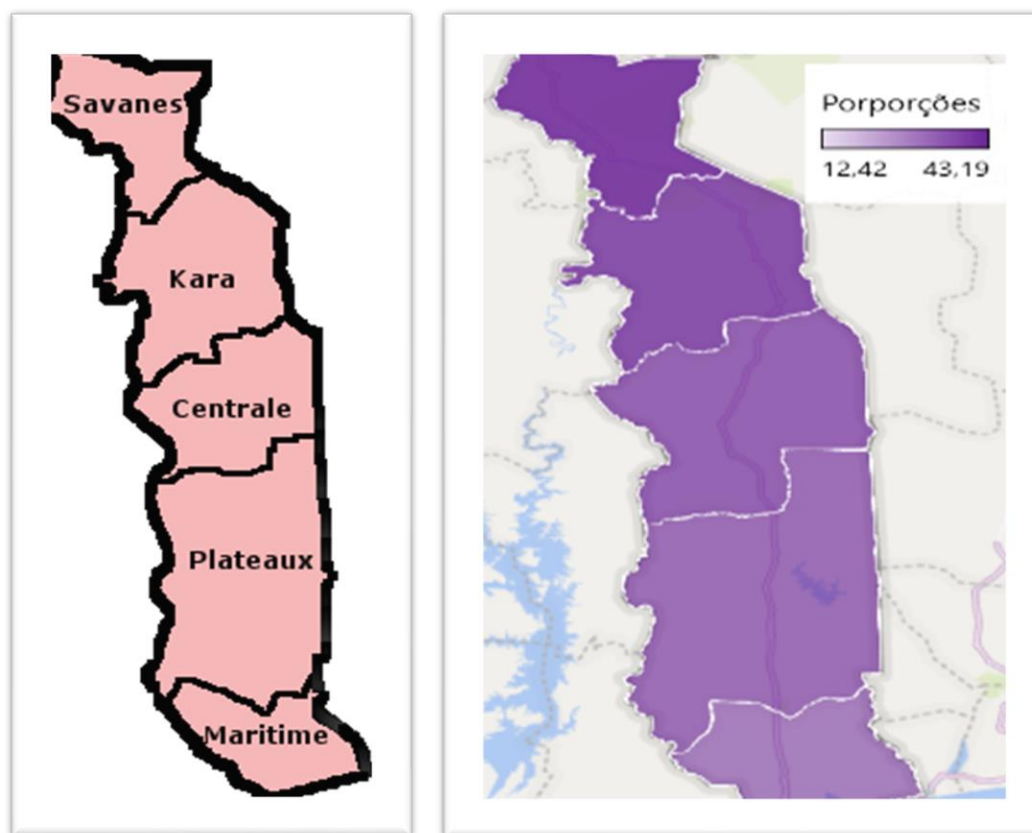
Na mesma linha que a de Burkina Faso, quando se considera a primeira sub-divisão administrativa para o Togo, em 2010, vê-se claramente que, ainda, esse primeiro nível mostra tanto as mulheres em poligamia quanto em casamento não poligâmico. As Figuras 18 e 19, indicaram que a sub-região Lomé e Marítimo apresentam maiores proporções de mulheres em casamento não poligâmico, em 2010, comparado ao resto. Ainda na sub-região de Lomé, há uma predominância de mulheres em casamento monogâmico comparado às outras sub-regiões. Segue-se, respectivamente, as sub-regiões Kara e Savane com maiores proporções de mulheres polígamas. Enfim, embora haja desproporção entre os números de mulheres em casamento poligâmico ou não em cada sub-região no primeiro nível, as mulheres em poligamia ou não são dispersas em cada uma. Assim, Lomé, a capital com maior nível de infraestrutura, zona industrial e grau de urbanização com custo de vida elevado comparado às demais, segundo os relatórios de INSEED, e que ainda é uma sub-região com menor proporção de mulheres em poligamia. Por fim, essas desigualdades observadas mostram, ainda, a importância das análises sub-regionais a fim de promover ações políticas mais eficientes para as vulnerabilidades das mulheres.

**Figura 18:** As proporções de mulheres polígamas no Togo, por sub-região administrativa, em 2010



**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, INSD 2006, INSEED 2010, IPUMS- I-2021

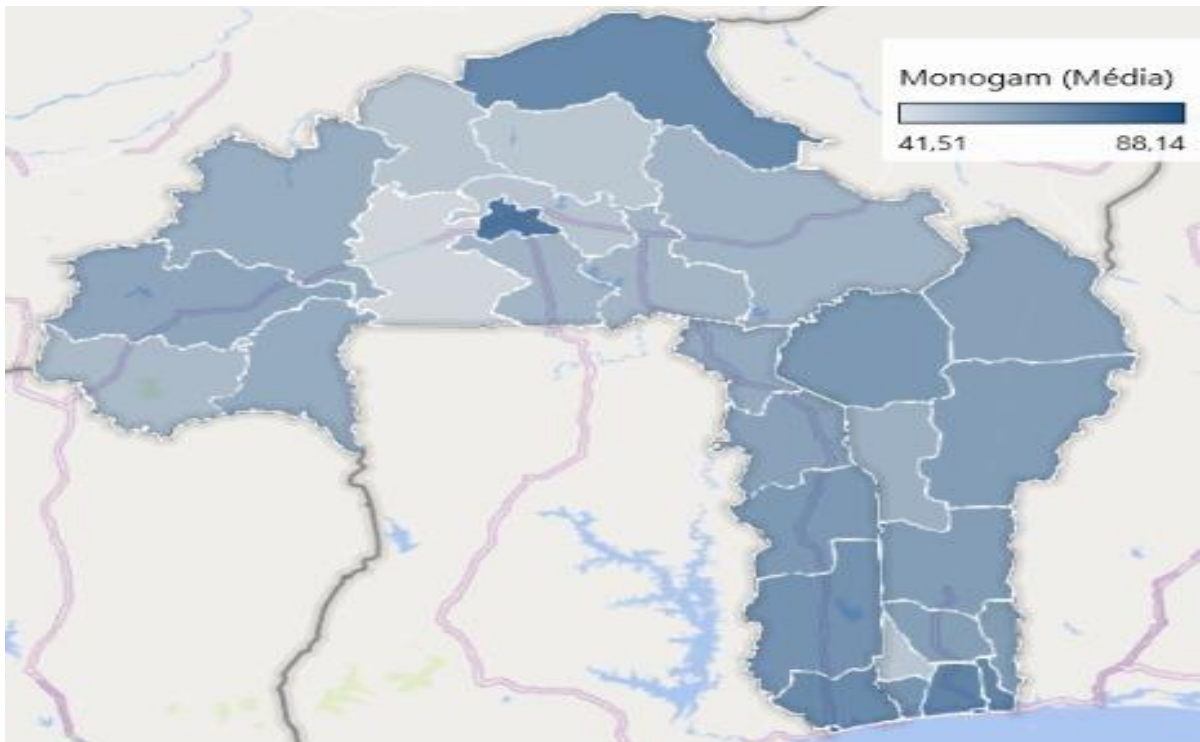
**Figura 19:** As proporções de mulheres polígamas no Togo, por sub-regiões administrativas, em 2010



**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, INSD 2006, INSEED 2010, IPUMS- I-2021, Wikiwand

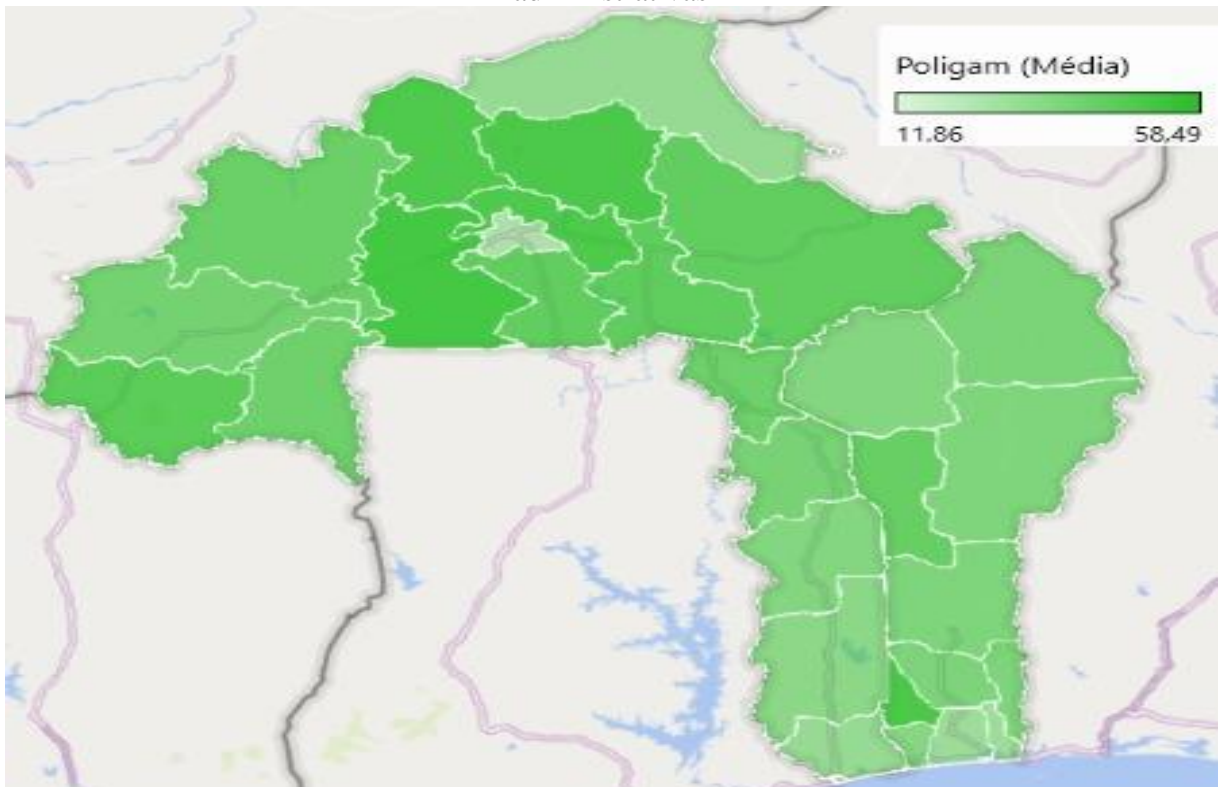
Para melhor entender as zonas fronteiriças dos três países, os mapas das Figuras 20 e 21 representam as proporções de monógamas e polígamas respectivamente. Ainda que se constate o disperso da prática nesses países, em todas as zonas fronteiriças são presentes a prática cultural e social. De fato, a Figura 20, indicando as proporções de monógamas, revela que, entre as zonas fronteiras dos três países, a maior proporção de monógamas em média foi na sub-região de Atacora. Em contrapartida, observe-se, na Figura 21, que, entre essas sub-regiões, a menor proporção de polígama, em média, foi a subregião de Atacora/Benim. Ainda, as três sub-regiões fronteiriças tiveram mais de 35% de polígamas. Na mesma linha, entre as zonas fronteiriças entre o Benim e Togo, vê-se claramente que quase todas as proporções de polígama ou monógamas do Togo se aproximam das do Benim, exceto duas sub-regiões Couffo e Donga do Benim que ficaram divergentes com altas proporções de polígamas. Assim, pode-se concluir que, entre todas as sub-regiões administrativas dos três países, a maior proporção de mulheres em poligamia se encontra na sub-região Centre-Ouest em Burkina Faso, contra a com menor proporção na sub-região de Littoral no Benim. Na sequência, tem-se os mapas que indicam as proporções de mulheres por subregiões:

**Figura 20:** Mapa com as proporções de mulheres em uniões monogâmicas por sub-regiões administrativas



**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, INSD 2006, INSEED 2010, IPUMS- I-2021

**Figura 21:** Mapa com as proporções de mulheres em uniões poligâmicas por subregiões administrativas



**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, INSD 2006, INSEED 2010, IPUMS- I-2021

É importante destacar que, nessas regiões e subdivisões administrativas, existem grupos distintos com características socioeconômicas e políticas diferentes. Logo, essas desigualdades podem estar ligadas a vários fatores políticos, econômicos, culturais, étnicos, êxodo rural, crescimentos populacionais e outras relacionadas às questões geopolíticas da região da África francófona. Tudo isso colabora com as evidências existentes. Pois, já que a prática segundo Calvès *et al.* (2018), é presente nas zonas agrárias de forma mais elevada do que na cidade urbanizada, ou seja, nas cidades, a prática ainda persiste (COOK, 2007; LAWSON *et al.*, 2015). No entanto, os residentes nas zonas urbanas em melhor situação não são mais polígamos do que os pobres residentes nessas zonas (TIMÆUS; REYNAR, 1998). Por exemplo, as regiões que incluem as capitais econômicas como Lomé (capital do país) no Togo, littoral-Atlantique-Ouémé (Cotonou e Porto Novo) no Benim, Centre (Ouagadougou) em Burkina Faso, revelaram baixas proporções em relações as outras menos urbanizadas (Donga no Benim, Nord em Burkina Faso e Cavanés no Togo). Ainda, as regiões próximas a essas indicaram uma proporção mais elevadas do que essas. Contudo, as diferenças não são grandes quando se compara às zonas rurais longe dessas capitais.

Contudo, percebe-se, pelas Figuras 20 e 21, que indicaram a dispersão das mulheres, nas sub-regiões administrativas nos três países africanos, que se submetem ao casamento poligâmico ou monogâmico. Ou seja, as mulheres são heterogêneas e dispersas nas sub-regiões administrativas nesses países. A prática nos países africanos, mesmo considerada como um assunto amplamente discutido, sua relevância se faz cada vez mais intensificada com os diferentes estágios de transição demográficas. E esses estágios não são uniformes dentro dos países, devido às suas subdivisões geográficas e administrativas. Quanto à fecundidade e à mortalidade, os relatórios dos censos do INSD, INSEED e INSAE, já indicaram uma heterogeneidade entre os países e as suas regiões. Mas isso é consequência dos números de mulheres e das escolhas de regimes de casamentos nessas regiões e sub-regiões de residência. Enfim, é de grande interesse ter um disperso na quantidade de mulheres em casamento poligâmico ou em monogamia que tiveram na zona rural e urbana, e nas sub-regiões administrativas. Tudo isso traduz e direciona a discussão sobre os estágios de transição demográfica entre países e dentro deles.

Por fim, os achados colaboram com tudo que foi apontado na literatura sobre as proporções divergentes de poligamia entre os países africanos. Ainda esses resultados apontaram para uma predominância de mulheres monógamas, comparado entre elas, o que na verdade confirmaria a ideia de Fenske (2015), em relação a essas mulheres africanas que preferem a monogamia à poligamia de acordo com seu estudo sobre as sociedades poligâmicas africanas.

## ***5.2 Resultados dos modelos econométricos***

Esta subseção apresenta os modelos de associação entre poligamia, fecundidade e mortalidade e as variáveis sociodemográficas. Vale lembrar que as variáveis dependentes nos modelos binários são: poligamia (sim; não); fecundidade (teve filho nascido vivo nos últimos 12 meses; não teve filho nascido vivo nos últimos 12 meses), e mortalidade (tem filho sobrevivente; não teve filho sobrevivente). Segue-se, então, os primeiros modelos, tabelas 5, 6 e 7, com distintos variáveis sociodemográficas de cada país.

### ***5.2.1 Modelos com distintos variáveis sociodemográficas por país***

As Tabelas 5, 6 e 7 trazem diferentes modelos intermediários com distintas variáveis demográficas de cada país. Por serem modelos diferentes, não é possível comparar o valor dos coeficientes entre os países.

É possível ver, pelas três tabelas, que as variáveis sociodemográficas foram associadas tanto negativamente ou positivamente à poligamia. Por exemplo, enquanto a fecundidade está associada negativamente à poligamia, a mortalidade está associada positivamente nos três países. Ainda, a residência rural está associada positivamente à poligamia, à fecundidade e à mortalidade nos três países.

Em relação à religião, a religião cristã, quando comparada às mulheres sem religião, está associada negativamente à poligamia e positivamente à fecundidade no Benim e Burkina Faso, enquanto no Togo foi associada negativamente às duas variáveis, mas está associada negativamente à mortalidade do Benim, e positivamente à mortalidade em Burkina Faso e no Togo. Enfim, os grupos etários tiveram associações positivas com a poligamia, com fecundidade. Além disso, a associação entre as sub-regiões, características domiciliares e educacionais de cada país à poligamia, fecundidade e mortalidade foram distintas. Vale notar que todas as sub-regiões do Togo tiveram associação positiva à poligamia quando comparado à região de referência, Lomé (Capital do Togo), os outros dois países não tiveram. Essa associação diverge na fecundidade e na mortalidade nos três países.

**Tabela 5:** Regressões logísticas da Poligamia (em *log odds*), Fecundidade e Mortalidade, Benim, 2013

Variáveis	BENIM									
	POLIGAMIA			FECUNDIDADE			MORTALIDADE			
	Mod1	Mod2	Mod3	Mod1	Mod2	Mod3	Mod1	Mod2	Mod3	
Poligamia										
	sim				-0,237			0,268		
Fecundidade	Teve filhos	-0,237						0,607		
Mortalidade	Teve sobreviventes	0,268			0,607					
Região	Rural	0,327***				0,103			0,073	
Religião	Islão	0,133***				0,089			-0,242**	
	Cristão	-0,303***				0,085			-0,107	
	Outras religiões	0,148***				-0,193**			-0,169	
geo1_bj2013(Alibori)	Atacora	-0,042				0,071***			-0,058	
	Atlantique	-0,265***				-0,047***			0,100	
	Borgou	0,034**				0,181***			0,124	
	Collines	0,174***				-0,142***			0,143	
	Couffo	0,792***				-0,086**			0,315	
	Donga	0,375***				-0,188			-0,192***	
	Littoral	-1,020***				-0,278**			-0,134	
	Mono	-0,004**				-0,133***			0,080	
	Oueme	-0,182***				-0,109***			0,107	
	Plateau	0,221***				-0,238			0,153	
	Zou	0,209***				-0,147***			-0,118*	
Grupos etários (15-19)	20-24		0,273***				-0,261***		0,375***	
	25-29		0,543***				-0,597***		0,894***	
	30-34		0,782***				-0,976***		1,197***	
	35-39		0,904***				-1,508***		1,336***	
	40-44		1,009***				-2,357***		1,521***	
	45-49		0,997***				-3,351***		1,368***	
Propriedade	Sim		0,142***				-0,032***		0,036	
Eletricidade	Sim		-0,283***				-0,027		-0,144	
Rede de Esgoto	Sim		-0,482***				-0,059*		-0,077	
Televisão	Sim		0,176***				0,050		0,157	
Rádio	Sim		0,096***				-0,037***		-0,018*	
Banheiro	Sim		-0,380***				-0,064***		-0,114*	
Escolaridade	Sim		0,464***				-0,203		-0,178	
Alfabetização	SIM, Alfabeto		-0,423***				0,007		-0,082	
Grau de Educação	primárias concluídas		-0,283***				0,054*		-0,097**	
	secundários concluídos		-0,804***				0,161***		-0,285**	
	universidades concluídas		-0,668***				0,086		0,229	
Atividades (Desempregado)	Empregado		0,081***				-0,108*		0,303	
	Inativo		0,129***				-0,026		0,398	
Constant		-0,855***	-0,797***	-1,254***	-1,613***	-1,263***	1,287***	3,951***	4,140***	2,906***

\*\*\*  $p < .01$ , \*\*  $p < .05$ , \*  $p < .1$

Fonte: Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, IPUMS- I-2021.



**Tabela 6:** Regressões logísticas da Poligamia (em *log odds*), Fecundidade e Mortalidade, Burkina Faso, 2006

		Burkina Faso								
Variáveis		POLIGAMIA			FECUNDIDADE			MORTALIDADE		
		Mod1	Mod2	Mod3	Mod1	Mod2	Mod3	Mod1	Mod2	Mod3
Poligamia	Sim				-0,306***			0,248**		
Fecundidade	Teve filhos	-0,306***						0,651***		
Mortalidade	Teve sobreviventes	0,248**			0,651***					
Região	Rural		0,846***			0,254***			0,092	
Religião ( Sem religião)	Islão		0,113			0,198			0,235	
	Cristão		-0,655***			0,050			0,320	
	Outras religiões		0,327**			-0,114			0,301	
geo1_bf2006(bpucle du...)	cascaides		0,228***			-0,051***			-0,352***	
	centre		-0,392***			-0,133***			0,050	
	centre-est		0,261***			-0,094*			0,147	
	centre-nord		0,414***			0,040			0,017	
	centre-ouest		0,736***			-0,070**			-0,037*	
	centre-sud		0,221***			-0,203***			-0,054**	
	est		0,144***			0,358***			-0,195***	
	hauts-bassins		0,026**			-0,004***			-0,193***	
	nord		0,374***			-0,151			-0,095***	
	plateau central		0,499***			-0,138			-0,055***	
	sahel		-0,828***			-0,055*			-0,536***	
	sud-ouest		-0,152***			-0,051			-0,271***	
Grupos etarios(15-19)	20-24			0,312***			-0,535***			0,687***
	25-29			0,653***			-0,784***			1,371***
	30-34			0,940***			-1,107***			1,706***
	35-39			1,114***			-1,475***			1,864***
	40-44			1,191***			-2,437***			2,006***
	45-49			1,257***			-3,459***			2,211***
Propriedade	Sim			0,138			0,085			0,080
Eletricidade	Sim			-0,412			-0,119			-0,150
Rede de Esgoto	Sim			0,156			0,034			-0,021
Televisão	Sim			-0,219			-0,097			-0,035
Rádio	Sim			0,132			-0,014			0,062
Banheiro	Sim			-0,282			-0,161			0,083
Escolaridade	Sim			1,029			0,027			-0,030
Alfabetização	SIM, Alfabeto			-0,701			0,012			-0,162
Grau de Educação	primárias concluídas			-0,417			-0,065			0,048
	secundários concluídos			-1,442			-0,119			-0,208
	universidades concluídas			-2,177			0,128			-0,521
Atividades (Desempregado)	Empregado			0,545			0,231			0,571
	Inativo			0,071			0,270			0,496
Constant		-3,818***	-1,014***	-1,408***	-1,796***	-1,760***	-0,365***	3,606***	3,551***	1,887***

\*\*\*  $p < .01$ , \*\*  $p < .05$ , \*  $p < .1$

**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSD 2006, IPUMS- I-2021.

**Tabela 7:** Regressões logísticas da Poligamia (em *log odds*), Fecundidade e Mortalidade, Togo, 2010

Variáveis	TOGO									
	POLIGAMIA			FEGUNDIDADE			MORTALIDADE			
	Mod1	Mod2	Mod3	Mod1	Mod2	Mod3	Mod1	Mod2	Mod3	
Poligamia										
	Sim				-0,430***			0,399		
Fecundidade										
	Teve Filhos	-0,430***						3,790***		
Mortalidade										
	Teve filhos sobreviventes	0,399				3,790***				
Região										
	Rural	0,553***				0,037*		0,177		
Religião (sem religião )										
	Islão	0,378***				0,047		0,206		
	Cristão	-0,479***				-0,006		0,049		
	Outras religiões	0,301***				-0,090***		0,173		
geo1_tg2010 (Lomé)										
	maritime	0,538***				0,056***		-0,123**		
	plateaux	0,683***				0,035		0,042		
	centrale	0,598***				-0,005		0,132		
	kara	0,718***				-0,052		-0,223		
	savanes	0,849***				0,212***		0,115		
Grupos etários										
	20-24		0,237***			-0,284***		0,380***		
	25-29		0,538***			-0,516***		0,819***		
	30-34		0,788***			-0,796***		0,980***		
	35-39		0,941***			-1,256***		1,385***		
	40-44		1,070***			-1,849***		1,331***		
	45-49		1,137***			-2,318***		1,303***		
Propriedade										
	Sim		0,211***			-0,050		0,127		
Eletricidade										
	Sim		-0,418***			-0,052		-0,035		
Rede de Esgoto										
	Sim		-0,324			0,235		-0,331		
Televisão										
	Sim		0,145***			-0,024*		0,126		
Rádio										
	Sim		0,221***			0,028		0,207***		
Banheiro										
	Sim		-0,493***			-0,075***		-0,232**		
Escolaridade										
	Sim		0,043***			-1,455***		-0,312		
Alfabetização										
	SIM		-0,522***			-0,040		-0,145		
Grau de Educação										
	primárias concluídas		-0,373***			0,054***		-0,114**		
	secundários concluídos		-0,719***			0,297***		-0,354**		
	universidades concluídas		-0,737***			0,005		-0,630		
Atividades (desempregado)										
	Empregado		0,065			0,055		0,335***		
	Inativo		0,058			0,269***		0,549***		
Constant		-1,118***	-1,722***	-1,372***	-5,310***	-1,887***	-0,708***	3,874***	3,844***	3,095***

**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSEED 2010, IPUMS- I-2021.

### *5.2.3 Modelos com todas as variáveis sociodemográficas*

A poligamia varia muito segundo as características sociodemográficas das mulheres em diferentes contextos e países. As Tabelas 8, 9 e 10 trazem, então, a associação entre poligamia, fecundidade e mortalidade, e as outras variáveis sociodemográficas.

Diante das regressões logísticas do Benim, Burkina Faso e Togo, percebe-se que, primeiramente, que há uma associação significativa e positiva entre a mulher polígama e a zona rural nos três países. Ao contrário disso, a fecundidade e a mortalidade foram associadas negativamente a poligamia.

Como a literatura já apontava, a poligamia é mais presente nas zonas rurais do que nas zonas urbanas, pois é favorável na zona rural graças a economia agrária desenvolvida, fornecendo mais mão de obra. Enquanto isso, a poligamia e a idade reprodutiva também revelaram uma associação positiva e estatisticamente significativa para os três países. Essas associações apontam chances diferentes de mulheres em idades reprodutivas, das que tiveram filhos nascidos vivos nos últimos meses, e que tiveram filhos sobreviventes comparado com as em idade reprodutiva adolescentes ou no início do período reprodutivo. Isso indica, então, que há chances de as mulheres perto do fim do intervalo reprodutivo serem polígamas aumentam comparado ao grupo de adolescentes nos três censos.

Ainda, quando se olha para as variáveis educacionais, domiciliares e religiosas, constata-se, por exemplo, que houve uma associação i) positiva entre a poligamia e possuir uma propriedade; ii) negativa entre a poligamia e possuir uma eletricidade; iii) negativa entre a poligamia e ter uma rede de esgoto; e iv) positiva entre a poligamia e possuir televisão e rádio em casa, e v) negativa em relação as que possuem um banheiro no Benim. Essas associações não foram as mesmas quando se modelava fecundidade e mortalidade, apesar das mesmas variáveis explicativas estarem presentes nos três países. Mas, ressalta-se, por exemplo, que houve uma associação negativa entre a fecundidade e possuir banheiro, rádio e propriedade para os três países.

**Tabela 8:** Regressões logísticas da Poligamia (em *log odds*), Fecundidade e Mortalidade, Benim, 2013

Variáveis	BENIM									
	Poligamia			Fecundidade			Mortalidade			
	Coef	Ratio	Sig	Coef	Ratio	Sig	Coef	Ratio	Sig	
Poligamia										
	Sim			-0,019	0,981		0,061	1,063		
Região	Rural	0,266	1,304	***	0,020	1,021	0,034	1,035		
Grupos etários	20-24	0,306	1,358	***	-0,262	0,770	***	0,481	1,617	***
	25-29	0,598	1,819	***	-0,613	0,542	***	1,069	2,914	***
	30-34	0,849	2,338	***	-0,978	0,376	***	1,479	4,389	***
	35-39	0,979	2,661	***	-1,497	0,224	***	1,713	5,547	***
	40-44	1,075	2,930	***	-2,307	0,100	***	1,981	7,248	***
	45-49	1,077	2,936	***	-3,296	0,037	***	1,903	6,708	***
Propriedade	Sim	0,107	1,113	***	-0,039	0,962	***	0,052	1,053	
Eletricidade	Sim	-0,180	0,835	***	0,009	1,009		-0,121	0,886	**
Rede de Esgoto	Sim, conectados	-0,349	0,705	***	-0,060	0,942	*	-0,072	0,931	
Televisão	Sim	0,285	1,330	***	0,010	1,010		0,143	1,154	**
Rádio	Sim	0,081	1,084	***	-0,059	0,943	***	-0,032	0,969	
Banheiro	Sim	-0,167	0,846	***	-0,062	0,940	***	-0,054	0,947	
Religião	Islão	0,151	1,163	***	-0,043	0,958		-0,290	0,748	**
	Cristão	-0,286	0,752	***	-0,004	0,996		-0,111	0,895	
	Outras religiões	0,092	1,096	***	-0,072	0,931	**	-0,129	0,879	
Escolaridade	SIM	0,348	1,417	***	-0,102	0,903	**	-0,080	0,923	
Alfabetização	SIM, Alfabetizado	-0,307	0,735	***	0,015	1,016		-0,049	0,952	
Grau de Educação	primárias concluídas	-0,235	0,791	***	0,045	1,046	*	-0,188	0,828	**
	secundários concluídos	-0,660	0,517	***	0,150	1,162	***	-0,331	0,719	**
	universidades concluídas	-0,537	0,584	***	0,031	1,032		0,208	1,231	
Atividades	Empregado	0,093	1,098		-0,147	0,863	*	0,293	1,340	
	Inativo	0,059	1,061		-0,065	0,937		0,381	1,464	
fecundidade	teve filhos	-0,022	0,979					1,014	2,756	***
mortalidade	teve sobreviventes	0,053	1,055		1,009	2,743	***			
geo1_bj2013(Alibori)	Atacora	-0,039	0,961		0,198	1,219	***	-0,043	0,958	
	Atlantique	-0,296	0,744	***	0,213	1,237	***	0,000	1,000	
	Borgou	0,064	1,066	**	0,219	1,245	***	0,123	1,131	
	Collines	0,090	1,094	***	0,096	1,101	***	0,030	1,030	
	Couffo	0,724	2,062	***	0,091	1,095	**	0,149	1,160	
	Donga	0,304	1,355	***	-0,003	0,997		-0,336	0,715	***
	littoral	-0,970	0,379	***	0,086	1,090	**	-0,183	0,832	
	Mono	-0,081	0,922	**	0,193	1,213	***	-0,058	0,944	
	Oueme	-0,256	0,774	***	0,207	1,230	***	-0,024	0,977	
	Plateau	0,134	1,144	***	0,028	1,028		-0,069	0,933	
	Zou	0,175	1,191	***	0,137	1,147	***	-0,214	0,807	*
Constant		-1,569	0,208	***	-0,875	0,417	***	2,672	14,466	***

\*\*\*  $p < .01$ , \*\*  $p < .05$ , \*  $p < .1$

Fonte: Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, IPUMS- I-2021.

**Tabela 9:** Regressões logísticas da Poligamia (em *log odds*), Fecundidade e Mortalidade, Burkina Faso, 2006

Variáveis	Burkina Faso									
	Poligamia			Fecundidade			Mortalidade			
	Coef	Ratio	Sig	Coef	Ratio	Sig	Coef	Ratio	Sig	
Poligamia										
	Sim			-0,052	0,949	***	-0,076	0,927	**	
Região	Rural	0,689	1,992	***	0,143	1,153	***	-0,011	0,989	
Grupos etários	20-24	0,357	1,430	***	-0,554	0,575	***	0,831	2,296	***
	25-29	0,742	2,100	***	-0,807	0,446	***	1,612	5,015	***
	30-34	1,050	2,858	***	-1,112	0,329	***	2,051	7,775	***
	35-39	1,228	3,413	***	-1,468	0,230	***	2,281	9,782	***
	40-44	1,304	3,683	***	-2,396	0,091	***	2,491	12,072	***
	45-49	1,372	3,943	***	-3,351	0,035	***	2,698	14,846	***
Propriedade	Sim	0,048	1,049	**	0,038	1,039	*	0,062	1,064	
Eletricidade	Sim	-0,153	0,858	***	-0,045	0,956		-0,114	0,892	
Rede de Esgoto	Sim, conectados	0,067	1,069	***	0,030	1,031		-0,014	0,986	
Televisão	Sim	-0,042	0,959	*	-0,056	0,945	**	-0,095	0,909	
Rádio	Sim	0,102	1,108	***	-0,006	0,994		0,046	1,048	
Banheiro	Sim	-0,026	0,975	*	-0,073	0,929	***	0,062	1,063	
Religião	Islão	0,053	1,054		-0,107	0,899		0,353	1,424	
	Cristão	-0,767	0,465	***	-0,106	0,900		0,414	1,513	
	Outras religiões	0,203	1,224	**	-0,165	0,848		0,409	1,506	
Escolaridade	Sim	0,814	2,257	***	0,083	1,087		0,110	1,117	
Alfabetização	SIM, Alfabeto	-0,456	0,634	***	0,059	1,060	**	-0,213	0,808	***
Grau de Educação	primárias concluídas	-0,303	0,738	***	-0,056	0,945		0,036	1,037	
	secundários concluídos	-1,160	0,313	***	-0,122	0,885	*	-0,318	0,728	*
	universidades concluídas	-1,639	0,194	***	0,049	1,050		-0,366	0,694	
Atividades	Empregado	0,280	1,323	**	-0,099	0,906		0,177	1,194	
	Inativo	0,023	1,023		-0,054	0,947		0,171	1,186	
fecundidade	teve filhos	-0,054	0,947	***				1,190	3,286	***
mortalidade	teve sobreviventes	-0,078	0,925	**	1,195	3,304	***			
geo1_bf2006 (Boucle du...)	cascades	0,225	1,253	***	-0,148	0,862	***	-0,334	0,716	***
	centre	-0,413	0,662	***	-0,133	0,875	***	-0,004	0,996	
	centre-est	0,166	1,180	***	-0,050	0,951	*	-0,007	0,993	
	centre-nord	0,327	1,387	***	0,027	1,028		-0,098	0,907	
	centre-ouest	0,622	1,863	***	0,057	1,058	**	-0,160	0,852	*
	centre-sud	0,101	1,106	***	-0,091	0,913	***	-0,188	0,829	**
	est	0,170	1,185	***	0,161	1,175	***	-0,267	0,766	***
	hauts-bassins	0,050	1,052	**	-0,073	0,929	***	-0,221	0,802	***
	nord	0,251	1,286	***	-0,037	0,963		-0,262	0,770	***
	plateau central	0,339	1,404	***	-0,035	0,965		-0,257	0,773	***
	sahel	-0,759	0,468	***	-0,057	0,944	*	-0,550	0,577	***
	sud-ouest	-0,211	0,810	***	0,021	1,022		-0,275	0,759	***
Constant		-1,811	0,163	***	-1,123	0,325	***	1,745	5,728	***

\*\*\*  $p < .01$ , \*\*  $p < .05$ , \*  $p < .1$

**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSD 2006, IPUMS- I-2021.

**Tabela 10:** Regressões logísticas da Poligamia (em *log odds*), Fecundidade e Mortalidade, Togo, 2010

Variáveis	TOGO								
	Poligamia			Fecundidade			Mortalidade		
	Coef	Ratio	Sig	Coef	Ratio	Sig	Coef	Ratio	Sig
Poligamia									
Sim				-0,193	0,825	***	0,083	1,086	
Região									
Rural	0,443	1,557	***	0,052	1,054	*	0,114	1,120	
Grupos etários									
20-24	0,235	1,266	***	-0,356	0,701	***	0,573	1,773	***
25-29	0,574	1,775	***	-0,613	0,542	***	1,060	2,886	***
30-34	0,833	2,300	***	-0,885	0,413	***	1,348	3,850	***
35-39	0,985	2,678	***	-1,333	0,264	***	1,797	6,034	***
40-44	1,101	3,008	***	-1,928	0,145	***	1,886	6,592	***
45-49	1,175	3,240	***	-2,387	0,092	***	1,845	6,326	***
Propriedade									
Possui	0,153	1,165	***	-0,049	0,952	**	0,123	1,130	**
Eletricidade									
Sim	-0,160	0,853	***	0,012	1,012		-0,011	0,989	
Redes de Esgoto									
Sim, conectados	0,170	1,185		0,246	1,279		-0,539	0,584	
Televisão									
Sim	0,231	1,260	***	-0,050	0,951	*	0,112	1,119	
Rádio									
Sim	0,153	1,165	***	-0,006	0,994		-0,264	0,768	***
Banheiro									
Sim	-0,137	0,872	***	-0,081	0,922	***	-0,155	0,857	**
Religião									
Islão	0,353	1,424	***	-0,034	0,966		0,147	1,158	
Cristão	-0,430	0,650	***	0,007	1,007		-0,011	0,989	
Outras religiões	0,207	1,230	***	0,081	1,085	**	-0,014	0,986	
Escolaridade									
Sim	-0,019	0,981		-0,846	0,429	***	-0,130	0,878	
Alfabetização									
SIM, Alfabeto	-0,379	0,684	***	-0,034	0,967		-0,044	0,957	
Grau de Educação									
primárias concluídas	-0,238	0,788	***	0,073	1,076	***	-0,170	0,844	**
secundários concluídos	-0,522	0,593	***	0,254	1,290	***	-0,426	0,653	**
universitário concluído	-0,545	0,580	***	0,040	1,040		-0,610	0,544	
Atividades									
Empregado	0,057	1,059		-0,053	0,948		0,319	1,375	***
Inativo	0,007	1,007		0,138	1,148	***	0,420	1,522	***
fecundidade									
teve filhos	-0,200	0,818	***				4,153	63,631	***
mortalidade									
teve sobreviventes	0,074	1,077		4,152	63,538	***			
geo1_tg2010 (Lomé)									
maritime	0,486	1,626	***	0,104	1,109	***	-0,231	0,793	**
plateaux	0,681	1,976	***	-0,050	0,951		0,049	1,050	
centrale	0,531	1,701	***	-0,048	0,953		0,140	1,150	
kara	0,700	2,013	***	-0,048	0,953		-0,194	0,824	
savanes	0,769	2,158	***	0,112	1,119	***	0,006	1,006	
Constant	-2,488	0,083	***	-4,610	0,010	***	2,596	13,409	***

\*\*\*  $p < .01$ , \*\*  $p < .05$ , \*  $p < .1$

**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSEED 2010, IPUMS- I-2021.







As regressões também mostram que há uma associação significativa positiva entre poligamia e as praticantes da religião islã e outras religiões (tradicionalistas) e negativa entre poligamia e religião cristã nos três países. Porém, a associação entre fecundidade e religião, e entre mortalidade e religião foram negativas, e respectivamente significativas só para outras religiões, e para as declaradas islã, no Benim, quando comparada às polígamas sem religião. Em Burkina Faso, por exemplo, essas associações não foram significativas, enquanto no Togo, houve só uma associação positiva entre a fecundidade e as polígamas com outras religiões, comparadas com as sem religiões declaradas. Isso nos leva a concluir que, apesar da prática estar associada à todas as religiões, não é possível generalizar as características.

As variáveis educacionais, por outro lado, revelaram-se, em todas as categorias, como associação negativa estatisticamente significativa, ou seja, existe diferença estatisticamente significativa entre as mulheres cuja mãe tem nível de educação primária ou secundária ou universitária, quando comparada às mulheres que não têm nenhum ensino primário. Por exemplo, a prática está associada positivamente às mulheres que frequentaram a escola no Benim e em Burkina Faso, mas não foi para no caso do Togo. A relação entre essa prática e a alfabetização não foi estatisticamente significativa para o Benim e o Togo. Enquanto a associação entre a fecundidade e a alfabetização não foi positiva, entre mortalidade e alfabetização também não foi negativa; as duas são significativas em Burkina Faso, o que não ocorre nos outros dois. Isso indica que as mulheres que sabem ler e escrever, ou seja, alfabetizadas, e que frequentaram escola, têm menos chance de serem polígamas nos três países.

Mas, ao olhar para os níveis de educação e as atividades dessas mulheres, no primeiro momento, a associação entre a poligamia e os níveis de educação foram negativas e estatisticamente significantes em todas as categorias comparadas às polígamas com ensino primário incompleto nos três países. No caso da relação entre a fecundidade e esses níveis, foi positiva nos níveis primários completos ou secundário completo para o Benim e o Togo. Porém, em Burkina Faso, só foi negativa e significativa para as mulheres com secundário completo. Além disso, a associação entre a mortalidade e esses níveis de ensino foram negativamente significativas, para primário ou secundário concluídos no Benim e no Togo, e para secundário concluído para Burkina Faso, comparada às mulheres polígamas com ensino primário incompleto.

No segundo momento, os achados indicaram que há uma associação positiva e não significativa entre a poligamia e as mulheres empregadas ou inativas comparadas às mulheres polígamas desempregadas para o Benim e o Togo. Essa relação só foi positiva e significativa para a categoria das mulheres empregadas em Burkina Faso, ou seja, independentemente da atividade, a prática está presente.

Por fim, a poligamia está associada negativamente a sub-região Atlantique, Littoral, Mono e Oueme, e positivamente ao resto comparada às mulheres na sub-região administrativa de Alibori, mas não foi estatisticamente significativa para Atacora no Benim. Enquanto isso, em Burkina Faso e no Togo, como mostrado nas tabelas 9 e 10, a associação entre a poligamia e as suas subdivisões foram heterogêneas para todas as categorias, comparada respectivamente com as mulheres em Boucle du monte, e as em Lomé. Esse comportamento foi também observado nas relações entre a fecundidade ou a mortalidade e as sub-regiões administrativas nos três países. Conclusivamente, pode-se dizer, dados esses modelos dos três censos, que as sub-regiões apresentaram associações heterogêneas na variável poligamia, fecundidade e mortalidade, ou seja, o fato de residir nessas sub-região poderia favorecer a poligamia e, conseqüentemente, o aumento ou queda tanto na fecundidade ou na mortalidade.

Em geral, quanto às variáveis dependentes de fecundidade e mortalidade, observa-se uma associação negativa entre a fecundidade e a poligamia e positiva entre a mortalidade e a poligamia; no entanto, esses coeficientes não foram significativos. Além disso, conforme esperado, a associação foi estatisticamente negativa e significante entre a fecundidade e os grupos etário etários, ou seja, com a idade, diminui a chance de ter tido filho nascido vivo nos últimos 12 meses, já que as idades com maior TEF são as iniciais do período reprodutivo. A relação se inverte no caso da mortalidade, ou seja, quanto mais velha a mulher, maior a chance de ter perdido um filho, reflexo tanto de mortalidade mais elevada no passado, quanto da força da mortalidade, que aumenta com cada ano vivido. Ainda, em relação à fecundidade e à variáveis domiciliares, só foi encontrado efeito estatisticamente significativo para a mulher que possui uma propriedade, rádio, rede de esgoto e banheiro (efeito negativo). Já a mortalidade teve uma associação negativa com o fato de possuir uma propriedade e positiva com o fato de possuir uma televisão. Por outro lado, tanto a fecundidade, quanto a mortalidade estão associadas negativamente a todas as categorias da religião comparadas com as sem religião, mas só foram significativas para as com as mulheres com outras religiões e islã comparada às sem religião. A escolaridade foi também associada negativamente à fecundidade para as mulheres que frequentaram a escola e se torna mais negativa quanto maior o nível de

escolaridade. Já a mortalidade, não foi. A mortalidade se associa negativamente às mulheres com primário e secundário completos em relação às com sem primário.

Os resultados dos modelos com a poligamia, a fecundidade e a mortalidade tiveram coeficientes diferentes com distintos níveis de significâncias. No entanto, o modelo com a poligamia nas Tabelas 8, 9 e 10 teve quase todos os coeficientes significativos. Isso quer dizer que as variáveis de idade, escolaridade, domiciliares, religiosos, socioeconômico e sub-regionais estavam associadas à poligamia. Constata-se, então, que as mulheres polígamas apresentaram uma diferença educacional e domiciliar considerável em relação às não polígamas, já que, nesses contextos, o custo educacional é alto, além das menores condições socioeconômicas ao ter mais membros nesses domicílios para sustentar. Apesar de a religião cristã ter relação negativa com a poligamia, ela está enraizada em todas as religiões, pois as outras religiões a aceitam. Vale ressaltar, por fim, que as associações nas zonas de residência e em cada sub-região é distinto, já que nas capitais, que às vezes são mais urbanizadas, industrializadas, com crescentes valores ocidentais e altos custos de viver e estudar, a prática é menos observada. Essas capitais (antigas zonas rurais) econômicas e industrializadas são lugares de muitas oportunidades e concorrências nesses países. Ao mesmo tempo, apresentam a desigualdade socioeconômica (renda, educação e aluguel) e demográfica (fecundidade e mortalidade) em relação a outras regiões devido ao fenômeno chamado êxodo rural. Logo, é complexo sustentar mais esposas. Então, tanto as zonas rurais quanto as zonas urbanas se encontram nas subdivisões administrativas. Embora a literatura existente de antropologia contém muitas sugestões de como as características dos poligâmicos e de suas esposas diferem daquelas dos homens e mulheres em uniões monogâmicas nos níveis agregados, este trabalho é o primeiro a considerar as sub-regiões, que são cruciais para difusão de valores das práticas e das tendências diferenciais de mortalidade e fecundidade nos países.

Na mesma linha, os modelos com a fecundidade e mortalidade também indicaram para os três países, distintos coeficientes. Embora as variáveis domiciliares e religiosas estejam associadas à fecundidade e à mortalidade nos três países, elas foram importantes para caracterizar as mulheres. As variáveis domiciliares de posse de eletricidade, banheiro e rádio tiveram associação negativa na fecundidade, enquanto banheiro e rádio tiveram associação positiva com a mortalidade em Burkina Faso. Enquanto isso, tanto no Benim quanto no Togo, possuir eletricidade, banheiro e rádio se associam negativamente, e possuir propriedade se associa positivamente à mortalidade. Pelo lado da mortalidade, pode-se pensar que as condições econômicas e domiciliares serão importantes para os cuidados das crianças. Pois, uma condição

precária em diferentes regiões e sub-regiões, às vezes pode conduzir a uma crescente mortalidade. A prática promove mais membros nas zonas rurais com menos acesso a saúde de qualidade, com os tamanhos familiares iguais e maiores que implicam que os recursos da família ou dos países são diluídos e, conseqüentemente, menos investimento estaria disponível para cada filho (UGGLA; MACE, 2016). Devido a prevalência da prática na zona rural, por exemplo, segundo Strassmann (1997) a mortalidade das crianças nos domicílios poligâmicos era mais elevada do que em domicílio poligâmico. Por fim, nesses modelos, as variáveis região e sub-regiões estiveram associadas à poligamia, à fecundidade e à mortalidade. As sub-regiões do Togo foram todas associadas positivamente à poligamia comparada à sub-região de Lomé, e, ao contrário dos outros países, as sub-regiões foram tanto positivamente quanto negativamente associadas. Além disso, embora a religião e as variáveis socioeconômicas fossem significativas, ser polígama ou não poderia ser pensado na criação de uma família estendida para melhor distribuição de riqueza.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação teve como o objetivo central caracterizar as mulheres nos domicílios poligâmicos de países fronteiriços – Benim, Togo e Burkina Faso – no que tange às suas características sociodemográficas e culturais considerando as regiões e subdivisões administrativas considerando o último censo de cada país.

A poligamia está presente em diferentes proporções nos países africanos, especialmente no Benim, em Burkina Faso e no Togo. Ela é uma prática cultural e social, apesar de ser prejudicial para a saúde das mulheres e crianças como foi observado nos estudos de Amey (2002); Arthi and Fenske (2018) nas zonas rurais e agrícolas. Ainda de acordo com Borgerhoff Mulder (1990), no Quênia a poliginia está negativamente associada à sobrevivência infantil apenas nas famílias mais pobres em Kipsigis, pois a prática pode causar a má distribuição dos recursos para saúde, educação e cuidado das crianças pelo fato de diluir os investimentos do domicílio (UGGLA; MACE, 2016), juntando com a deterioração das condições de vida, casamento precoce e universal, além da consequente da alta fecundidade e mortalidade, vulnerabilidade socioeconômica e insegurança e desigualdade profunda que englobam as mudanças sociodemográficas no continente (TABUTIN; SCHOUMAKER, 2004, 2020). Ainda vale a pena debater e investigar sobre as consequências do fenômeno nessas sociedades para implementar políticas concretas para esses grupos.

A prática permanece predominante nas idades reprodutivas. Há então, uma associação positiva entre a poligamia e os grupos etários reprodutivos. Esse resultado vai no mesmo sentido que o trabalho do Lesthaeghe *et al.* (1989) e Ezeh (1997), que indicavam que as mulheres nessas sociedades tentavam maximizar suas capacidades reprodutivas na intenção de satisfazer seus esposos, já que o casamento em si tem por intenção procriar e era uma resposta ao alto valor produtivo e reprodutivo das mulheres em sociedades com baixos níveis de tecnologia agrícola e alta participação feminina e distribuição na economia agrícola em geral (BOSERUP, 1985; JACOBY, 1995). Assim, como o objetivo é caracterizar as mulheres em domicílios poligâmicos nos três países, concluiu-se que as proporções de mulheres polígamas variaram nos três países e nas suas sub-regiões.

Primeiro, as zonas fronteiriças apresentaram proporções elevadas de poligamia quando se olha para Centre Est e Est para Burkina Faso e Savanes para Togo; e Atacora e Alibori para os três países. Enquanto as fronteiras entre Benim e Togo, todas as sub-regiões próximas tiveram proporções maiores do que 30%, mas a sub-regiões Centrale do Togo e Colline do Benim tiveram proporções quase próximas. Assim, as regiões que reúnem os três países Savanas, Centre Est, Est, Atacora e Alibora revelam altas proporções esperadas, já que são zonas fronteiriças dos três países com valores culturais e economicamente agrária e longe das capitais econômicas como Ouagadougou, Cotonou-Porto Novo, e Lomé. Por exemplo, ao analisar o censo togolês de 1970, Locoh (1976) revela um casamento feminino intenso e precoce mais intenso nas aldeias do que nas cidades, e é em ‘Lomé’ em que é a menos difundida, achados que vieram para confirmar as proporções sub-regionais. Mas as sub-regiões próximas às capitais revelaram proporções menos elevadas em relação às mais afastadas. Isso pode se explicar pelo fato que as capitais são mais industrializadas, com mais tecnologias, e com quase inexistente das zonas agrárias de produção que muitas vezes favorece a prática devido à necessidade do capital humano e o acesso à baixa tecnologia de produções agrárias confirmando os achados de Boserup (1985); Jacoby (1995); Bau e Fernández (2021); e Zoundi (2021) que apontavam para a prática como sendo comum nas zonas rurais mais pobres e menos desenvolvidos. Tudo isso traduz as proporções distintas no nível agregado entre países, que já foram reveladas pela literatura existente. Porém, as sub-regiões administrativas sempre foram as menos consideradas em trabalhos existentes. Logo, a contribuição deste estudo foi revelar esses aspectos, mas também indica um caminho futuro para tratar da poligamia, pois a diversidade cultural prevalece entre países e entre sub-regiões que são cruciais para estudo sobre a mudança populacional na África ocidental.

Além disso, a prática, além da sua heterogeneidade, foi sempre discutida pensando na economia primitiva e agrícola nas zonas rurais devido às suas vulnerabilidades tecnológicas. Mas, os dados ressaltam que as mulheres, apesar da predominância nas zonas rurais, têm preferências para a monogamia do que a poligamia. Enquanto isso, nas zonas urbanas, a prática está presente significativamente e perto das proporções das mulheres em monogamia. Por conta disso, as frequências dos grupos das mulheres polígamas não variam muito segundo as idades. Mas pode ser atribuído ao fato de que as mulheres passam por um processo de monogamia na idade adolescente antes de se tornarem polígamas nas idades avançadas, conhecidas como esposa sênior. Assim, quando se trata de poligamia, como mostram as literaturas, são as vulnerabilidades econômicas das mulheres contra as riquezas e poder dos homens. Por exemplo,

os dados revelaram que tanto as mulheres polígamas quanto as monógamas possuem propriedade, mas as polígamas que não possuem propriedades são preocupantes, conseqüentemente dependo dos esposos. Finalmente, a maioria das mulheres são dependentes dos maridos ricos, o que torna as mulheres monógamas mais propensas a possuir uma propriedade.

Enfim, a educação tem o poder de mudar o *status* ou regime das mulheres neste contexto. No entanto, os contextos educacionais dessas mulheres são desiguais. As mulheres polígamas apresentam baixas proporções no que tange às variáveis educacionais e da atividade como alfabetização, grau de educação e escolarização. Vale ressaltar que elas representam mulheres que têm baixa escolaridade, ou seja, não frequentaram escola, são analfabetas e com um *status* de desempregada ou inativa, especialmente as polígamas. Assim, os achados confirmam vários trabalhos existentes do INSEED (2015), Fenske (2015); Bove (2009) e outros. Por exemplo, embora a prática esteja associada à zona rural e baixo nível de escolaridade (BOVE, 2009), segundo INSEED (2015), no Togo, a poligamia é de 45% entre as mulheres sem escolaridade. Ainda, as mulheres têm menos anos de educação, em média nas áreas com elevada proporção em poligamia (FENSKE, 2015). Contudo, as mulheres polígamas têm uma educação menor com baixa escolaridade. Os dados confirmam a preocupação sobre a vulnerabilidade das mulheres polígamas. Se houver a redução da poligamia ao longo dos anos, essa poderia ser atribuída às melhorias na educação feminina.

Como ressaltam vários autores na literatura apresentada, tal como FENSKE (2016) e outros, a poligamia é aceitável por outras religiões enquanto outras a proíbem. Logo, a prática está presente em todas as religiões, mas em diferentes proporções. Quando olham-se as religiões de forma agregada, sem religião, islã, cristianismo, e outros, se vê claramente que as mulheres sem religião e as muçulmanas estão sujeitas a essa prática poligâmica. Assim, os resultados, além de apresentar características religiosas e distintas das mulheres polígamas ou não, sugerem que a religião não é determinista, já que a prática é cultural e mesmo aqueles sem religião a praticam. Enfim, as mulheres tradicionalmente religiosas, da religião vodu e muçulmanas, são mais propensas a estarem em domicílios poligâmicos.

Por fim, as variáveis de fecundidade e mortalidade foram cruciais para essa caracterização das mulheres nos três países. Primeiramente, enquanto os níveis de fecundidade normais foram distintos comparando os níveis entre países, os níveis de fecundidade marital ficaram próximos e colados entre as mulheres polígamas ou monógamas no Benim e Burkina Faso. Enquanto

isso, no Togo, o comportamento foi descolado entre essas mulheres. Portanto, esses níveis foram decrescentes até no final da vida reprodutiva, como aponta-se no livro do Preston *et al.* (2001) e depois por Hacker (2003), mas os comportamentos das mulheres polígamas ou não divergem entre países. Em relação às variáveis socioeconômicas e de qualidade domiciliar, elas tiveram as associações com a mortalidade, as proporções de crianças sobreviventes ou não das mulheres. Essa variação está atrelada ao contexto cultural, zona de residência e o perfil socioeconômico distinto dessas mulheres.

Sobre a qualidade dos dados, comparando com as últimas DHS publicadas nos países, há uma similaridade entre os níveis de fecundidade totais e específicos calculados, assim como em relação a idade média da fecundidade. Enquanto segundo os dados do DHS, Burkina Faso ainda indicava uma fecundidade elevada desde 1993, o número médio de filhos por mulher saiu de 6,9, em 1993, para 6,2 em 2003, o que representaria o ano mais próximo ao nosso dado. Ao contrário desses dados, o resultado deste estudo aponta para um TFT de 5,8 e próximo a de 2010 e menor do que o de 2003, e ainda elevado. Para Benim, em 2013, o número médio de filhos por mulher foi de 6,1, comparado aos dados de DHS, que indicaram uma TFT entre 15-49 anos de 4,9 (DHS-2011-12). Isso revela taxas ainda elevadas para Benim, mas nosso resultado encontrou uma taxa elevada com uma diferença de 1,2 filho comparada a de DHS-2011-12 e próxima a de 2017-18. Enfim, segundo os dados no Togo, em 2010, a TFT era 4,1 filhos, ou seja, o número médio de filhos tidos por mulher era em média 4,1 no final da vida reprodutiva, enquanto segundo os dados de DHS também indicam a taxa de 4,8 filhos (DHS 2013-14). Comparando essas últimas TFTs, se observa que a taxa calculada em 2010 está bem próxima a de DHS, em 2013-14, com uma diferença de 0,7 filhos. Isso adiciona validade aos achados deste trabalho e sugere que os dados dos censos utilizados podem ser utilizados para pesquisas como essa.

Com relação às limitações do trabalho, embora tenha atendido o objetivo geral, só por si só não responde a todas questões ligadas à poligamia. Permanecem questões como analisar as relações de gênero nos domicílios poligâmicos e monógamos nas sociedades agrárias, as contribuições demográficas de casamentos poligâmicos versus os casamentos monogâmicos nas sociedades poligâmicas ou não, discutir as causas de morte nos domicílios poligâmicos, além de investigar os diferenciais de mortalidade entre sexos nessas sociedades, e as transições inter-domicílios das mulheres nessas sociedades poligâmicas. Ainda, seria importante comparar os níveis de infertilidade e de divórcio entre mulheres nessas sociedades. Também, pode-se analisar as



relações entre as mulheres de domicílios poligâmicos ou não e as dos domicílios dos seus pais considerando suas zonas de residência.

Contudo, esse trabalho tem como intenção contribuir para o debate sobre a demografia da poligamia no contexto África. Apesar disso, o estudo revelou certos pontos que serão úteis para as pesquisas futuras na demografia da poligamia. Tais que a heterogeneidade dos países e das suas sub-regiões, e os fatores culturais e religiosos e endógenas a essas regiões que seriam importantes para tratar da demografia africana, e que muitas vezes definem sua trajetória. Pois esses fatores poderiam afetar zonas distintas de diversas formas. Ainda assim, somente reconhecendo sua importância e ampliando as pesquisas em relação às suas manifestações e implicações locais, seremos capazes de derivar soluções significativas para os problemas que as mulheres e crianças enfrentam nesses domicílios.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADEDINI, S.A. and ODIMEGWU, C. Polygynous family system, neighborhood contexts and under-five mortality in sub-Saharan Africa. **Development Southern Africa** 34(6): 704–720. 2017.
- AGADJANIAN, Victor; ARNALDO, Carlos. Religion and polygyny in a Christian sub-Saharan setting: Combining the institutional and individual perspectives. In: **2017 International Population Conference**. IUSSP, 2017.
- AMOUZOU, A. and K. Hill. Child Mortality and Socioeconomic Status in Sub-Saharan Africa. **African Population Studies** 19, (1): 1-12. 2005.
- AMEY, F.K. 2002. **Polygyny and child survival in West Africa**. *Biodemography and Social Biology* 49(1–2): 74–89. doi:10.1080/19485565.2002.9989050.
- ANTOINE, Philippe. Les complexités de la nuptialité: de la précocité des unions féminines à la polygamie masculine en Afrique. **Démographie et synthèse, Les déterminants de la fécondité**, v. 2, 2002.
- ANTOINE, Philippe; NANITELAMIO, Jeanne. Can polygyny be avoided in Dakar? In: *Courtyards, Markets, City Streets*. **Routledge**, 2018. p. 129-152.
- ANTOINE, P., et M. PILON. La polygamie en Afrique: quoi de neuf?. **La Chronique du CEPED**, n° 28, 4 p. 1998.
- ARTHI, V. and FENSKE, J. Polygamy and child mortality: Historical and modern evidence from Nigeria's Igbo. **Review of Economics of the Household** 16(1): 97– 141. 2018. doi:10.1007/s11150-016-9353-x.
- ASA, S. S.; TITILAYO, A.; KUPOLUYI, J. A. Assessment of contraceptive use by marriage type among sexually active men in Nigeria. **International quarterly of community health education**, v. 38, n. 3, p. 181-194, 2018.
- BACHRACH, Christine A. Culture and demography: From reluctant bedfellows to committed partners. **Demography**, v. 51, n. 1, p. 3-25, 2014.
- BECKER, G. S. A theory of marriage. In Schultz. **Theodore W. Economics of the Family: Marriage, Children, and Human Capital**, 299–351. 1974 University of Chicago Press, Chicago.
- BERGSTROM, Theodore C. Economics in a family way. **Journal of Economic Literature**, v. 34, n. 4, p. 1903-1934, 1996.
- BOLTZ, Marie; CHORT, Isabelle. The risk of polygamy and wives' saving behavior. **The World Bank Economic Review**, v. 33, n. 1, p. 209-230, 2019.
- BONGAARTS, J. (2017). Africa's Unique Fertility Transition. **Population and Development Review** 43:39–58.

BONGAARTS, J. A framework for analyzing the proximate determinants of fertility. **Population and Development Review** 4(1): 105-132. 1978.

BONGAARTS, J. The impact on fertility of Traditional and changing child-spacing practices. In *Child spacing in tropical Africa: traditions and change*, edited par H. Page et R. Lesthaeghe. New York: Academic Press. Bongaarts, J. 1982. The fertility inhibiting effects of the intermediate fertility variables. **Studies in Family Planning** 13(67):179-189. 1981.

BONGAARTS, J. 1984. Implications of future fertility trends for **contraceptive practice**. **Population and Development Review** 10(2):341-352.

BONGAARTS, J., Frank, O., et Lesthaeghe, R. 1984. The proximate determinants of fertility in sub-Saharan Africa. **Population and Development Review** 10(3):511-537.

BONGAARTS, John, and John Casterline. 2013. 'Fertility Transition: Is Sub-Saharan Africa Different?' *Population and Development Review* 38 (Special Issue. **Population and Public Policy: Essays in Honor of Paul Demeny**): 153–68. doi:10.1111/j.1728- 4457.2013.00557.x.

BONGAARTS, John; CASTERLINE, John. Fertility transition: is sub-Saharan Africa different? **Population and development review**, v. 38, n. Suppl 1, p. 153, 2013.

BORGERHOFF MULDER, M. (1990). Kipsigis women's preferences for wealthy men: Evidence for female choice in mammals? **Behavioral Ecology and Sociobiology** 27(4): 155–264.

BORGERHOFF MULDER, M. Marrying a married man: A postscript. In: Betzig, L. (ed.). **Human nature: A critical reader**. New York: Oxford University Press: 115–117.1997.

BORGERHOFF MULDER, M. Hamilton's rule and kin competition: The Kipsigis case. *Evolution and Human Behavior* 28(5): 299–312. 2007. doi:10.1016/j.evolhumbehav. 2007.05.009.

BOSERUP, E. **Woman's Role in Economic Development**. George Allen and Unwin Ltd., London. 1970.

BOSERUP E. Economic and demographic interrelationships in sub-Saharan Africa. **Population and Development Review**. 1985; 11:383–397.

BOVE, Riley; VALEGGIA, Claudia. Polygyny and women's health in sub-Saharan Africa. **Social science e medicine**, v. 68, n. 1, p. 21-29, 2009.

BRAHMBHATT, H., BISHAI, D., WABWIRE-MANGEN, F., KIGOZI, G., WAWER, M., AND GRAY, R.H. **Polygyny, maternal HIV status and child survival: Rakai, Uganda**. **Social Science and Medicine** 55(4): 585–592. 2002. doi:10.1016/S0277-9536(01) 00189-7.

BRASS, W. 2015. **Demography of tropical Africa** (Vol. 2141). Princeton University Press.

CALDWELL, J.C. and CALDWELL, P. The cultural context of high fertility in sub-Saharan Africa. **Population and Development Review** 13(3):409-437. 1987.

CASTERLINE, J. B. **Prospects for Fertility Decline in Africa**. *Population and Development Review*, 43:3–18. 2017.

COAST, Ernestina *et al.* **Problematic polygamy: implications of changing typologies and definitions of polygamy.** 2011.

COOK, Cynthia T. Polygyny: did the Africans get it right? **Journal of Black studies**, v. 38, n. 2, p. 232-250, 2007.

DALTON, John T.; LEUNG, Tin Cheuk. Why is polygyny more prevalent in Western Africa? An African slave trade perspective. **Economic Development and Cultural Change**, v. 62, n. 4, p. 599-632, 2014.

DANSOU, Justin; ADEKUNLE, Adeyemi O.; AROWOJOLU, Ayodele O. Factors behind Institutional Delivery Preference in the Republic of Benin: An Analysis of 2011-2012 Benin Demographic and Health Survey (BDHS) data. **Journal of Population and Social Studies [JPSS]**, v. 26, n. 2, p. 128-148, 2018.

DE LA CROIX, David; MARIANI, Fabio. **From polygyny to serial monogamy: a unified theory of marriage institutions.** *The Review of Economic Studies*, v. 82, n. 2, p. 565-607, 2015.

DIARRA, Setou *et al.* **Polygyny, Child Education, Health and Labour: Theory and Evidence from Mali.** Disponível em: SSRN 3234373, 2018.

DIALLO, A.H., MEDA, N., SOMMERFELT, H., TRAORE, G.S., COUSENS, S., AND TYLLESKAR, T. The high burden of infant deaths in rural Burkina Faso: A prospective community-based cohort study. **BMC Public Health** 12: 739. 2012. doi:10.1186/1471-2458-12-739.

DIXON-SPEAR, Patricia., **We Want for Our Sisters what we want for ourselves.** 2009, INPRINT EDITIONS, Baltimore, MD.

ELOUNDOU-ENYEGUE, Parfait; GIROUX, Sarah; TENIKUE, Michel. African transitions and fertility inequality: a demographic Kuznets hypothesis. **Population and development review**, v. 43, p. 59-83, 2017.

Ezeh AC. Polygyny and reproductive behavior in Sub-Saharan Africa: a contextual analysis. **Demography**. 1997; 34:355–368.

FALEN, Douglas J. Polygyny and Christian marriage in Africa: The case of Benin. **African Studies Review**, v. 51, n. 2, p. 51-74, 2008.

FARGUES Philippe. La démographie du mariage arabo-musulman: tradition et changement, **Machreb-Machrek**, n° 116, avril-juin, p. 59-73. 1987.

FENSKE, James. African polygamy: Past and present. **Journal of Development Economics**, v. 117, p. 58-73, 2015.

FIELDER, Lauren. 10 **Polygyny in Sub-Saharan Africa.** Religion as Empowerment: Global legal perspectives, p. 221, 2016.

FIEDER, Martin *et al.* Marriage gap in Christians and Muslims. **Journal of biosocial science**, v. 50, n. 2, p. 145-160, 2018.

FINLAY, Jocelyn E.; MEJÍA-GUEVARA, Iván; AKACHI, Yoko. Inequality in total fertility rates and the proximate determinants of fertility in 21 sub-Saharan African countries. **PloS one**, v. 13, n. 9, p. e0203344, 2018.

GARENNE, Michel. 2008. Situations of Fertility Stall in Sub-Saharan Africa. **African Population Studies** 23 (2). doi:10.11564/23-2-319.

GARENNE, Michel. **Tendances de la mortalité au Burkina Faso**. 2021.

GENDREAU Francis et GUBRY Françoise, La nuptialité en Afrique: niveaux, tendances et caractéristiques socio-économiques, *in*: UIESP (éd.), **Congrès africain de population**, Dakar p 5.1.1-5.1.18. 1988. – Liège, UIESP, pag. mult.

GIBSON, M.A. AND MACE, R. Polygyny, reproductive success and child health in rural Ethiopia: Why marry a married man? **Journal of Biosocial Science** 39(2): 287–300. 2007. doi:10.1017/S0021932006001441.

GILLET-NETTING, R. AND PERRY, A. Short report gender and nutritional status at the household level among Gwembe Valley Tonga children. **American Journal of Human Biology** 17(3): 372–375. 2005. doi:10.1002/ajhb.20128.

GIBSON-DAVIS, Christina; RACKIN, Heather. Marriage or carriage? Trends in union context and birth type by education. **Journal of Marriage and Family**, v. 76, n. 3, p. 506-519, 2014.

GOLDMAN, Noreen et PEBLEY, Anne. The demography of polygyny in Sub-Saharan Africa, *in*: Ron LESTHAEGHE (ed.), **Reproduction and social organization in Sub-Saharan Africa**, p. 213-237. – Berkeley, University of California Press, 556 p. 1989.

GOODE, William J. **World revolution and family patterns**. 1963.

GOODY Jack. 1973. Polygyny, economy and the role of women, *in*: Jack GOODY (ed), **The character of kinship**, p. 175-190. London, Cambridge, Cambridge University Press, 251 p.

GROSSBARD, Amyra. **An economic analysis of polygyny: The case of Maiduguri**. *Current anthropology*, v. 17, n. 4, p. 701-707, 1976.

———. 1980. **The Economics of Polygamy**. *Research in Population Economics* 2: 321–50.

HAJNAL, John. European marriage patterns in perspective. *In*: **Population in history**. Routledge, 2017. p. 101-144.

HAJNAL, John. Two kinds of preindustrial household formation system. **Population and development review**, p. 449-494, 1982.

Hacker, J. D. 2003. **Rethinking the “early” decline of marital fertility in the United States**. *Demography* 40(4): 605–620. doi:10.1353/dem.2003.0035.

HADLEY, C. Is polygyny a risk factor for poor growth performance among Tanzanian agropastoralists? **American Journal of Physical Anthropology** 126(4): 471–480. 2005. doi:10.1002/ajpa.20068.

HERTRICH Véronique, (à paraître). **La polygamie: persistance ou réaménagement?** Le cas d'une population rurale du Mali, Cahiers québécois de démographie PDF.

Hertrich, Véronique. La polygamie: persistance ou recomposition ? Le cas d'une population rurale du Mali. **Cahiers québécois de démographie**, volume 35, numéro 2, automne 2006, p. 39–69.

HERTRICH, Véronique *et al.* **Permanences et changements de l'Afrique rurale: dynamiques familiales chez les Bwa du Mali.** 1996.

HERTRICH, V. **Polygamie et pauvreté. Tendances en Afrique de l'Ouest.** Communication au Congrès international de l'UEPA, Population et pauvreté en Afrique : relever les défis du 21e siècle, Tunis, 18-22 décembre 2003.

HERTRICH, V. Nuptialité et rapports de genre en Afrique. Tendances de l'entrée en union, 1950-99, dans T. LOCOH, dir. **Genre et société en Afrique.** Paris, INED, Les Cahiers de l'INED, n° 160: 281-307. 2007.

HERTRICH, V., et V. DELAUNAY. Adaptations matrimoniales face à deux situations de crise, aiguë ou chronique, en milieu rural sahélien, dans F. GENDREAU, dir. **Crise, pauvreté et changements démographiques dans les pays du Sud.** Paris, AUPELF-UREF/Éditions ESTEM, Collection Actualité scientifique: 249-265. 1998.

HERTRICH, V., et M. LESCLINGAND. Jeunesse et passage à l'âge adulte chez les Bwa du Mali, dans V. HERTRICH et S. KEÏTA, coord. **Questions de population au Mali.** Bamako, Le Figuier, UNFPA-Mali: 251-281. 2003.

HERTRICH, V., et M. LESCLINGAND. Transition to adulthood and gender: changes in rural Mali. Paris, INED, **Document de travail de l'INED**, n° 140, 36 p. 2007.

HERTRICH, V., et T. LOCOH. Rapports de genre, formation et dissolution des unions dans les pays en développement. Liège, **UIESP, Serie Gender in Population Studies**, éditée par Antonella Pinnelli, 62 p. 1999.

INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DE LA DÉMOGRAPHIE/BURKINA FASO AND ORC MACRO. 2004. **Burkina Faso Enquête Démographique et de Santé 2003.** Calverton, Maryland, USA: Institut National de la Statistique et de la Démographie/Burkina Faso and ORC Macro. Disponible em: <<http://dhsprogram.com/pubs/pdf/FR154/FR154.pdf>>.

Institut national de la statistique et de l'analyse économique (INSAE BENIN). **Recensement Général de la Population et de l'Habitation.** 2016. Disponible em: <[http://www.insae-bj.org/recensement-population.html?file=files/enquetesrecensements/rgph/Resultats\\_provisoires\\_RGPH4\\_2103.pdf](http://www.insae-bj.org/recensement-population.html?file=files/enquetesrecensements/rgph/Resultats_provisoires_RGPH4_2103.pdf)>. Acesso em: 6 Dez. 2020.

INSAE: Deuxième recensement général de la population et de l'habitation. MPRE, Cotonou, 48 p. 1992.

- INSAE, 1979. **Cahier des villages et quartiers de ville au Bénin (RGPH-1)**. 1979, p. 17.
- INSAE, 2002. **Caractéristiques générales de la population: résultats définitifs (RGPH3)**.
- INSAE, 2013. **Rapport provisoire des résultats du quatrième Recensement Général de la Population et de l'Habitation (RGPH 4)**. Cotonou, Bénin, p. 87.
- INSAE, 2015. **Recensement général de la Population et de l'Habitat (RGPH-4)**. Que retenir des effectifs de la population en 2013 ? Direction des études démographiques. Bénin, p. 33.
- INSEED, 2010. **Recensement général de la Population et de l'Habitat (RGPH4)**. 2010.
- INSD, 2015. **Annuaire statistique 2014**. Institut National des Statistiques et de la Démographie (INSD), Ouagadougou, Burkina Faso. Disponible en: [http://www.insd.bf/n/contenu/pub\\_periodiques/annuaires\\_stat/Annuaire\\_stat\\_nationux\\_BF/Annuaire\\_stat\\_2014.pdf](http://www.insd.bf/n/contenu/pub_periodiques/annuaires_stat/Annuaire_stat_nationux_BF/Annuaire_stat_2014.pdf).
- ISSAC, B.; FIENBERG, W. **Marital form and infant survival among the mende of rural upper Bambara Chiefdom Sierra Leone**. *Human Biology* 54(3): 627– 634. 1982.
- JACOBY, Hanan G. **The economics of polygyny in Sub-Saharan Africa: Female productivity and the demand for wives in Côte d'Ivoire**. *Journal of Political Economy*, v. 103, n. 5, p. 938-971, 1995.
- JULIUS-ADEOYE *et al.*; **Polygamy in Dramatic Texts: A Discussion around Postmodernism**; ARJASS, 9(2): 1-10; Article no. ARJASS.49952. Editor(s): (1) Dr. Abdullah Aydin, Department of Science Teacher Education, Ahi Evran University, Turkey; 2019. DOI: 10.9734/ARJASS/2019/v9i230119.
- KEBEDE, Endale; GOUJON, Anne; LUTZ, Wolfgang. Exploring the Link Between Structural Adjustment Programs, Educational Discontinuities and Stalled Fertility in Sub-Saharan Africa. In: **2017 International Population Conference**. IUSSP, 2017.
- KELLNER K, TRINDL A, HEINZE J, D'ETTORRE P. **Polygyny and polyandry in small ant societies**. *Mol Ecol*. 16:2363–2369.2007.
- CALDWELL JC.; CALDWELL P. Africa: the new family planning frontier. **Studies in Family Planning**. 2002; 33:76–86.
- KOROTAYEV, Andrey, and DMITRI, Bondarenko. Polygyny and Democracy: A Cross-Cultural Comparison. **Cross-Cultural Research**, vol. 34, no. 2, May 2000, pp. 190–208, doi: 10.1177/106939710003400205.
- LA SANTE, BUDGETISATION SENSIBLE A. **Dividende Démographique et Budgetisation Sensible a La Sante de La Reproduction au Togo**.
- LAWSON, David W.; GIBSON, Mhairi A. Polygynous marriage and child health in sub-Saharan Africa: What is the evidence for harm. **Demographic Research**, v. 39, p. 177-208, 2018.

LAWSON, David W. *et al.* No evidence that polygynous marriage is a harmful cultural practice in northern Tanzania. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 112, n. 45, p. 13827-13832, 2015.

LEESON, George W. Global Demographic Change and the Case of Low Fertility. **Population Horizons**, v. 15, n. 1, p. 1-6, 2018.

LESTHAEGHE, Ron J.; KAUFMANN, Georg; MEEKERS, Dominique. **The nuptiality regimes in sub-Saharan Africa**. Brussels, Belgium: Vrije Universiteit, 1986.

LESTHAEGHE RJ, KAUFMANN G, MEEKERS D. The nuptiality regimes in sub-Saharan Africa. **Interuniversity Programme in Demography, Vrije Universiteit Brussel**. 1986

LESTHAEGHE RJ. **Reproduction and social organization in sub-Saharan Africa**. vol. 4. University of California Press; 1989.

LOCOH, T. 1988. **Les nouvelles formes d'union à Lomé**. Communication présentée au Séminaire sur la Nuptialité en Afrique au Sud du Sahara: Changement et Impact sur la Fécondité, Paris, nov. 1988.

LOCOH, Thérèse. La nuptialité au Togo. Evolution entre 1961 et 1970. **Population (french edition)**, p. 379-398, 1976.

LOCOH, Therese; THIRIAT, Marie-Paule. Divorce et remariage des femmes en Afrique de l'Ouest. Le cas du Togo. **Population (french edition)**, p. 61-93, 1995.

LYNCH, Katherine A. The European marriage pattern in the cities: Variations on a theme by Hajnal. **Journal of family history**, v. 16, n. 1, p. 79-96, 1991.

MABASO, Musawenkosi LH; MALOPE, Nthabiseng F.; SIMBAYI, Leickness C. Socio-demographic and behavioral profile of women in polygamous relationships in South Africa: a retrospective analysis of the 2002 population-based household survey data. **BMC women's health**, v. 18, n. 1, p. 1-8, 2018.

MACHIYAMA, Kazuyo. **A re-examination of recent fertility declines in sub-Saharan Africa**. 2010.

MEIJ, J. J. *et al.* Quality–quantity trade-off human offspring under adverse environmental conditions. **Journal of evolutionary biology**, v. 22, n. 5, p. 1014-1023, 2009.

MCDERMOTT, Rose. **The evils of polygyny: evidence of its harm to women, men, and society**. Cornell University Press, 2018.

MINNESOTA POPULATION CENTER. **Integrated Public Use Microdata Series, International: Version 7.3 [dataset]**. Minneapolis, MN: IPUMS, 2020. <https://doi.org/10.18128/D020.V7.2>

MINISTÈRE DU DÉVELOPPEMENT DE L'ANALYSE ÉCONOMIQUE ET DE LA PROSPECTIVE INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DE L'ANALYSE ÉCONOMIQUE - INSAE/Bénin and ICF International. 2013. République du Bénin Enquête



Démographique et de Santé (EDSB-IV) 2011-2012. Calverton, Maryland, USA: INSAE/Bénin and ICF International. Disponível em: <<http://dhsprogram.com/pubs/pdf/FR270/FR270.pdf>>.

MINISTÈRE DE LA PLANIFICATION, DU DÉVELOPPEMENT ET DE L'AMÉNAGEMENT DU TERRITOIRE - MPDAT/TOGO, MINISTÈRE DE LA SANTÉ - MS/Togo, and ICF International. 2015. Togo Enquête Démographique et de Santé 2013-2014. Rockville, Maryland, USA: MPDAT/Togo, MS/Togo and ICF International. Disponível em: <http://dhsprogram.com/pubs/pdf/FR301/FR301.pdf>.

MURPHY, Kevin P.; RUIZ, Jason; SERLIN, David. **The Routledge history of American sexuality**. Taylor and Francis Inc., 2020.

MURDOCK GP. Ethnographic atlas: A summary. **Ethnology**. 1967; 6:109–236.

OMARIBA, D. Walter Rasugu; BOYLE, Michael H. Family structure and child mortality in sub-Saharan Africa: Cross-national effects of polygyny. **Journal of marriage and family**, v. 69, n. 2, p. 528-543, 2007.

OLIVEIRA ROTONDANO, Ricardo. Cultura e ética na formação familiar: a poligamia e a sua repressão no ocidente. **Revista de bioética y derecho**, n. 38, p. 87-99, 2016.

PILON, Marc. Contribution à l'analyse de la polygamie. **Étude de la population africaine**, n. 5, p. 1-17, 1991.

PISON, Gilles. Dynamique d'une population traditionnelle. Démographie, apparemment et mariage dans une population d'effectif limité: les Peul Bandé (Sénégal oriental). **Institut National d'Etudes Démographiques Paris**, n. 99, p. 1-278, 1982.

PISON, Gilles. La démographie de la polygamie. **Population (French Edition)**, p. 93-122, 1986.

POLLET, Thomas V.; NETTLE, Daniel. Market forces affect patterns of polygyny in Uganda. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 106, n. 7, p. 2114-2117, 2009.

PRESTON, Samuel H.; HEUVELINE, Patrick; GUILLOT, Michel. [BOOK REVIEW] demography, measuring and modeling population processes. **Population and Development Review**, v. 27, n. 2, p. 365-367, 2001.

ROSS, Cody T. *et al.* Greater wealth inequality, less polygyny: rethinking the polygyny threshold model. **Journal of The Royal Society Interface**, v. 15, n. 144, p. 20180035, 2018.

ROSSI, Pauline. Strategic choices in polygamous households: Theory and evidence from Senegal. **The Review of Economic Studies**, v. 86, n. 3, p. 1332-1370, 2018.

SCHOUMAKER, Bruno. Stalls in Fertility Transitions in sub-Saharan Africa: Revisiting the Evidence. **Studies in family planning**, v. 50, n. 3, p. 257-278, 2019.

SEAR, R.; STEELE, F.; MCGREGOR, I.; MACE, R. **The effects of kin on child mortality in rural Gambia**. *Demography* 39(1): 43–63. 2002. doi:10.1353/dem.2002. 0010.

SELLEN, D.W. **Polygyny and child growth in a traditional pastoralist society: The case of the Datoga of Tanzania.** *Human Nature* 10(4): 329–371.1999. doi:10.1007/s12110-999-1007-8.

SELLEN, D., BORGERHOFF MULDER, M., and SIEFF, D.F. **Fertility, offspring quality and wealth in Datoga pastoralists: Testing evolutionary models of intersexual selection.** In: Cronk, L. and CHAGNON, N. (eds.). *Adaptation and human behavior: An anthropological perspective.* New York: Aldine de Gruyter: 87– 110.2000.

SEARCY, William A.; YASUKAWA, Ken; LANYON, Scott. Evolution of polygyny in the ancestors of red-winged blackbirds. **The Auk**, v. 116, n. 1, p. 5-19, 1999.

SIRI, Alain; SANOGO, Souleymane. Déterminants et sources de la baisse de la mortalité infantile au Burkina Faso. **Revue Espace Territoires Sociétés et Santé**, v. 3, n. 6, p. 167-190, 2020

SMITH-GREENAWAY E., TRINITAPOLI J. Polygynous contexts, family structure, and infant mortality in sub-Saharan Africa. **Demography**. 2014 Apr;51(2):341-366. DOI: 10.1007/s13524-013-0262-9. PMID: 24402794; PMCID: PMC3974908.

STRASSMANN, B.I. Polygyny as a risk factor for child mortality among the Dogon. **Current Anthropology** 38(4): 688–695. 1997. doi:10.1086/204657.

STRASSMANN, Beverly I. Cooperation and competition in a cliff-dwelling people. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 108, n. supplement\_2, p. 10894-10901, 2011.

TABUTIN, Dominique; SCHOUMAKER, Bruno. La démographie de l'Afrique subsaharienne au XXI<sup>e</sup> siècle. **Population**, v. 75, n. 2, p. 169-295, 2020.

TABUTIN, Dominique; SCHOUMAKER, Bruno. La démographie de l'Afrique au sud du Sahara des années 1950 aux années 2000. **Population**, v. 59, n. 3, p. 521-622, 2004.

TENIKUE, Michel; ELOUNDOU-ENYEGUE, Parfait; GIROUX, Sarah. Are African Transitions Even? A 'Demographic Kuznets' Hypothesis. In: **2017 International Population Conference.** IUSSP, 2017.

TERTILT, Michele. Polygyny, fertility, and savings. **Journal of Political Economy**, v. 113, n. 6, p. 1341-1371, 2005.

THIBAULT, Helene. **The Many Faces of Polygyny in Kazakhstan.** 2021.

THIOMBIANO, Bilampoa Gnoumou. Union breakdown in West African cities: The cases of Ouagadougou and Lomé. **Demographic Research**, v. 37, p. 101-128, 2017.

TIMÆUS, Ian M.; REYNAR, Angela. Polygynists and their wives in sub-Saharan Africa: an analysis of five Demographic and Health Surveys. *Population Studies*, v. 52, n. 2, p. 145-162, 1998.

UNITED NATIONS/DESA (2019): World Population Prospects 2019: **Highlights (ST/ESA/SER.A/423).** Disponible en: [https://population.un.org/wpp/Publications/Files/WPP2019\\_Highlights.pdf](https://population.un.org/wpp/Publications/Files/WPP2019_Highlights.pdf).

UGGLA, Caroline; GURMU, Eshetu; GIBSON, Mhairi A. Are wives and daughters disadvantaged in polygynous households? A case study of the Arsi Oromo of Ethiopia. **Evolution and Human Behavior**, v. 39, n. 2, p. 160-165, 2018.

UGGLA, Caroline; MACE, Ruth. Parental investment in child health in sub-Saharan Africa: a cross-national study of health-seeking behaviour. **Royal Society open science**, v. 3, n. 2, p. 150460, 2016.

VAMPO, Charlotte. Les cheffes d'entreprise et jeunes entrepreneures de Lomé (Togo): des «superwomen» de la double journée de travail professionnel et domestique? **Enfances Familles Générations. Revue interdisciplinaire sur la famille contemporaine**, n. 29, 2018.

VEDIE, Henri-Louis. LA TRANSITION DÉMOGRAPHIQUE: UN ENJEU MAJEUR POUR L'AFRIQUE TROPICALE. **Comité Scientifique**, p. 70, 2017.

VAN DE WALLE, É. **African households: censuses and surveys**. ME Sharpe; 2006.

VIMARD, Patrice. Modernité et pluralité familiales en Afrique de l'Ouest. **Revue Tiers Monde**, p. 89-115, 1993.

WAGNER, Natascha; RIEGER, Matthias. Polygyny and child growth: Evidence from twenty-six African countries. **Feminist Economics**, v. 21, n. 2, p. 105-130, 2015.

WAMWARA, John Joseph. A Case for Legalizing Polygamy in Western Societies: Lessons from the Global South, 37 *Law and Society Review*; 75 (2019).

WHITE, Douglas R.; BURTON, Michael L. Causes of polygyny: Ecology, economy, kinship, and warfare. **American Anthropologist**, v. 90, n. 4, p. 871-887, 1988. 6.2.

WESTOFF, Charles F.; ORC MACRO, Calverton. **Trends in marriage and early childbearing in developing countries**. 2003.

WOOLDRIDGE, Jeffrey M. **Introductory econometrics: A modern approach**. Cengage learning, 2015.

ZEITZEN, MK. **Polygamy: A cross-cultural analysis**. Berg Publishers; 2008.

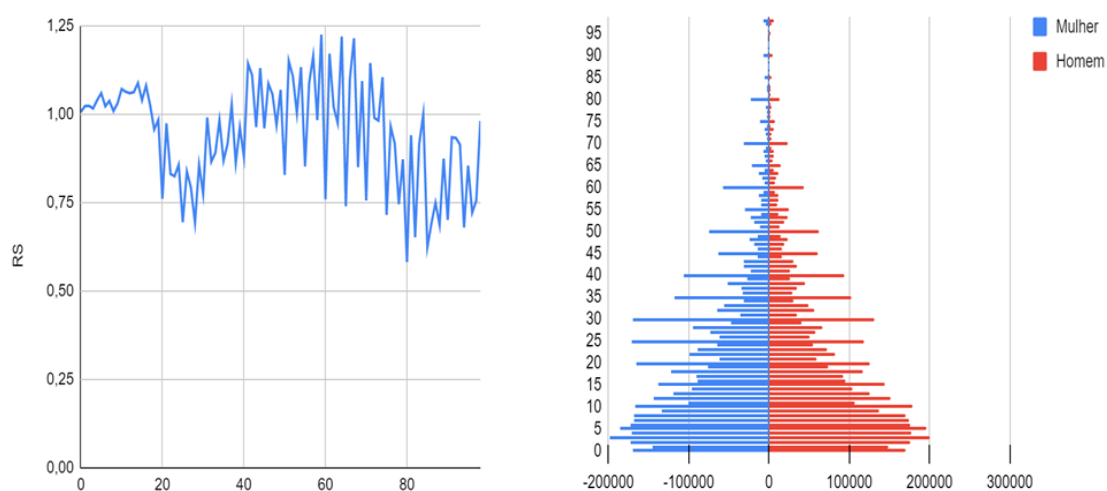
ZEITZEN, Miriam Kocktvedgaard. Polygamy (Polygyny, Polyandry). **The International Encyclopedia of Anthropology**, p. 1-2, 2018.

**Anexo 1 - Breves análises das pirâmides e razão de sexo de Benim, de Burkina Faso e do Togo.**

Como forma de se verificar a consistência dos dados, foram feitas análises com grupos de idade simples e agrupados para razão de sexo e para pirâmide etária.

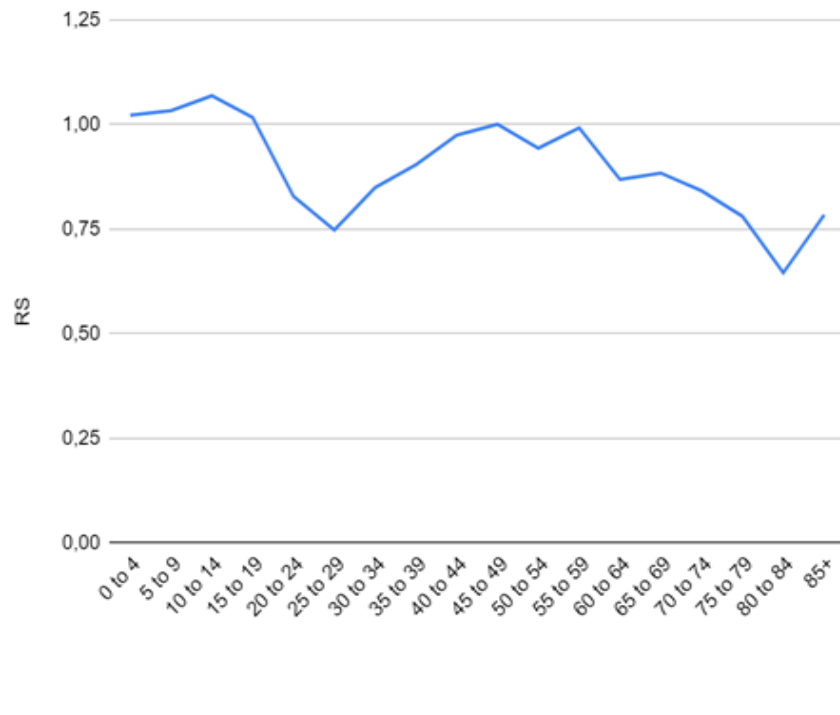
- **BENIM, 2013**

**Figura A1:** Pirâmide e a razão de sexo da população do Benim, em 2013, considerando a idade simples



**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, IPUMS- I-2021

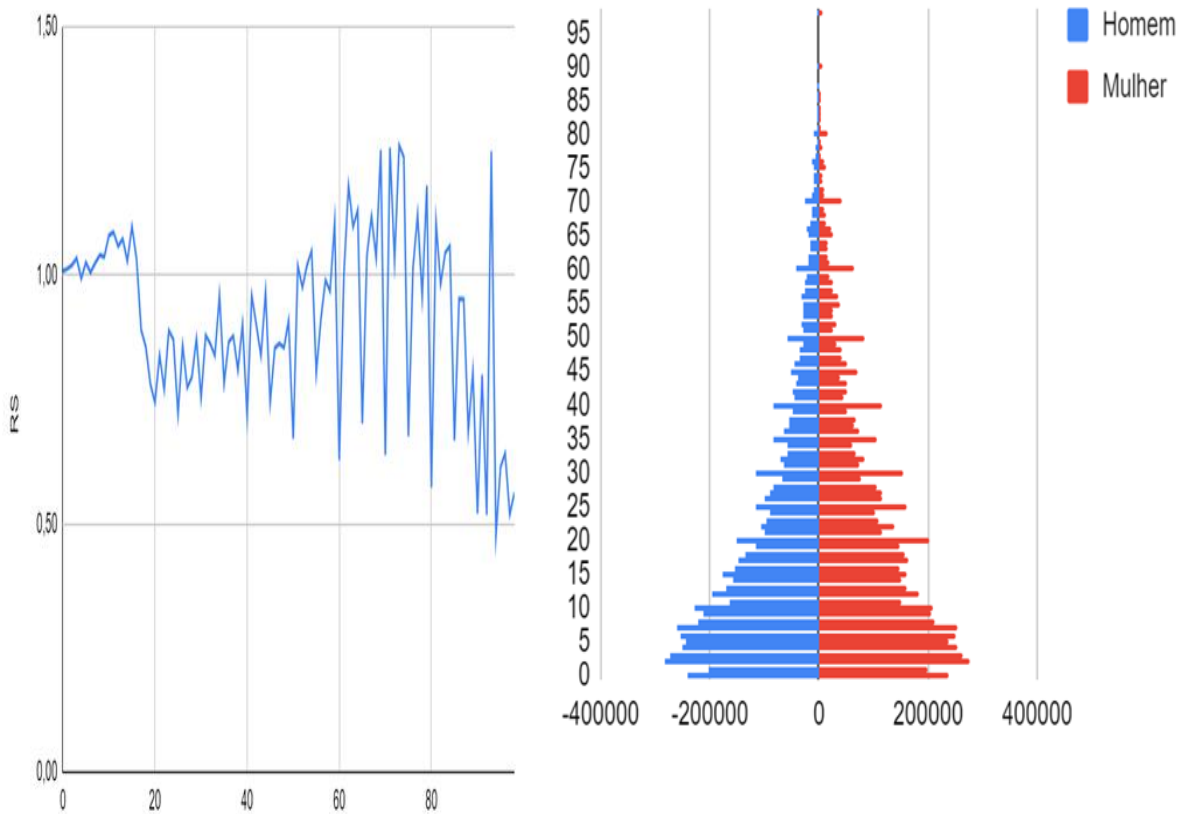
**Figura A2:** Pirâmides e a razão de sexo da população do Benim, em 2013, considerando a idade agrupada.



**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSAE 2013, IPUMS- I-2021

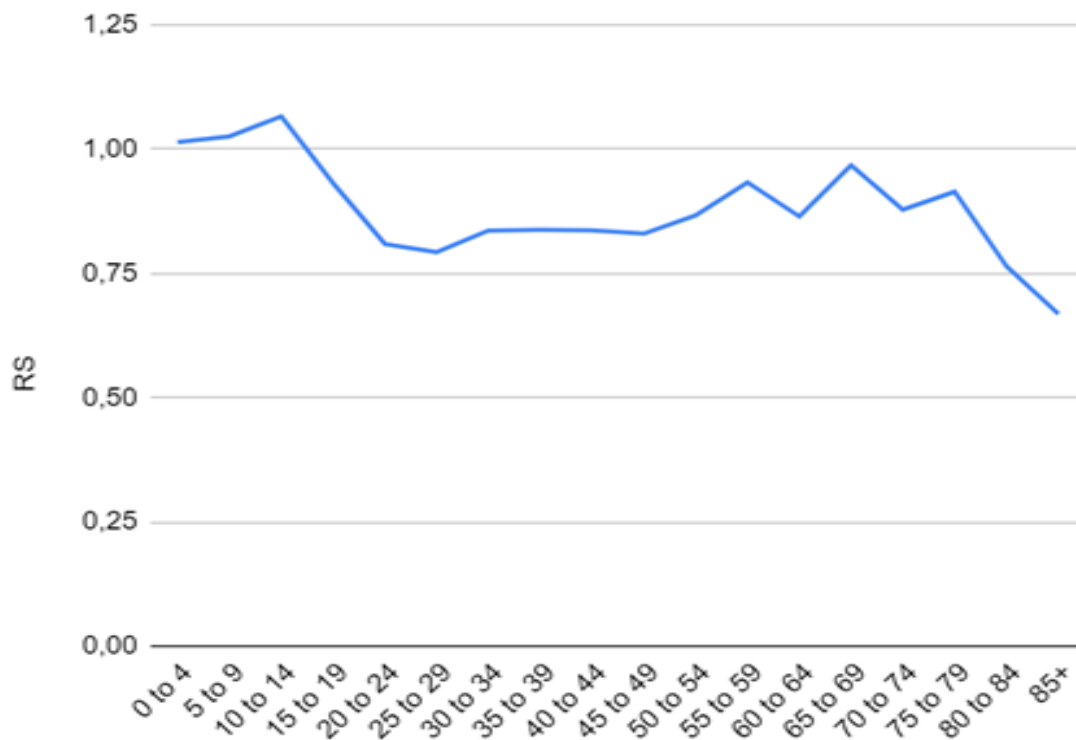
- **BURKINA FASO, 2006**

**Figura B1:** Pirâmide e a razão de sexo da população em Burkina Faso, em 2006, considerando a idade simples.



**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSD 2006, IPUMS- I-2021

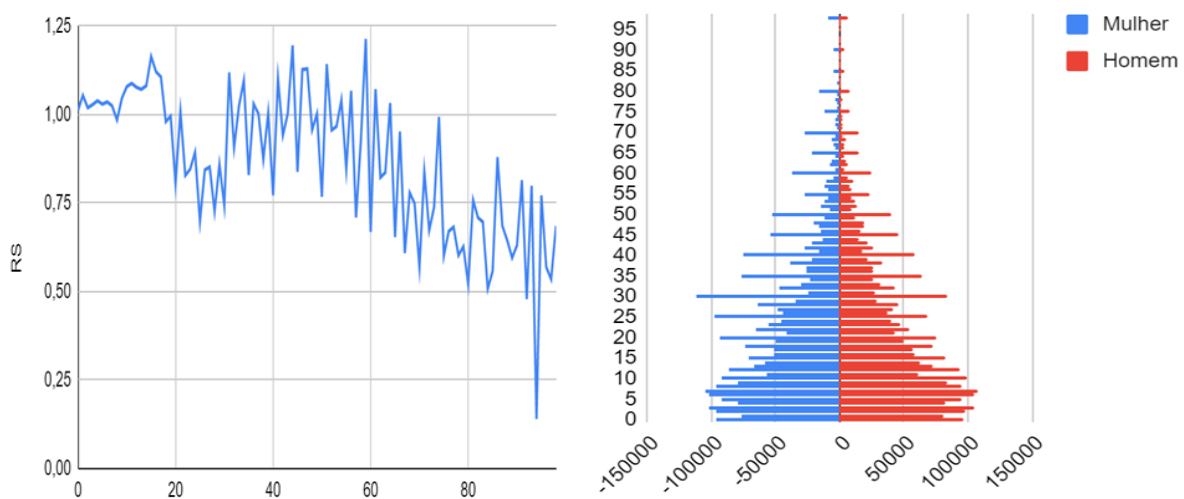
**Figura B2:** Estrutura etária e a razão de sexo da população de Burkina Faso, em 2006, considerando a idade agrupada.



Fonte: Elaboração própria a base dos dados de INSD 2006, IPUMS- I-2021

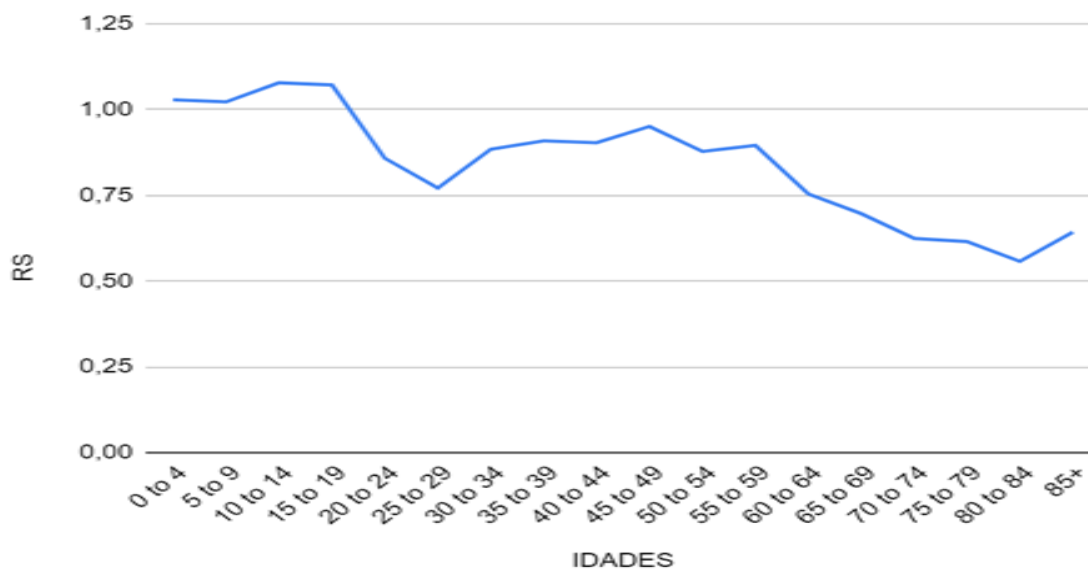
- **TOGO, 2010**

**Figura C1:** Pirâmide e a razão de sexo da população do Togo, em 2010, em idade simples.



Fonte: Elaboração própria a base dos dados de INSEED 2010, IPUMS- I-2021.

**Figura C2:** Pirâmide e a razão de sexo da população do Togo na idade agrupada, em 2010.



**Fonte:** Elaboração própria a base dos dados de INSEED 2010, IPUMS- I-2021

As figuras representam as razões de sexo e as pirâmides etárias para idades simples e agrupadas para os três países. A razão de sexo superior a 100% para as idades mais jovens indica uma predominância de sexo masculino. Em contrapartida, valores inferiores a 100% para as idades mais elevadas indicam o predomínio feminino. As pirâmides etárias tem base larga e topo estreito, típico de regiões com altas taxas de fecundidade e mortalidade. Enfim, as figuras com idades simples mostraram uma preferência na declaração de dígitos nos dois sexos.